FON FON
ANNO XXV — N.° 48
Rio, 28 de Novembro de 1931
PREÇO: 1$000

Aristocratas

PELA sua pureza, pelo seu prestigio, pela sua excellencia no mundo da therapeutica a

CAFIASPIRINA

impoz-se á sympathia e ao respeito do publico. Remedio para todas as classes elle é, entretanto, o remedio aristocrata que não se confunde com imitações e succedaneos. Recommenda-o a "Cruz Bayer"; consagra-o a sua provada efficiencia na cura de todas as dôres e a virtude caracteristica de ser de todo inoffensivo.

Por isso é universalmente proclamada

o remedio de confiança

•

Exija-se a emballagem original: tubos de 20 comprimidos, envelappes de 2 e discos de um comprimido.

•

O conto brasileiro

DESTINO — DE J. C. NOGUEIRA RIBEIRO

RENATO PIZA fechou, num gesto desolado, o volume que tinha á sua frente. Positivamente, não conseguia lêr... Desde o momento em que, quasi brutalmente, se rompêra seu noivado com Lucia, tudo lhe parecia sem encantos. Tudo amargava. Aquella mesma novélla, cuja leitura havia deixado a meio e agora tentava concluir, não tinha mais o dom, outróra irresistivel, de concentrar sua attenção. Lucia, só Lucia o attrahia! Ella, só ella!...

E Renato, descançando nas mãos a fronte torturada, recordou, pela centesima vez, a scena do rompimento. Fôra á noite. Na sacada, os dois. Lá fóra, o jardim enfeitado de rosas, de onde subia até elles um aroma penetrante e bom...

E por que se desavieram? Renato, elle proprio, difficilmente o diria. Ciumes... Ciumes infundados a que déra ouvidos, accusando impiedadamente aquella que sabia, em seu intimo, incapaz de enganal-o em coisa alguma.

Lucia sentira-se offendida e tivéra razão para tanto, deixando-o assim, aniquillado e experimentando já as primicias do arrependimento, depois de jurar, entre lagrimas amargas, que jamais o perdoaria.

E elle — que fazer? — retirára-se, sentindo que em sua vida se abria o vacuo e que uma dôr immensa tomava posse de sua alma, para, depois, promettesse embóra a si mesmo que havia de esquecer aquelle amôr, sentir, a cada momento, que perder Lucia lhe era impossivel.

Aquella menina, mixto de candura e mysticismo em seus radiosos dezoito annos, tivéra o condão de o fascinar inteiramente. Possuira, desde o dia mesmo em que fôra vista, todo o seu affecto e, de par com esse affecto, uma quasi veneração, que a tornava divina aos seus olhos. Fizéra-se, emfim, a razão mesma de sua existencia: era e seria sempre a idolatrada.

* * *

Recordando, Renato sentia, mais do que nunca, a miseria daquella situação. Não poderia, definitivamente, viver sem o seu grande amôr. Quinze dias eram decorridos, depois do rompimento, e nem um só dia experimentára elle alguma paz. A desesperação, uma desesperação insustentavel o consumia: era-lhe Lucia a propria vida.

Pensára já, muitas e muitas vezes, em procural-a e supplicar-lhe que o perdoasse, mas seu orgulho aquelle orgulho indomavel que herdára dos avós, nobres de Hespanha, o manietava nesses momentos e lhe prohibia tal extremo.

Dessa vez, todavia, comprehendendo bem que apenas dois caminhos — o amôr de Lucia ou o suicidio — se abriam deante delle, e repugnando-lhe o segundo, vereda de vencidos, Renato se resolveu, num esforço violento sobre si mesmo, a procurar a sua amada.

Lucia era bôa e o amava tambem: não se negaria, pois, a perdoal-o. Sim! Reconsiderando um desses juramentos banaes que, feitos num impulso irreflectido, nada representam, Lucia o perdoaria...

E Renato, sentindo, á simples resolução, que o mundo era ainda bello e sorvendo, em sua plenitude, o nectar inegualavel da esperança, abafou em seu coração um ultimo lampejo de soberba e se pôz, docemente, gostosamente, a trautear uma canção em moda, como o naufrago que, perdido em pleno oceano, visse surgir de subito um barco e, com elle, a salvação...

* * *

Meia hora depois, o coração aos saltos, Renato se detinha em frente á casa de Lucia.

A rua estava silenciosa. Uma leve aragem trazia ás suas narinas o perfume das rosas, e elle sentiu, mais forte, aspirando esse aroma, a saudade daquella a quem ia implorar que o perdoasse.

Dirigiu-se, afinal, resolutamente, para a porta. Quando, porém, se dispunha a bater, abriu-se esta suavemente e uma criadinha surgiu, detendo-se á vista delle.

Renato, que a não conhecia, formou rapidamente o plano de saber, por meio della, alguma coisa do que tinha sido, nos ultimos dias, a vida de Lucia, e aquilatar das suas disposições para com elle. E, nessa intenção, depois de collocar, nas mãos da criadinha, uma quantia convincente, interrogou-a.

— Trabalhas aqui?

— Sim, meu senhor...

— Ha pouco tempo?

— Ha dez dias, meu senhor...

— A menina Lucia está?

— "Mademoiselle" está, sim senhor...

— E vive triste, ultimamente?

— Vivia, meu senhor... Hoje, porém, já está mais contente...

Renato sentiu, a essa resposta, como que uma punhalada na alma. E, notando que a criadinha trazia nas mãos uma carta, teve um presentimento:

— De quem é essa carta?

— De "mademoiselle", meu senhor... Diz ella que é para um namorado e me recommendou que a levasse depressa. Adeus, meu senhor...

E, dito isso, a criadinha partiu, quasi a correr, sem que Renato conseguisse saber a quem era dirigida a missiva.

Que lhe importava, porém, esse pormenor? Dirigida a um namorado: era o bastante. Lucia, aquella a cujos pés elle tencionava ajoelhar-se, tinha já um namorado! Esquecêra-o, pois, em tão poucos dias e, com esse esquecimento facil, provava-lhe que lhe não tinha amôr verdadeiro, que era voluvel e caprichosa como as outras mulhéres...

E, então, incapaz de viver sem ella e mais do que nunca aniquilado por aquella ingratidão, Renato Piza reconheceu que um só caminho lhe restava e, cabisbaixo, tomou um taxi e regressou á sua casa, naufrago para quem a salvação entrevista se havia revelado um chimóra...

* * *

No gabinete de estudos, quinze minutos mais tarde, fitando, num longo olhar de despedida, os bibelots e estatuetas que o guarneciam, Renato Piza se matava, num grande gesto de renuncia á existencia, que se lhe tornára um supplicio. E o estampido de seu revolver, ecoando até a rua, foi ainda assustar Fernanda, a criadinha. Esta, naquelle momento, chegava á porta do elegante palacete, afim de entregar a Renato a carta de que era portadora, e que trazia, vindas do coração de Lucia, palavras de amizade e de perdão...

MULHER COMPRADA

COM os olhos injectados, desmedidamente abertos, os cabellos em desalinho, os labios convulsos, Lucio Siqueira contemplava febricitante os gyros da roleta. Sobre o panno numerado, entulhado, estavam o restante de todo o seu dinheiro e tambem a ultima parte de sua herança. A roleta deixou de rodar e um sujeito gritou:

— Oitenta e quatro!

Outro individuo, com ligeireza, como si estivesse entre ladrões a ponto de o assaltarem, arrastou num impeto as importancias jogadas na parada. Lucio, vendo seu dinheiro correr para o bolso voraz do banqueiro, deixou cahir a cabeça sobre o peito, desconsoladamente, e não poude reprimir um suspiro de amargura. Puxou do lenço e enxugou as bagas de suor que lhe escorriam da testa. Abandonando sua cadeira junto á banca, que foi immediatamente occupada por outro jogador, dirigiu-se a um pequeno jardim que circumdava o casino. A um lado, pares rodopiavam ao som de um *jazz* barulhento. Elle divulgou, entre outras pessôas, a loira e trefega Mona.

— Olá, Lucio! — exclamou ella, ao se defrontar com o jogador fallido.

— Olá!

— Então, por que estás com essa cara de "pega-meninos"? — inquiriu a moça, sorrindo, como si não adivinhasse logo a causa, frequentadora, que era, do casino.

— O jogo... — tartamudeou.

— E' da vida, meu caro.

— Sim....

Sentaram-se sobre um banco de marmore.

Após breve silencio, Mona disse:

— A quanto sobe o prejuizo?

— Toda a herança dagua abaixo — respondeu tristemente o rapaz.

A interlocutora, vendo que sua indiscreção perturbava o rapaz, tratou de mudar de assumpto.

— Como vae a Carminha?

— Bem, obrigado.

Lucio respondia sempre com laconismo, quando não com meneios de cabeça. Vendo a moça que o rapaz, devido ao seu estado de espirito, não estava para conversas, deu de hombros e, pretextando qualquer coisa, afastou-se, deixando o jogador mergulhado em seus pensamentos. Lucio permaneceu muito tempo assim, indifferente a tudo. Ergueu-se do banco e, com passos firmes, retirou-se da casa que o arruinára.

A lufada de vento que inundou o rosto abrazado do jogador fêl-o aclarar as idéas e pensar mais a fundo em sua situação, alliviando do cerebro os pensamentos terrificantes que o martyrizavam. Do casino á casa de Lucio distava um bom pedaço. Sem dinheiro, o jogador não pudéra tomar um taxi. Resolvêra, pois, e esta fora a medida mais acertada, visto como não corriam mais bondes áquella hora, fazer o trajecto a pé. Lucio Siqueira fôra creado em luxuoso ambiente. Menino mimado, com os paes a lhe adivinharem todos os pensamentos, por mais extravagantes e absurdos que fossem, crescêra e se fizéra homem, sem conhecer o mais insignificante trabalho. Morrêra-lhe a mãe e, pouco depois, o pae, deixando ao filho, unico herdeiro, magnafica herança, que, na mão de outro, se teria duplicado, triplicado. Entretanto, senhor da fortuna, elle se entregou completamente ao jogo, até a ocasião em que, como vimos, se arruinou completamente. Entrando em casa, o rapaz encaminhou-se, pé ante pé, á alcova nupcial. Teria sido o unico passo acertado do que déra Lucio Siqueira em sua vida, si não fôra a circumstancia e as consequencias do matrimonio. Elle arranjára, caprichoso como fôra creado, á custa da fortuna que possuia, dos braços de Romildo Fragoso, pobre, que a amava sinceramente, Carminha, sua actual e desditosa esposa. Ella jamais quizéra casar com Siqueira. Porém, tanto insistiram seus paes, que a moça accedeu, desprezando, a contra gosto Romildo, para unindo-se a Lucio satisfação de seus paes e infelicidade sua. Inutil como sempre fôra, Lucio se entregava a toda sorte de divertimentos deixando em casa a esposa, figura caricata, no mais infame e deshumano isolamento da vida exterior. Para justificar essa barbaridade, elle se cingia de ciumento, como si todos não soubessem que para se ter ciume, se precisa amar, e Lucio Siqueira jamais amára a ninguem nesta vida, sinão á sua propria pessôa. Casado apenas em casa, na rua, elle arrancava a mascara de casado e, livre, libertino, se entregava ás suas farras e especialmente ao jogo que o fascinava. Elle mudou a roupa e se metteu logo na cama, afogando no somno as inquietações do seu espirito. No dia seguinte, quando, á tarde, Lucio despertou, Carminha, aliás, já encontrou Carminha de envolta com os afazeres domesticos. Ao dar cara a cara com a sua esposa, o marido saudou-a com indifferença. Carminha, pela physionomia do rapaz, notára que qualquer coisa de terrivel, que ella esperava havia tempo, se passava no seu sub-consciente. E, deixando-se cahir sobre uma cadeira, desatou a chorar. Lucio ouvindo os soluços da

De Nelson Nogueira Pinto

mulher, dirigiu-se ao ponto em que ella estava.

— Por que choras, Carminha?

— Noto, pela tua physionomia transtornada, que qualquer coisa de anormal se passa no teu intimo... E é justamente o que eu esperava havia muito... Tu te arruinaste!...

Contemplando estatelado a esposa, sentido no ouvido ainda o som de suas palavras e descoberto, Lucio não teve coragem de negar a verdade.

— Sim... Carminha... adivinhaste tudo...

— E agora — proseguiu ella — arruinados, que havemos de fazer? Tu és um indolente, um imprestavel. Jamais tiveste uma idéa que te dignificaste. Levaste tua vida como um ser inutil, que vem ao mundo cumprir unicamente seu destino. Arrancaste-me, valendo-te do teu miseravel dinheiro, que jogaste fóra sobre uma banca de jogo, aos braços de Romildo, que me amava e era amado, somente para satisfazeres a teus caprichos, pois que um dia me desejaste. Desde o nosso casamento tenho vivido encerrada nesta casa, como uma criminosa tolhida em sua liberdade, e tu, livre, a te entregares aos prazeres de toda especie e ao jogo, a coisa infernal de tua predilecção! Agora, confessas-me que estás arruinado! E eu, que poderia ser, hoje, uma mulher feliz, si estivesse casada com Romildo e não te fosse vendida por meus paes!

Carminha não poude proseguir. O chôro lhe embargava a vóz. Porém, o que ella disséra, estoicamente, ao marido, que, livido, a escutava, fora como uma confissão sincera que faz alliviar, aos pés do padre, no confessionario, as magoas do espirito de um peccador attribulado.

Lucio, impotente, deante da esposa, murmurou simplesmente:

— Tens razão.

Depois, tomando entre as suas, geladas e tremulas, as mãos da esposa, febris e crispadas, perguntou:

— Então, Carminha, é verdade que amas ainda Romildo?

Carminha hesitou. Depois, firme:

— Sempre o amei e o amo.

E mais:

— A ti, eu sempre desprezei, porque fui, não ousas dizer o contrario, uma mulher comprada.

Lucio meneou a cabeça. A mulher falava a verdade, pura, crystallina.

— Serás capaz de confessar mais uma vez, Carminha, que amas Romildo?

— Sim, amo-o.

— E a mim?

— Mais uma vez, repito: desprezo-te!

Nos olhos de Lucio fuzilou um relampago.

Retirou-se, esmagado, considerando-se um ser abjecto em se comparando com a esposa.

* * *

Romildo Fragoso estava acabando de barbear-se quando Lucio se fez annunciar. O rapaz, solicito, fez entrar o homem que lhe arrebatára das mãos a mulher que amava para a infelicitar.

— Que deseja, cavalheiro?

— Romildo, amas ainda Carminha? — perguntou Lucio, sem preambulos.

Romildo quedou-se como que medindo a extensão das palavras que ia pronunciar em resposta.

E sem tibieza, alisando o cabo de um revolver que tinha no bolso:

— Sim, sempre a amei e a amo.

Siqueira tamborilava com os dedos sobre uma pequena banca que lhe estava proxima.

— E acaso serias capaz de te unires a ella caso me divorciasse?

Romildo fitou-o e no seu rosto se estampou indizivel alegria.

— Oh! sim! Que não faria eu para a possuir?

— Pois bem. Dou-te a opportunidade agora. Cubiçal-a um dia. Como sempre vira meus caprichos satisfeitos, ajudado pelo meu dinheiro fui, esposo de Carminha. Como fomos infelizes! Agora, ingressando no caminho do dever e conhecendo como são diametralmente oppostos nossos genios e devido á confissão tacita de vocês dois que se amam ainda...

— Que! Carminha continúa a amar-me? Será verdade? — interrompeu Romildo, radiante.

— Sim confessou-m'o ha pouco.

— Como sou feliz!

— ... Desejo apreciar uma felicidade que estraguei com meu capricho ao par com meu dinheiro, que infelizmente o jogo, hontem, acabou de tragar.

— Queres dizer que estás arruinado?

— Sim.

E Lucio, entrando no terreno que o levára alli:

— Divorcio-me de Carminha. Dou-t'a. Em troca, desejo uma recompensa tua.

— Qual? Dize.

— Dá-me cinco contos de reis para fazer minha vida.

Romildo escutou-o com attenção e respondeu, lembrando-se de uma casinha que possuia e que, vendida, se converteria no dinheiro pedido por Lucio.

— Dou-te os cinco contos.

— Quando?

— Ao fim de uma semana.

* * *

— Com certeza?
— Palavra de honra.
— E não poderás arranjar-me o dinheiro antes?
— Não garanto.
— Por que?
— Para entrar com o dinheiro, necessito vender uma casinha que possúo. Portanto, para achar comprador e tratar dos papeis relativos á venda, etc, preciso de um prazo de sete dias.
— Está bem. E poderei, logo, ir tratar do divorcio?
— Sim.

Lucio estirou a mão a Romildo, que a apertou com avidez. Quando o rapaz se retirou, Romildo pensou:
— Devo falar com Carminha e me certificar de que ella, de facto, me ama ainda, embora occultando-lhe por emquanto, a minha conversação com Lucio, ha pouco.

* * *

CARMINHA recebeu-o amavelmente, embora um pouco agitada ainda pelos acon-

A MULHER COMPRADA

(Conclusão)

tecimentos anteriores. Romildo sondou o pensamento da amada e falou:
— Tens sido infeliz com Lucio, não?
— Muito, muito!
— E falam por ahi que elle está arruinado.
— Infelizmente, é verdade. Mais uma desdita para mim, — mulher comprada, esposa de nome apenas.

Romildo moveu a cabeça, em signal de affirmação.
— Por que te não divorcias de Lucio?

Carminha olhou-o com seus olhos marejados de lagrimas.
— E tu, acaso fosse eu livre outra vez, me quererias?
— Por que não? E's para mim a mesma Carminha de sempre e no meu coração occupas um throno.

A moça não se poude conter e se lançou aos braços de Romildo, que a beijou com soffreguidão.

* * *

ROMILDO entrou para Lucio com os cinco contos de reis promettidos e, doido de alegria, correu para Carminha. Encontrou-a sorumbatica, fitando tristemente o solo.
— Estás livre, meu amor!

A moça ergueu a cabeça. Vendo o amado, sorriu e ambos, abraçados, architectavam castellos para a nova vida que iam encetar.

* * *

LIVRES, emfim, dos convidados e Carminha, casados ficaram a sós em casa.
— Então, estás satisfeita? — inquiriu Romildo, envolvendo a esposa numa caricia.
— Sim, as portas dos céos se me abriram.

O rapaz riu e depositou-lhe um beijo na testa.
— Custou-me, querida, tornar a conseguir-te!
— A felicidade melhor é aquella que custa a chegar.
— E' verdade... é verdade... Eu me sinto tão feliz... embora me tenha sacrificado tanto por ti...
— Como te sacrificaste?
— Sim. Imagina que para te livrar de Lucio e podermos gozar esta felicidade agora, me desfiz da casinha que possuia e lhe dei cinco contos de reis para se divorciar.
— Déste a Lucio cinco contos de reis?
— Dei-os. Mas por esta felicidade daria até minh'alma quanto mais tão ridicula importancia.

O rapaz puxou-a de encontro ao peito. Carminha, porém, com gesto brusco, afastou-o de si, emquanto murmurava, chorando, e escondia o rosto entre as mãos:
— Meus Deus, por que eu nasci para ser uma mulher comprada?!

O QUE SE DEVE SABER

OS AMULETOS NA HISTORIA

Os Santos Padres e os Concilios prohibiram algumas praticas do paganismo, considerando os amuletos como uma revivescencia idolátra que precisavam fazer desapparecer. A este respeito o abbade Thiers cita um sem numero de referencias dos Papas e os canones de varios concilios.

As leis civis tambem prohibiam o uso dos amuletos: o imperador Constancio vedou o emprego de amuletos e outras praticas para a cura de enfermidades. Esta lei, posta em vigor por Ammiano Marcellino, foi executada de modo tão severo que Valentiniano fez morrer em horrivel supplicio uma velha feiticeira que curava febres e outras doenças com palavras magicas, mandando cortar, tambem, a cabeça a um joven que, utilizando-se de um pedaço de marmore pronunciava, ao tocal-o sete letras do alphabeto, com o fim de, assim, curar as dores do estomago. Esta lei, porem, foi burlada. Os supersticiosos eram a maioria e os que lhes exploravam a credulidade começavam a fazer amuletos com pedaços de papel nos quaes se escreviam versiculos das Escripturas Sagradas.

Este expediente logrou a begnidade das leis, sendo encarregados os sacerdotes de regularizarem o seu uso.

Os gregos modernos, quando doentes, escrevem o nome de sua enfermidade em um papel triangular, que fixam á porta do seu quarto, merecendo-lhes grande fé semelhante amuleto.

O começo dos envangelhos de S. João é considerado como excellente preservativo para muitos males, e muita gente não se separa desse "amuleto".

Lê-se em velha chronica sobre Dom Ursino que sua mãe, quando elle era pequenino, sempre que o mandava a São Thiago de Compostela, punha-lhe ao pescoço um amuleto que um chefe mouro dera a seu esposo e que tinha a virtude de amansar os animaes ferózes. Um dia, ao atravessar um bosque, uma ursa arrebatou a creança das mãos da ama, levando-a para a sua furna. Longe, porem, de fazer-lhe mal creou-a com ternura e desvello, tornando famoso o menino que, mais tarde, se chamou D. Ursino, nome devido á ursa que o creara, e que seu pae lhe deu, em reconhecimento, á bondade da selvagem ama de seu filho. D. Ursino, segundo á lenda, succedeu a seu pae no throno de Navarra.

Sr. Martin Goldhardt

MULHER

No solar da baroneza de Sans-Souci festejava-se o anniversario de sua neta, a formosa Zulma.

A illustre e sympathica titular era incansavel em cumular a todos de gentilezas e sorrisos captivantes.

A certa hora, quando todo mundo dançava, ria e dava expansões á alma, sob a influencia da musica buliçosa de um selecto "jazz-band", resolvi procurar o socego de uma varanda situada ao lado do jardim da bella residencia. Alli chegando, se me deparou o dr. Ramsay de de Hollanda, illustre advogado e figura de escól no meio social do Rio de Janeiro.

Si bem que não fosse intimo do dr. Ramsay, comtudo, já lhe havia sido, em tempos, apresentado. Não hesitei, por isso, em acercar-me delle. Cumprimentei-o respeitosamente e elle correspondeu-me com um sorriso acolhedor, indicando-me uma poltrona de couro verde garrafa.

— Queira sentar-se, meu caro senhor.

— Obrigado, doutor! — respondi, ao mesmo tempo que tomava logar junto ao conhecido causidico.

— Então, o doutor não aprecia as danças modernas?

— Não tanto, meu amigo — disse, com olhar pensativo. — Sómente minha filha poderia arrastar-me até aqui. Ella é amiguinha de mlle. Zulma e esta insistiu para que eu a trouxesse. E' natural. No verdor dos dezesete annos estas coisas são até necessarias.

Nesse momento, os sons dolentes de um tango argentino estrugiram no espaço, electrizando os corpos colleantes, que pareciam suspensos por notas musicaes. Aquella musica nostalgica tinha o poder de enternecer os corações.

O dr. Ramsay silenciou e pareceu mergulhar num mundo de recordações.

Arrisquei uma pergunta:

— O doutor é amante de musica?

— Oh, sim! Certamente que todos devemos amar a musica — disse, num como sobresalto — ella nos faz recordar, e recordar, meu amigo, é viver...

Mal havia pronunciado estas palavras, surgiu-nos inesperadamente a figura heraldica da baroneza de Sans-Souci, com um olhar inquisitivo:

— Sem ser indiscreta, permitta-me dizer-lhe que tambem sou da sua opinião, doutor...

— Oh senhora baroneza! — dissemos ambos, ao mesmo tempo que nos levantavamos.

— Não se incommodem. Continuemos a palestra e com isso terei immenso prazer.

— Falavamos a respeito de musica — disse o advogado, um tanto contrafeito.

— Os senhores não poderiam falar sobre arte sem incluir a sua razão de ser, a mulher... — sentenciou a baroneza, com ar victorioso.

Ao que o dr. Ramsay retorquiu:

— Na verdade falavamos de musica, baroneza, mas certamente acabariamos discutindo o velho thema, si vossa excellencia não interviesse...

— Absolutamente não serei estorvo. Ao contrario, o assumpto parece interessar-me — disse a illustre titular, sentando-se ao lado do dr. Ramsay.

— Talvez, excellencia. Muita vez a historia, que nos parece tão antiga, para outrem sempre tem algo de inédito e interessante.

— Não seria indiscreção pedir ao doutor que nos relatasse uma dessas historias? — perguntei.

— Não poderia, caro senhor, contar-lhes mais do que uma, pois que é a unica que até hoje me foi dado conhecer.

— Deve ser uma historia original! — atalhou a baroneza, com olhar faiscante.

— A historia não é original, excellencia, como sóe acontecer com toda historia de amôr, mas a mulher é que é original...

O tango, lá dentro, morria como um cysne nos seus ultimos estertores. O dr. Ramsay accendeu um "abdulla", soltou uma baforada de fumaça branca, que se evolou desenhando hierogliphos no ar, e começou:

— Ha muitos annos veiu para esta bella cidade um moço idealista, afim de cursar a Faculdade de Direito e ganhar a vida no jornalismo. Vivia calma e burguezmente, por isso que os estudos e a escassez de numerario lhe não permittiam usufruir a mocidade como desejára. Um dia, porém, a pedido do director do jornal em que trabalhava, foi assistir a uma linda festa de arte que se realizava na séde da embaixada de importante paiz do continente.

"Em meio á alegria que reinava naquelle ambiente polychromico e perfumado de espiritualidade, o jornalista-estudante teve ensejo de conhecer uma encantadora joven, que naquelle salão se destacava qual gemma rara entre pedras preciosas.

"E'ra pintora e poetisa. Seus quadros encantavam pela technica e refinamento artistico, já tendo sido consagrados pela critica. Naquella noite disséra versos de sua autoria, que eram verdadeiras jóias de inspiração e simplicidade.

"O rapaz sentiu pela linda mulher uma admiração fóra do commum. Uma força sobrenatural arrastou-o até a presença della quando acabava de recitar o ultimo verso de um lindo poema de amôr. Ao beijar-lhe as delicadas mãos, murmurou estas palavras:

"— Mademoiselle, permitta que o mais humilde dos seus admiradores beije suas formosas mãos.

"Mais não poude dizer, porque um alluvião de gente a arrebatou em seus braços, na ansia incontida de homenageál-a. A joven poetisa, entretanto, olhava-o enternecidamente e parecia agradecer-lhe aquellas palavras ungidas de sinceridade."

O dr. Ramsay fez uma pausa, para attender á filha, que o procurava.

— Que typo engraçado, o Arthur! Quer que eu me case com elle. Diz que não póde viver sem mim. Que devo fazer para convencêl-o de que está enganado?

— Ora... casando-te com elle...

ORIGINAL

Depois proseguiu:

— No dia seguinte, o jornal trazia completa reportagem da linda festa de elegancia e arte, tecendo os mais exaltados elogios á personalidade da mulher que fascinára o pobre estudante.

"Ella agradeceu, em carta perfumada, côr de opala, as referencias á sua pessôa. Em longa missiva a ella dirigida, o rapaz, revelando o encantamento da sua alma, teceu hymno á belleza physica e espiritual da mulher artista.

"Dahi por deante, elle não mais cessou de escrever para aquella que, sem o saber, já amava loucamente. Ella, tambem, com igual frequencia, lhe enviava cartas azues, verdes e lilazes, dizendo do seu amôr, mas o amôr espiritual, o amôr sublime, que paira muito acima da realidade esmagadora da vida material.

"Mais de uma vez desejou o rapaz approximar-se daquella mulher extraordinaria, que era toda a sua preoccupação. Ella, entretanto, fugia-lhe como uma pomba timida, condescendendo em deixar-se ver, porém de longe...

"A's reclamações do joven apaixonado, pelo seu procedimento, respondia em cartas longas e affectuosas, jurando-lhe verdadeiro amôr.

"Certo dia, o estudante-jornalista, não se conformando com a horrivel situação que a sorte lhe reservára, resolveu pedil-a em casamento. No mesmo dia, respondeu-lhe a mulher amada. Em palavras cheias de inspiração disse que cada dia que se passava, mais sublime era o amôr que lhe dedicava. Considerava-o um ser sobrenatural, uma especie de divindade que só o espirito do artista ou do poeta sabe apreciar e gozar.

Recusava com indizivel tristeza o pedido de casamento, porque sentia horror só em pensar que a vida em commum pudesse quebrar-lhe o encantamento da alma, fazendo com que as doces illusões abandonassem o antigo "habitat" do seu coração, como aves migratorias. Pedia que a perdoasse, que lhe respeitasse a sensibilidade artistica.

"O joven enamorado soffreu com resignação as punhaladas que as palavras daquella linda mulher lhe cravaram no coração. Chegou mesmo a duvidar da sinceridade do amôr que ella, por muito tempo, jurára dedicar-lhe."

— E depois? — perguntou a baroneza, com ansiedade na vóz.

E o causidico, sem se interromper:

— O rapaz, desilludido do amôr da que o seu coração elegêra, julgando mesmo ter sido ludibriado, decidiu retornar a seu Estado natal, visto como já havia terminado o curso de direito.

"Apesar de não poder esquecer a unica mulher que amára, tempos após se casava com uma rapariga de prendas, sua conterranea, sem saber como, talvez por injuncções da familia. Mais uma vez o destino lhe foi cruel: trocou a vida da esposa pela vida da creança que aquella união trouxéra ao mundo.

"Corria-lhe a vida monotona e pobre de sensações na longinqua cidade do seu Estado, quando, um dia, por motivo de negocios, teve que vir ao Rio de Janeiro. No dia seguinte ao da chegada, foi visitar um antigo collega e amigo em Copacabana, com quem não se avistava desde annos. O amigo recebeu-o com effusão de alegria. Após, entraram a conversar, rememorando factos preteritos. Como era natural, falaram da mulher artista — a mulher original. O advogado, o antigo jornalista-estudante, disse que havia tido a ingenuidade de acreditar no amôr daquella mulher que tanto o fizéra soffrer. A isso replicou o amigo:

"— Posso affirmar-lhe que ella sempre o amou.

"— Pilheria! — respondeu o outro.

"O amigo levantou-se e, sem proferir palavra, encaminhou-se para o "bureau-ministre", a um canto da sala. Retirou de uma das gavetas um envelloppe cinza-perola e volveu ao logar.

— Algum tempo depois que você deixou o Rio de Janeiro, recebi esta carta de alguem que pedia a fizesse chegar ás suas mãos. Tome-a.

"O advogado rompeu a sobrecarta, e, num mixto de espanto e curiosidade, devorou o conteúdo. Éra a mulher artista, a mulher-estheta, cujo nome peço licença para não declinar, que lhe escrevêra, havia já dois annos, communicando que tivéra noticia do seu consorcio e que esse triste acontecimento viéra apagar o brilho de sua existencia. Lamentava que o seu grande amôr não houvesse sido comprehendido e fazia-o sciente de que, após ter abandonado as artes, partia para muito longe, completamente ignorada, a vivêr da sua saudade e do seu amôr.

Nunca mais ninguem teve noticias da formosa poetisa e pintora emerita que, em tempos, abrilhantára os salões da sociedade carioca e perlustrára as secções elegantes dos jornaes. Bons tempos que já vão longe..."

O dr. Ramsay terminou a sua narrativa com vóz quasi imperceptivel e ar evocativo.

Entre nós houve um curto silencio. A baroneza, curiosa como todas as filhas de Eva, interveiu:

— E o doutor conheceu o homem que tanto amou essa mulher verdadeiramente original?

O causidico levantou-se como si fôra accionado por uma mola, fez um gesto de quem procura disfarçar a sua dôr, e disse:

— Excellencia, o homem cuja historia acaba de ouvir, ainda vive, sou eu!

No grande salão de baile os violinos sentimentaes agonizavam no ultimo suspiro de uma fermata...

CARLOS RAMOS

— O senhor acha, doutor, que com os banhos de mar desapparecerão as manchas que tenho no corpo?
— Com certeza... Mas é preciso que o senhor use muito sabão...

"RAMOS DE CORAL"

HA perguntas banaes, banalissimas, que ainda engasgam a quem são dirigidas. Esta, por exemplo: indagar a um mortal que veste calças, si é contra ou a favôr do feminismo. Ao primeiro golpe de vista parece uma pergunta barata, cuja resposta pode ser dada sem maiores percalços; sim ou não, acabou-se. Pois não é. Eu reputo-a, mesmo, das mais traiçoeiras que se póde receber no café, no cinema ou num salão. Porque a gente pode ter ou não ter uma opinião formulada sobre o feminismo. E porque a gente póde querer ou não querer emittil-a. Depende de muitas circumstancias, e mais esta: o estado social do individuo. Um homem solteiro tem permissão absoluta para mostrar tendencias pelo bom exito da causa feminista, principalmente das feministas encantadoras. Um homem casado:... Depende. Delle e da esposa.

Mas a pergunta indiscréta, nós a ouvimos duas vezes por dia. Ou talvez mais. De mim, não costumo atendêl-a. Porque tenho formulada, positivamente, a minha opinião, mas não estou disposto a metter-me em apuros com as nossas adversarias de saias no "strugle por life".

De qualquer modo, seja qual fôr a opinião que se formule sobre o feminismos, ha factos que nos obrigam a acreditar, piamente, na sua redempção. No seu triumpho positivo e insophismavel.

E eu venho de encontrar-me face a face com um desses aspectos, ao mesmo tempo que encontro, deante de mim, um livro da sra. Sylvia Serafim — "Ramos de Coral".

Poucas paginas que valem mais, mas muito mais, que muitas outras, volumosas, dos mais profundos pesquizadores do coração materno. Porque essas poucas paginas fôram escriptas por uma mulher mãe. Não basta, contudo, ser mãe e ser mulher para falar com autoridade do sentimento materno. E' mistér pensar. E saber, principalmente, exteriorizar esse pensamento.

"Ramos de Coral", devia ser leitura obrigatoria para todas as senhoras ou senhorinhas que cogitam do feminismo. Considerál-o o livro das mães effectivas e em espectativa. Das que sabem querer bem ao rebento de suas entranhas e das que precisam aprender essa divina arte.

Já vejo o leitor sorrir com malicia, duvidando do meu enthusiasmo feminista e acreditando, mesmo, que sou contra o advento da mulher na esphera de actividade até agora só emprehendida pelo seu antagonista de sexo. E acreditará ainda que a leitura do livro da sra. Sylvia Serafim constitúa um argumento capaz de arrefecer a vibração das correligionarias em sociologia da veneranda sra. Deolinda Daltro.

Pois não é tal. O livro a que me refiro é um fragmento do coração maternal da sra. Sylvia, a mulher mais feminista que eu já tenho conhecido. A mulher que está fazendo carga cerrada ao homem em todos os seus campos de actividade. Os do seu valor, falam com autoridade os seus adversarios. Já tem inimigos. E' porque aquelle valor existe. A sra. Sylvia é jornalista, é escriptora, é quasi advogada. Uma senhora que encontra tempo para estudar direito, depois de ser mãe duas vezes, e que não declinou dos seus deveres maternaes, antes, os aprimora, nas paginas vividas de "Ramos de Coral", é qualquer cousa de inédito no Brasil.

Ahi está por que eu começo a ter medo da victoria feminista...

Eva enfrenta-nos em quasi toda a esphera de actividade, senão em toda, e possue sobre o homem essa vantagem que elle jamais pode conquistar: a noção da maternidade.

A da paternidade não é bem igual.

CELESTINO SILVEIRA

* * *

A CANÇÃO DA FELICIDADE

Felicidade... estatua de ansia...
a que ólho tanto... e nunca vejo...
— O lenço branco da Distancia...
— O fogo-fatuo do Desejo...

Eu, Cavalleiro de San Graal
e Menestrel da Mocidade,
tendo a bravura medieval,
te espero, a rir, Felicidade...

Legenda... prece... aroma... cirio...
chimera azul... a que mal quiz...
vem, para o meu grande delirio
ascensional de ser feliz...

Icaro a ver rolar, no abysmo,
o Sonho seu, de liberdade,
fujo do sól — Determinismo —
para o teu luar, Felicidade...

Certo, virás... Deslumbramento...
perfume... enlevo... ether... mulher...
mentira... sonho... encantamento...
— Quem não te quer?... Quem não te quer?...

Ingenua crença passageira,
o meu olhar, que te não vê,
ha-de esperar-te, a vida inteira,
cheio de fé e de ansia, que,

De sangue real, e Espadachim
da Gran Legião da Fidalguia,
nunca pisei sobre o setim
falsificado da ironia.

Assim, por Ti, e, em prol do Amôr,
hei-de acclarar, com a luz dos astros,
a sombra lugubre da Dôr,
que, com ser sombra, deixa rastros...

Dizem, porém, Felicidade,
que és Lenda vã... que és Phrase ao vento...
que nunca vens para a Humildade...
que sempre ris do Soffrimento...

E, humilde embora, estoico e forte,
a espada em punho, a fronte erguida,
não te direi: — "Vem para a Morte..."
— Pois, quando Eu vim, foi para a Vida!

JAYME DE SANT'IAGO

Viajar

Quando viajar a Cavallo, em Vapor, Automovel e Estrada de Ferro, quando fizer viagens ou longos passeios a pé, quando apanhar Sol ou Chuva, toda a vez que molhar os pés, sempre que tomar banhos demorados de mar ou em rio, todas as vezes que levar grandes sustos ou tiver de repente uma grande contrariedade a senhora deve tomar uma Colher de Chá de *Regulador Gesteira* e logo em cima Meio Copo de Agua!

Quando fizer alguma viagem, leve sempre em sua mala alguns Vidros de *Regulador Gesteira.*

Com os abalos do vapor ou da Estrada de Ferro, com o sol ou a chuva, molhando os pés, tomando-se banhos muito demorados, levando-se um grande susto ou tendo-se de repente grande raiva ou pezar forte o Utero pode sentir algum desarranjo, que poderá ser principio de uma Molestia Grave!

Por isso é de enorme prudencia e muito util tomar uma colher de chá de *Regulador Gesteira.*

Qualquer perturbação do Utero pode dar começo a Molestias perigosas e Males terriveis!

Dançar

Depois de dançar, quando voltar das Festas e dos Bailes ou dos Teatros, depois que passear de Automovel, ao chegar em casa tome sempre uma colher de chá de *Regulador Gesteira*

A CANÇÃO DO BERÇO...

(FRAGMENTO DE UM VELHO DIARIO)

EU não tive forças para conter a intensa onda de emoção que me invadiu o coração, fazendo-me parar, em extase, deante do velho e sombrio casarão onde funccionava o Hospital de Alienados de Curityba. A formosa capital paranaense cobria-se de uma tenue camada de neve, dando aos turistas uns ares cinematographicos de velha Russia. Mas, em vez do "vodka" inebriante sorvido pelos moscovitas nas manhãs nevoentas e sombrias das margens do velho Volga, os curitybanos deliciavam-se com os goles beneficos do "amargo".

Como um titan que se levanta depois de tumultuosa noite, a Princeza do Sul estica os membros lassos, absorvida pela eterna ansia de conquista dos seus homens, realizando, a golpes de malho, a conquista da desgraça: ser capaz de projectos tão formidaveis, que infelizmente não cabem dentro do tempo de que dispõe.

Eu viera do interior, das margens de rumoroso rio, onde me ensurdecêra o seu escachoar constante, o rumorejo plangente. Aturdia-me a igualdade surda do seu ruido, que acabava por monotonizar o logar, que fazia com que meu desengano se tornasse cada vez mais pungente. A agua enfastiava-me pela invariabilidade do seu correr, sempre vencendo os mesmos obstaculos, sempre espumando a mesma espuma. Impacientado, atirava-lhe pedras, que o enrugassem em novos pontos. Assim fazem com a nossa ventura: não a podem vêr correr serenamente, e procuram turvar as aguas mansas da nossa vida...

Tambem, a nossa dôr é assim immutavel... Parecia-me que era dentro de mim que doloroso chorava aquelle rio. E então, em um grito de revolta, eu procurava interromper, com um som mais alto, a monotonia acabrunhadora daquelle eterno rumorejo...

Eu aguceí o ouvido, curioso e emocionado. Falava dentro de mim a minha alma de musico. Feria-me o coração o meu ardor de patriota. Uma canção da infancia, uma nenia com que se adormece um innocente, tudo isso me fez invadir o espirito a avalanche das recordações. O meu filho! Eu fôra pae, um dia, e um dia eu deixára de o ser! Como tumultuavam, em minh'alma, as dolorosas evocações, ouvindo, por entre as grades do hospicio, uma voz suave que cantava uma velha canção:

Nú-nã-nú-nú
onde é que está papae.
ná-ná-ná-ná
está lá no Paraguay...

A voz feria-me o ouvido como um trinado musical. No dia em que "elle" morreu, trinava um canario na sua gaiola. Na estupefacção dolorosa que se segue ao primeiro choque da desgraça, entrei a ouvir, attento, somnambulicamente a suave harmonia da-

De Lauro Mendes

quelle som innocente... E então, consubstanciada a minha dôr, gravou-se, fundo, o som, em minha memoria auditiva. E dahi então, até hoje, esta magoa me invade quando ouço o passaredo...

Mas, por effeito de miragem pudéra eu ouvir tão suave melodia, por entre as grades de tão sombrio tumulo? Como seria possivel haver, num manicomio, voz que fizesse estremecerem, como estremeceram, as adormecidas cordas do meu coração? Hoje, que já me encontro do outro lado da vida, rabisco este meu pobre diario na triste mansarda, lembrando-me de minha mulher morta naquelle mesmo Paraguay de que me recordo agora, com melancolia e ternura, naquelle mesmo infeliz paiz talado pela guerra, e de onde me enxotou uma miséria muito mais suave do que a perdição moral que me atassalha os sentimentos, percebendo se me esboçarem na mente os contornos do tosco tumulo onde pela derradeira vez eu chorei em minha vida, e depois... o desterro, com "elle", que a Parca levou, dando-lhe a morte, ao innocente, numa manhã linda, emmoldurada pelos pinheiraes heraldicos e suavizada pelo trinar do canarinho...

Irresistivel attracção guiou meus passos para o casarão. Ainda serviriam de alguma coisa as minhas credenciaes de jornalista internacional. Apresentei-as e consegui avistar-me com o director, em quem, com prazer, reconheci um velho amigo de infancia. Fui logo ao assumpto. Pedi que me indicasse onde ouvira eu tão enternecedora melodia. Alleguei, para desculpar-me, curiosidade jornalistica. Sorriu paternalmente, dizendo-me que de vez em quando appareciam por lá malucos "mansos" como eu.

— Não é nenhum rouxinol, como julgas. E, simplesmente, uma alienada que temos, alcunhada "Maria do Nenem". E' tão velha, que quasi não enxerga, mas conserva toda a lucidez de espirito da mocidade, e a voz maravilhosa que ouviste. Tenho recebido offertas para que permitta que ella grave discos de phonographo, mas rejeitei a proposta. Não sou dos que permittem que se lance mão de uma desgraça para auferir lucros. Tem uma historia commum, mas triste como a canção que ouviste. São essas as attribuições que se deparam a um conductor de almas desordenadas como eu, é esta a missão que a sociedade me impõe, qual a de reunir, aqui, ali, resquicios de luz nos cerebros embrutecidos que a miséria do mundo desgraçou. Quasi todas as loucuras provém de uma infelicidade, desde a de mulher que rola pela sargeta, inebriada pela illusão, até o infeliz que vê morrer de fome um filho pequenino. Vou mostrar-te a infeliz louca. Mas contem teu coração, e sê homem quando vires a saudade illuminar as nevoas esbranquiçadas que cobrem os inexpressivos olhos da infeliz macrobia. Vem...

E eu fui. Mas antes não o tivesse feito. Hoje, que confio este pedaço de minha existencia ao velho Diario, recordo a impressão que em mim deixou o encontro com a velha louca. Intensificou-

(Conclue na pagina seguinte)

A CANÇÃO DO BERÇO...

(CONTINUAÇÃO)

se, depois delle, a saudade do meu filho, que eu perdêra precocemente. Reparo que, quando sob um sentimento mais intenso, penso muito em alguem; si este alguem está perto, começo a encontrál-o com mais frequencia no meu caminho, e si está longe, logo penso em escrever-lhe. Esse poder magnetico de attracção que cada vontade possúe, actuando sobre as vontades mais fracas e sobre as vontades descuidadas, provoca impulsos — acontecimentos... Por isso, quem desfallece será sempre um vencido e quem luta e "quer", raras vezes não será vencedor...

Mas, delle, resta apenas em mim o som de sua voz. Ficou em minha memoria auditiva como constante musica, intensamente... muda. Ouvindo o escachôo sonoro de um rio escondido na matta, aquella onomatopéa, sem que eu visse de onde era originaria, e em scenario que devera ser silencioso, tudo aquillo cantava no ar como si fosse a voz ampla do espaço... Assim, lembrei-me de sua voz e de muitos outros sons harmoniosos que eu guardo profundamente em mim...

Mas fiquei petrificado ao vêr a pobre louca. Os janeiros já lhe pesavam sobre os debeis hombros, e uma pelle apergaminhada, horrorosamente sêcca e murcha cobria-lhe os pobres ossos. E sobre toda essa desgraça, a incommensuravel de ser céga, de ter sobre os cansados olhos duas postas de carne esbranquiçada que se erguiam, ansiosas, para o céo sem nuvens. Cento e sete annos, dissêra o psychiatra! Mas, — desgraça das desgraças! — eu "adivinhára" ali a minha fallecida mulher. Sentira que, si viva fôra, minha esposa devêra ser assim. E comprehendêra o mysterioso e atavico destino que me fizéra estacar, surpreso, deante do sombrio tumulo, que fizéra que me tumultuassem no coração os mais variados sentimentos, ouvindo, por entre as grades da prisão, a nenia suave que enchia os ares da formosa Curytiba. E eu punha meus olhos em Christo. Lembrava-me de que, quando criança, minha avó me contava os tormentos do divino Salvador. E eu ficava enthusiasmado com tal artista, que se havia dado todo ao seu ideal de aperfeiçoamento; tão sublimemente ambicioso que ideou centralizar em si toda a agonia humana. E morreu pelo sonho de plasmar as creaturas humanas numa esculptura moral extraordinaria...

Mas, si eu soffria com a pathetica narrativa de minha avó, dahi a pouco me sentia constrangida com a simulada execução do Judas; esquecia o Christo de momentos e passava a sympathizar com Judas, tudo porque minha cabeça infantil não podia acceitar justiça tão cruel como o crime, e Judas ali estava, soffrendo as chufas da creançada, emquanto Christo resuscitára, glorioso...

Então assaltou-me uma incomprehensivel saudade da morte. Desejei a Morte, porque deante da realidade ficou em mim gravada a certeza de que a Morte é a nota mais deliciosamente alta da escala da sensação terrena. Só nesse instante sentimos nós a mais absoluta ventura. A suprema delicia de uma agonia, um estertor (eu já vejo a minha morte, dahi ha minutos), um estremecer convulsivo, um engasgo, um extertor, uma lagrima — e o apogeu da emoção mergulhando no deleite infinito do Nada...

A velha encorujára-se a um canto, com os inexpressivos olhos "fitos" em mim, e acalentando, ao collo, uma imaginaria criança. E repetia, sempre, a mesma melodia que me encantara:

Ná-ná-ná-ná
Onde é que está Papae,
nana, menino,
elle está no Paraguay...

Abandonei a cella, desesperado. Parecia-me vêr, na sombria parede do carcere, o valoroso soldado brasileiro que lutava, intemerato, contra a selvagem horda dos guaranys sanguinarios. O fumo que voteia sobre as cabeças, um grito, um extertor, um ultimo olhar á terra, e o alfange que cahe, estraçalha, dizima. E o valente soldado abate-se, como o leão ferido, agoniza, e morre, mandando as ultimas vibrações de uma alma heroica ao rincão querido de sua patria, cujo azulado céu não mais poderão fitar os seus olhos, agora vitreos e embaçados, sorrindo ironicamente, para os que ainda combatem, sem ter ainda transposto o supremo obstaculo da Vida, que é a Morte.

Esquivei-me de perguntar a dolorosa historia ao meu amigo. Era uma historia como as outras. Uma valorosa brasileira que perdêra o marido nos campos alagados do Chaco. A morte de um corpo é a morte de uma alma. Si eu fosse

um Deus, faria a morte eternizar a ultima sensação, faria com que as creaturas morressem beijando-se, afim de que a volupia se prolongasse pelo infinito, como éco perpetuo do que foi som...

Meu Deus, como chove lá fóra! Como chora a Natureza, e como está custando a vir, esta Morte! Maldito gaz!...

Eu sinto que vae ser esta a ultima folha do meu Diario. Vem-me novamente á memoria a figura envelhecida, que eu nunca cheguei a vêr, de minha querida morta, mas que eu sentira na pobre louca. Consola-me, no meu supremo anseio, a certeza de que sempre fui bom para ella. Si ella porventura soffresse, eu cedia-lhe a felicidade que me cabia, e tomava-lhe as desventuras que lhe tocassem, porque, infeliz, vendo-a feliz com as venturas que eu lhe dera, eu me sentiria felicissimo. E, na minha grande dôr, eu me sentia incomprehendido e isolado.

Augmenta de intensidade a chuva, lá fóra. Minha refeição ainda está sobre a mesa. Verifico que sou forte. O gaz somente agora é que começa a fazer sentir seus effeitos. Chegou a minha vez, e eu me lembro do meu brinquedo infantil que mais me tomava o tempo: brincar de soldados. Alinhava-os, uns perto dos outros, e depois, com um pequeno impulso, deitava-os por terra, um por um, como na guerra, dez, cem, mil, dez mil... Numeros, homens com valor numerico. Sempre é mais agradavel ser-se o que fica, o que applaude ou apupa os que vão passando...

Não posso prender a minha memoria: revolta-se, agita-se, quebra o cordame resistente da vontade e evoca-se. E ell-a que busca, ansiosa, a cella sombria onde a endoidecida louca cantava suave cantiga, acalentando ao collo imaginaria creancinha. E ell-a que corre, pressurosa, aos talados campos do infeliz Paraguay, onde um pobre soldado fita o céo, ironico, sorrindo para o ambiente morno, sonhando com o rincão distante, fitando os que ainda combatiam o guarany selvagem e sanguinario...

Não posso mais. Fogem-me, uma a uma, as ultimas energias. Fogem-me os sentidos. Já não tenho vista. Ardem-me os olhos, suffoco; não existirei dentro de um minuto. Somente ouço uma nenia suave. Uma melodia enternecedora, um ultimo som que me vae ao coração, detendo-me a alma no seu ultimo arranco para a eternidade. Ouço ainda, distinctamente, aquella dôce canção:

Ná-ná-ná-ná
Onde é que está Papae?
Papae está dormindo,
lá no chão do Paraguay...

A CANÇÃO DO BERÇO...

(CONCLUSÃO)

Terminava ahi a ultima pagina de um velho Diario que eu encontrei certa vez na gaveta de uma mesa de uma velha pensão de artistas de Buenos Aires. Li-o e comprehendi a grande tragedia que vivera o seu autor. Comprehender é, além de tudo, evitar ou minorar, ou, pelo menos, saber conformar-se, e infeliz daquelle que não nasce adequado á epoca em que vive. Na vida, é tão perigoso ficar-se atraz como ir muito á frente...

LEITOR ASSIDUO (S. Paulo) — O tratado de versificação de Olavo Bilac. Na Livraria Alves, á rua do Ouvidor, 166.

P. H. B. Q. (Goyaz) — Ah! Isso é outra coisa. Si v. ex. me mandar o seu endereço, dir-lhe-ei, então, o que não lhe posso dizer numa secção publica de jornal.

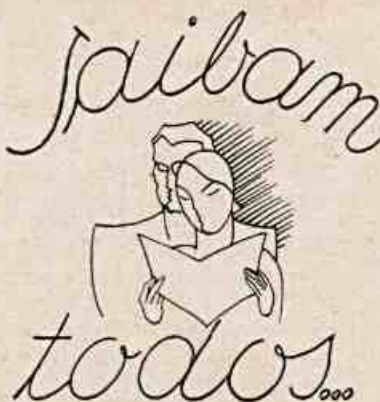
De qualquer modo agradeço e retribúo — achando muita graça na sua maneira graciosa de dizer coisas verdadeiras: — que sou feio.

MARIALVA (S. Paulo) — São Paulo é a terra das mulheres bonitas e intelligentes. De modo que não me admira a graça e o brilho com que escrevem e sabem conduzir um assumpto, com o maior interesse.

E' o caso de *Djénane* — a moça que se escondia sob varios pseudonymos. Sem querer — ella que é intelligente — lançou uma idéa, que é, ao mesmo tempo, uma these: Deve a mulher ser infeliz no amor, com a posse ou infeliz, sem esta — respeitando as convenções sociaes?

Em torno desse thema as opiniões se agitaram.

Agora, é v. ex. que responde. Leiamos a sua carta:

"Yves: "Não ha quem queira dar outra opinião sobre o caso?" — O grande caso "Djénane"...

Ha, aqui estou: Sympathisei-me com Margot e estou de accordo com Alma Inquieta. Em Margot, não sei, vejo um pouco de ingenuidade... e, quanto a Alma Inquieta, acho que ella tem razão. Quando não houver mais fronteiras, nem exercitos, nem desigualdades, nesse dia as mulheres não precisarão mais soffrer, não é assim Yves?, pois si "não ha mais soffrimentos?!" Ama-se ou não, possue-se ou não, isso só diz respeito a nós mesmas...

Mas agora, quando vocês os homens, serão os primeiros a atirarnos uma pedra, não Yves, tenha paciencia, prefiro "morrer mirrada como harenque"... E', é isso mesmo. Prefiro... mas...

Mas a você só, Yves, eu digo baixinho, você que sabe "ler nas letras", você talvez veja nestas um grande, um immenso amor que "não póde" e "não quer" se manifestar e que não sabe mais o que fazer, pois si já não cabe no coração de — *Marialva*...

P. S. Não posso deixar de um "P. S".: Yves, você está prompto a prestar todas as informações, não é mesmo? Você me diz quem é Heliantho?

Si for você, você m'o diz?... E si não for, desisto de saber. — *M.*"

Helianthe não sou eu, é um companheiro daqui. Não sei si elle deseja que lhe québre o incognito. E só?

LILIA FERNANDES (Capital) — O "caso *Djénane*" está dando o que fazer. Não são poucas as leitoras desta pagina que têm arriscado a sua opinião.

Aliás, opinião de mulher, em materia de amor, é coisa que ellas poderiam dar vinte e quatro diversas, no decorrer de um dia. Para ellas esse sport é facillimo. Ninguem melhor do que as filhas de Eva poderão falar sobre o assumpto; pois é claro que, podendo amar a vinte e quatro homens differentes, ao mesmo tempo, não lhes ha de ser difficil fornecer a uma "enquête" literaria o mesmo numero de juizos, sobre o amor, no espaço de 24 horas.

De qualquer modo é divertido ouvir o que ellas pensam e dizem ou por outro, o que ellas dizem e não pensam.

Vejamos a senhorita "Lilia Fernandes" que, pela graphia deve ser decidida, violenta e... bonita — o que agradavel:

"Sr. Yves: O caso de Djénane tem sido commentado já bastante para q eu venha, inutilmente, com o meu parecer.

Por isso abstenho-me de opinar, principalmente numa questão em q divergem tanto os sentimentos de cada um.

Não estranho o seu; conheço-o bem pessoalmente para sabel-o sincero e bem "seu"!

Eu tenho um temperamento por demais idealista, para acceital-o tambem.

Discordar?

Seria injusto e pouco gentil.

Acceitar?

Seria falso e... imperdoavel.

Abomino a mentira tanto como o sr., caro Yves. Escrever, para o tal não dizer nada,... é um tanto irrisorio, não acha?

Então!...

Serei incoherente?

Não! Olegario Mariano, o poeta das cigarras, cantará o meu parecer.

Em versos, terá muito mais poesia...

RENUNCIA

Renunciar. Todo o bem q a vida trouxe,
toda a expressão do humano soffrimento,
a gente esquece assim, como se fosse
um vôo de andorinha em céu nevoento

Anoitecen de subito. Acabou-se
tudo. E' a miragem do deslumbramento.
Se a vida q rolou no esquecimento
era doce, a saudade inda é mais doce.

Soffre de animo forte, alma tranquilla!
Resume na lembrança de um momento
teu amor. Olha a noite: elle scintilla.

Que o *grande* amor quando a *renuncia* o invade
fica mais puro, porque é pensamento,
fica muito maior, porque é saudade!

Perdoe-me, senhor, se a minha carta é muito longa.

Liberto-o com o meu "obrigada" mais sincero, pela attenção valiosa que me houver dispensado. — *Lilia Fernandes*"

MANOEL GREGORIO (?) — Aqui estão os seus sonetos "Supplica" e "Sublime Apotheose". O sr. fugiu desta secção, recorrendo ao Secretario, na doce supposição de que os seus versos não passariam pelo "Saibam todos"...

Quer dizer, o sr. é como aquelles "penetras" de baile, do suburbio: planta-se á porta da casa, e, quando chega um convidado importante, lá se incorpóra á familia delle e entra.

Mas o diabo é que o poeta esqueceu que sou o porteiro das letras... Aqui não me passa nem rato, nem barata, nem mosca, nem formiga! Uff!

Diga! resto, a sua pequena já me havia telephonado, prevenindo-me de que o sr. desejava penetrar no "couchée"...

— "Couchée, senhorita?

— Sim, seu Yves. O Gregorio é ousado. Elle não quer começar pelo principio. E' pelo fim que elle deseja iniciar a sua carreira...

— Carreira? — atalhei. — Corrida é que é. Corrida é o que elle vae levar, na certa.

Ella achou graça.

— Quá, quá, quá, quá! E a cesta?

— E' provavel que elle caia nella...

E eu li, para ella, o seu soneto *Supplica*:

Quando eu morrer, ó linda creatura,
Minha deusa ideal dos meus amores,
Não maldigas a tua desventura,
Que no mundo nem sempre ha dissabores...

Depois que o orvalho, cheio de candura,
Que brotar de teus olhos scismadores,
Humedecer a minha sepultura,
Rebentará um roseiral em flores!...

Fe de joelhos, bem compadecida,
Rezares por minh'alma dolorida
Preces sentimentaes e fervorosas,

A minha carne, em decomposição,
Ha de exalar da gelidez do chão
O perfume suavissimo das rosas!...

MANOEL GREGORIO

Ella disse ser delicioso aquelle "orvalho cheio de ternura"; e quando ouviu o ultimo terceto, onde o sr. diz que, depois de morto, a sua carne ha de exhalar "o perfume suavissimo das rosas", a pequena — sua pequena, veja bem! — que é espirituosa, gritou de lá, do outro lado do fio:

— Mas, que Gregorio cheiroso, hein seu Yves...

ESDRAS FARIA (Pernambuco) — Olá, poeta brilhante? Sabe que já tem um circulo de admiradores no Rio? O seu nome aqui já é bastante conhecido. E todos acham que o meu confrade é um grande poeta. Parabens.

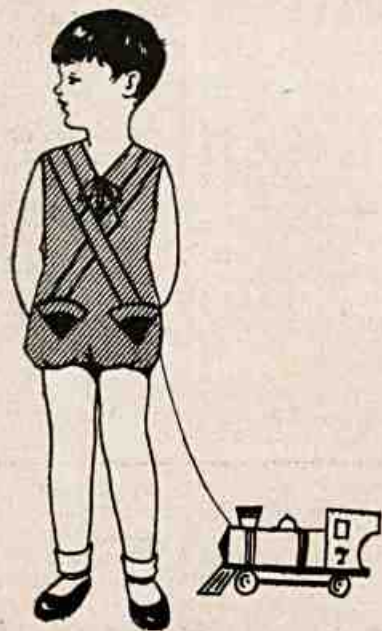
Caro Esdras. Desculpe si lhe não escrevo directamente. Para mim é o que ha de mais difficil.

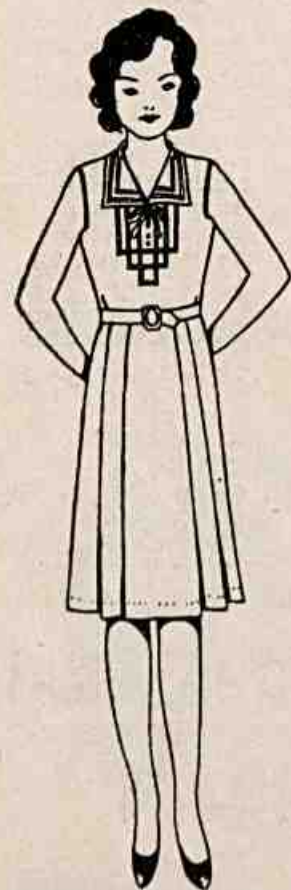
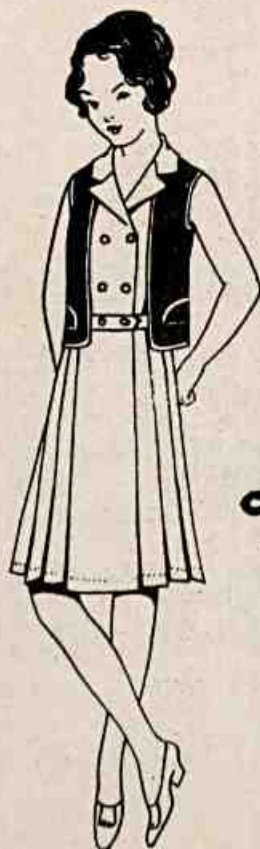
Infelizmente, não consegui o que me pediu. Encontrei muita intransigencia e — francamente — pouco desejo de attender a recommendações. E' claro que, si fossem attender todos, o caso perderia o interesse.

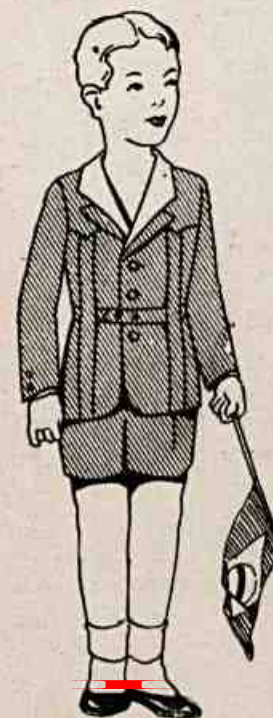
Tive a promessa de que a justiça seria feita. Já é alguma coisa.

Tomei o maior cuidado com a sua collaboração. O artigo a meu respeito. Já foi publicado. Muito agradecido. O resto virá com vagar. Creia na minha bôa vontade e de lembranças a esses poetas dahi, tanto os que dizem bem como os que dizem mal de mim.

CARLOS RIBEIRO (S. Paulo) — O meu caro consulente me envia a seguinte missiva:

"Yves: Com o titulo de "Tempestade" envio-te uma de minhas producções. Não te peço publical-a, pois sei que disto não é digna; peço-te sómente dês a tua autorizada opinião a respeito della. Tenho outras poesias, rimadas, mas essa basta. Tudo depende do teu

(Conclue na pag. 20)

BRIM LISTADO
DE 3 a 9 ANNOS
11$800

VESTIDOS PARA MOCINHAS
CORES SORTIDAS DE 6 a 15 ANNOS
6$800 9$500

MARUJO FRANCEZ-NOVIDADE
MENINOS E MENINAS DE 2 a 6 ANNOS
7$800 7$800

COSTUMES DE BRIM SUPERIOR
PARA MENINOS DE 6 a 13 ANNOS
11$800 10$800

JAQUETÕES DE BRIM TYPO MODERNO
PARA RAPAZES DE 11 a 16 ANNOS
18$500 29$000

parecer, pois tenho 15 annos, idade de os brasileiros poetarem.

Sem mais, subscrevo-me com o maior agradecimento e a maior estima. — *Carlos Ribeiro.*"

Illustre fedêlho. Com quinze annos o sr. devia estar ás voltas com a sua grammatica, a sua Historia do Brasil e um bom tratado de agricultura.

Com a Historia do Brasil, o sr. aprenderia que a nossa Patria, necessita mais de homens como D. Pedro II, Duque de Caxias e o Marechal de Ferro, do que de máus poetas. Com a grammatica, ficaria sabendo escrever sem *batatas;* e com o tratado de agricultura, aprenderia a plantal-as...

TUTU' MARAMBA' (João Pessôa) — Caro poeta. O sr. como versejador é insupportavel; mas

SAIBAM TODOS...

(Conclusão)

como epistolographo consegue fazer rir.

De sorte que, aos seus versos, anteponho a sua missiva.

Lá vem ella:

"Caro Yves. Saúde. Lastimo profundamente o ter estragado a sua manhã tão bella, tão cheia de vida, em que recebeu a minha carta passada...

Eu falo com franqueza Yves; você é dos criticos do Brasil, o mais camarada que eu ja vi! Quando nada, da uma noticia de um palmo e meio, annunciando aos leitores, que os nosso trabalhos passaram para o fundo da cesta...

Actualmente nós somos bons camaradas... Eu gosto muito das suas criticas honestas e até engraçadas!... Quando recebo o Fon-fon, que o meu jornaleiro traz sempre aos sabbados, minhas colleguinhas se reúnem todas para ouvir-lhe as criticas...

Ellas riram muito de Tútú Marambá... Immagine só! Até minha pequena disse que se fosse o tal Tútú Marambá, ir bater na China... Eu tambem sorri, mais não de Tútú Marambá, porque assim eu ria de mim mesmo... Ah!, eu bancava o patéta...

Lála, disse que ia escrever-lhe nesses dias... cuidado Yves, mais longe de meninas... Ella é dessas pequenas "Fôgo" que andam com os labios bem encarnados, e as sombrancelhas finas como um palito!!...

Eu, Tútú Marambá, em carne e osso, envio-lhe junto com esta, um "pastel para D. Cesta" intitulado "RECORDAÇÕES DE MEU JARDIM", porém espero que ella o guarde para quando estiver com muita fome...

Terminando, dou-lhe um adeus com a mão esquerda porque a outra está occupada... e até o sabado...

Seu Amigo que lhe estima. — *Tútú Marambá"*

Recommende-me a essas pequenas bonitas dahi. Quanto ao resto, pedirei a N. S. da Candelaria para que lhe perdôe o crime de fazer versos detestaveis.

ALEXANDROWSKA (S. Paulo) — Não sei a que carta v. ex. se refére. Si lhe não respondi foi porque não tinha o que responder.

O nome pouco influe, no caso. Si quizer mandar-me a sua photographia, então si.

Yves

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.

* * *

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo, devidamente preenchido.

ENDEREÇO:

Rua Republica do Perú, 62
Caixa Postal 97
Telephone 2-4136

FON - FON — 28 - 11 - 931.

Data da consulta ....
Nome da consulta ....
....

UMA FLOR NOCIVA — E' o Jacyntho aquatico, originario da America Central e que se propagou, com extraordinaria rapidez, em todos os rios e riachos da Luiziania e da Florida.

Já ha alguns annos essa invasão vem preoccupando seriamente os engenheiros americanos porque ameaça a estabilidade das pontes. Em muitos pontos dos rios, o amontoamento de Jacynthos é de tal natureza que chega a parar a helice dos vapores e a impedir o manejo dos remos.

E sua destruição continua a ser um problema grave, porque todas as drogas que se têm empregado para lhes destruir as raizes têm o inconveniente de envenenar as aguas.

*

O SYSTHEMA TAYLOR E AS ABELHAS. — De accordo com as mais modernas idéas sobre a organização do trabalho, ficou comprovado que as abelhas, sempre tidas como symbolo do animal trabalhador, perdem lamentavelmente o seu tempo.

Como sejam incapazes de modificar seus proprios costumes, o homem construiu colmeias melhor dispostas, afim de augmentar o numero das abelhas mestras.

Assim, uma colmeia que comportava 40 mil abelhas se converteu exclusivamente em colmeia productora, dando quasi o dobro do primitivo rendimento.

*

AS HEMATITES — As hematites, ou oxydo natural do ferro, não é uma substancia preciosa; occupa, na joalheria, um posto inferior e não é citada na famosa obra de Janettaz, — *Diamantes e pedras preciosas*. No seculo XVII attribuia-se á hematite, entre outras propriedades, a de deter as hemorrhagias.

A palavra hematites vem do grego: *haima, haimato, sangue.*

OS DIORAMAS — Os inventores dos dioramas foram dois francezes, os pintores Daguerre e Bouton. Expuzeram, em 1822, em Paris, dois dioramas: o valle de Goldan e a cathedral de Cantorbery, que foram destruidos por um incendio em 1839.

*

CALAMIDADE! — Entre esposos: — Sabes Gustavo, mamãe acaba de ter os seus poemas premiados pela Academia! Oh! isto vae tornál-a immortal!

— Que dizes? Minha sogra... viu... immortal! Era só o que me faltava!

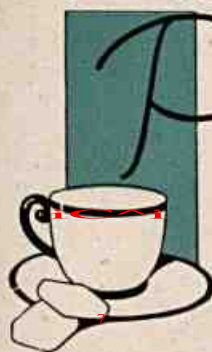
ANNO XXV

FON-FON

NUMERO 48

Director: SERGIO SILVA

Rio de Janeiro, 28 de Novembro de 1931

AU CAFÉ DU CEARÁ

GUSTAVO BARROSO

DA ACADEMIA BRASILEIRA

PARIS deu-me sempre o desejo de andar, de andar e de ver, de ver e de divertir-me sozinho com as minhas observações. Quando estou em Paris, tiro dias inteiros para flanar por todos os bairros ao acaso, parando onde me dá vontade, almoçando ou jantando onde me dá fome. Nos dias claros e macios de setembro ultimo, muitas vezes retomei o velho habito e meus pés fizeram meus olhos viajar pela imensidão dessa encantadora cidade, cuja alma vibra na forma ondulosa das mulheres que passam, no grito musicado dos pregões rueiros e nas velhas fachadas historiadas pelos seculos.

Ia eu indo vagarosamente e despreocupadamente pela rua de La Gaité, gosando a tarde azul, e dôce, quando deparei com um letreiro: "*Au Café du Ceará*", em letras amarelas sobre fundo negro, ao rez do chão duma casa antiga. Esfreguei os olhos. Não, não era possivel! Devia ser vitima duma illusão. Aproximei-me espantado e reli a taboleta surpreendente. Sim, não havia duvidas, era isso mesmo, lá estava com todas as letras: "*Au Café du Ceará*". E, apesar do que lia, meu espirito não podia atinar por que o nome de minha terra natal figurava numa casa de Paris.

Decidi desvendar o misterio. Empurrei a porta de vidro e entrei. Uma pequena sala quadrada. Ao fundo, o balcão em meia lua, coberto de zinco, com maquinas de café expresso. Prateleiras por trás com garrafas de bebidas. Ao longo das paredes, algumas mesinhas com tres ou quatro freguêses de blusa e gorro — certamente operarios. Uma mulher gorda, de prato, servia-os.

Encostei-me ao balcão. Um francês robusto, ruivo e rubro, de bigodes a Vercingetorix, sorriu-me e perguntou-me o que desejava. Respondi-lhe:

— *Un noir, bien soigné.*

Emquanto preparava a chicara de café, perguntei-lhe si era o patrão.

— Sim, por que?

— Desejava saber a razão por que o senhor pôs no seu café o nome de Ceará.

— Não sei, explicou-me. Acho um nome muito exquisito e justamente por isso indaguei do antigo proprietario, quando adquiri a casa em 1920, o que significava. Respondeu-me que tambem não sabia e que fizera a mesma pergunta ao seu antecessor, em 1892. Este ignorava a origem do nome, pois comprara o café havia quinze anos a um parente que já o recebera assim batizado. E nenhum deles mudara a taboleta, porque era um nome que soava bem, que se tornara tradicional na redondeza e que toda a gente do *quartier* conhecia.

Indagou, depois, qual a razão da minha curiosidade. Então lhe disse o que era e onde ficava o Ceará, a fama outróra do seu café da serra de Baturité, anterior ao paulista, e que eu nascera nessa parte longinqua e desconhecida do longinquo e desconhecido Brasil. O francês sorria, cofiando a bigodeira ruiva; depois, chamou a mulher, a de prato que servia os freguêses, e me fez repetir tudo, entrecortando as minhas frases de exclamações:

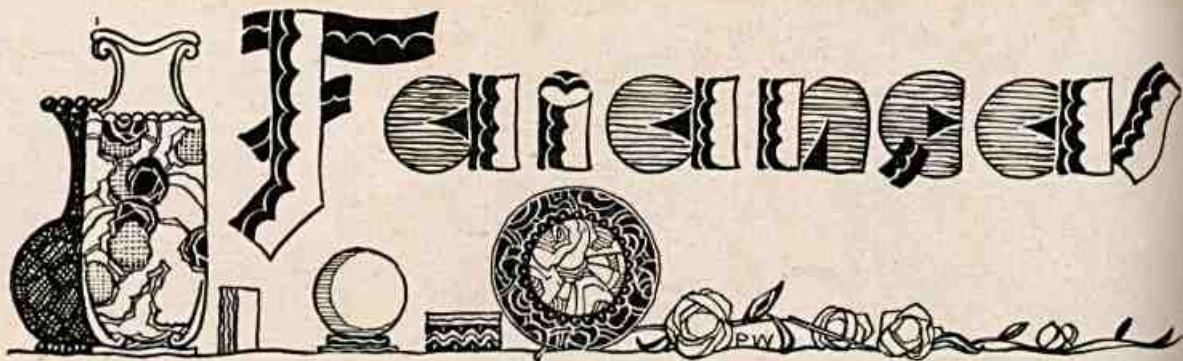
— *Tiens!... Que c'est curieux!... Que c'est drôle!...*

Por fim, quando bati a moeda de dois francos sobre o zinco para pagar os setenta e cinco centimos do *noir*, ele recusou nobremente:

— Não, meu caro senhor, não! E' a primeira vez que uma pessoa desse tal Ceará entra no Café du Ceará e eu quero que o senhor guarde uma bôa lembrança deste encontro.

A mulher aprovou. Agradeci e saí, admirado da generosidade do francês e matutando quem teria sido, havia mais de meio seculo, o meu patricio andejo e destemido que puzera em Paris, na rua de La Gaité, um café com o nome de nossa terra.

— Tiens! Que c'est curieux! Que c'est drôle!...

DOIS ESTHETAS

NÃO foi perdido o meu ultimo domingo. E' que, geralmente quando não leio ou não escrevo — o que é raro — o dia do Senhor, para mim, é sempre um dia vazio, um dia inutil: podia ser riscado do calendario.

Mas, o domingo que encerrou a semana foi, posso dizel-o — um dia cheio de espiritualidade e bellezas.

Explica-se: tive dois livros excellentes para o meu enlevo literario: "Teia de Aranha", de Elcias Lopes, e "Espelho d'agua", de Onestaldo de Pennafort.

*

Elcias Lopes é meu companheiro de redacção. Não convem, por isso, juntar aqui a idéa que faço do seu bello espirito. Direi, apenas, que o seu livro de chronicas é desses que se obtêm e se lêem com um encantamento crescente. Porque nelle tudo é dito com a justa medida e a elegancia de um estheta, que sabe vêr e pensar.

Si já não passou a moda de se comparar com outro um escriptor de personalidade marcada, lembrarei que Elcias Lopes é um pensador á maneira de Maeterlinck, e um ironista risonho da escola sadia de Anatole France. Mas, o melhor é dizer que Elcias Lopes é Elcias Lopes — mesmo.

Quando elle fala, por exemplo, do amor das mulheres, que são "todas desconcertantes e ferozmente decepcionantes"; e quando recorda a sua terra natal, "dourada de sol, vestidinha de noiva" — é sempre o mesmo chronista — fino e amavel.

Cerebral e emotivo, simultaneamente, Elcias Lopes dá a impressão de que o seu coração é um cofre onde se accumulam as moedas de oiro — umas symbolizando o seu espirito, cheio de rutilancias, outras a sua generosidade larga, de altruista. Nababo, elle as desperdiça, escrevendo ou falando — porque sabe que o seu thesouro é immenso.

"Teia de Aranha", senhores, é um livro delicioso. E não o digo por ser confrade e companheiro do Elcias. Digo-o porque o sinto e assim o julgo.

*

"Espelho d'Agua" de Onestaldo de Pennafort é a obra de outro estheta. Onestaldo é desses poetas elegantes — de physico, de maneiras e de alma. Musset, Wilde, Garrett... Qual delles o que melhor se lhe compara? Todos, certamente.

Dito isso, creio que não posso exprimir melhor a arte de Onestaldo — sem frisar o encanto, a fulguração e o rythmo dos seus poemas.

Escolhamos ao acaso, esta legenda linda

ASSIM CANTAVA A FLOR DO MEU DESEJO

"Que cousa é mais hor-
[rivel do que ter
nos proprios labios o sa-
[bor do beijo
que ainda nenhuma boc-
[ca quiz colher!

O' meu amor que ainda
[não conheço,
não te esqueças de mim
[que não te esqueço!"

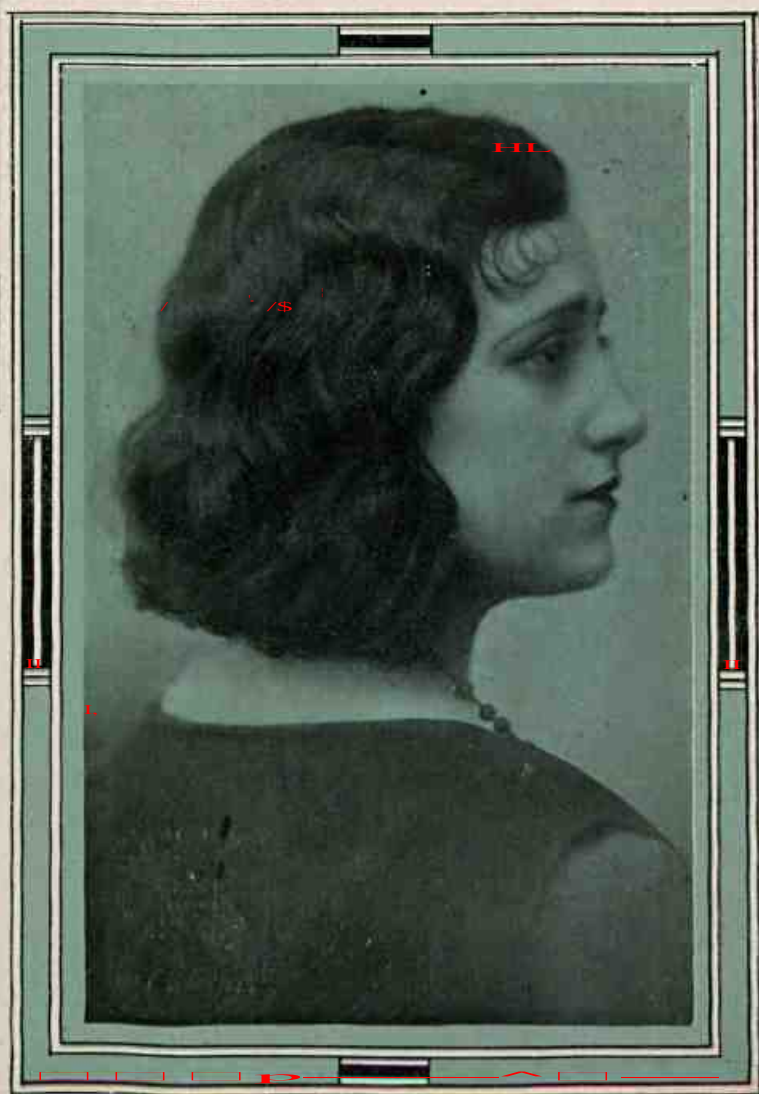
E' um paradoxal. E com isso um elegante de espirito. Um encantador que, quando era menino, desejaria ser general e actor.

"Actor, porque beijaria as actrizes, nas scenas
[de amor!..."

Lindo, não?

Yyra

Berilo Neves, o fascinante ironista de «A mulher e o diabo», «descobriu» em Pelotas, na sua recente excursão pelo Rio Grande do Sul, esta formosa poetisa gaúcha que se chama Noemia Coelho da Costa, espirito vibrátil de artista, graça harmoniosa de mulher. E', como se vê, uma legitima representante da intelligencia e da belleza da terra dos pampas.

A Mulher Gaúcha

NAS gaúchas, de olhos de sêda, hypnotizadores e dormentes, póde não ser fácil o sorriso. Esse sorriso que o poeta chamava: «un mensonge parfois vrai»... As filhas dos Pampas são de uma fidalguia serena e altiva... Sim, o sorriso póde não lhes ser muito fácil. Mas, a belleza que possuem compensa a ausencia do sorriso difficil. Porque nellas o que sorri é o encantamento dos olhos sonhadores... Reparem...

NAIR BAPTISTA é uma nova poetisa. Tem dezenove annos e uns olhos verdes, de um verde triste, que faz scismar nas aguas perdidas entre as folhagens densas. Seus versos são lindos, — tão lindos quanto sinceros... São as flôres crepusculares da sua alma adolescente, ansiosa de ternura, voltada para os céos altos da nostalgia, de onde vieram, naturalmente, estes alexandrinos, que revelam um talento incommum.

SONETO

Eu quizera escrever um soneto bem triste,
Profundamente humano e bem sentimental;
Volvendo o meu olhar por tudo quanto existe,
Nada encontro, porém, que não seja banal.

Falar de amor, é vão: pois todo amor consiste
No mesmo sentimento e, na vida, afinal,
Tudo nelle começa e ao proprio amor assiste
O direito do bem e o direito do mal.

Eu quizera escrever com os olhos razos de agua,
Cantar um soffrimento, uma infindavel magoa,
Fazer dos versos meus uma estrophe sentida...

Porém, volvendo o olhar pelo espaço infinito,
Só descubro esse anseio, essa dôr, esse grito
No meu proprio soffrer, na minha propria vida.

NAIR BAPTISTA

FILGUEIRAS LIMA é um dos valores mais authenticos da nova geração literaria cearense. Poeta moderno, o rythmo dos seus versos é vigoroso e estuante de seiva fresca como o seu sangue sadio e moço. Com *Poema das tuas mãos*, que publicamos nesta pagina, Filgueiras Lima inicia, brilhantemente, sua collaboração para FON-FON.

POEMA DAS TUAS MÃOS

Dá-me, ó Toda Pura, as tuas mãos macias,
em que ha veias azues como o nosso destino...
Alvas mãos de legenda e allegorias
que espalham, na quietude dos meus dias,
como lyrios reaes, seu aroma divino...

As tuas mãos heraldicas e mysticas,
feitas para passar as contas dos rosarios,
deante da pureza dos sacrarios,
no silencio das mesas eucharisticas!

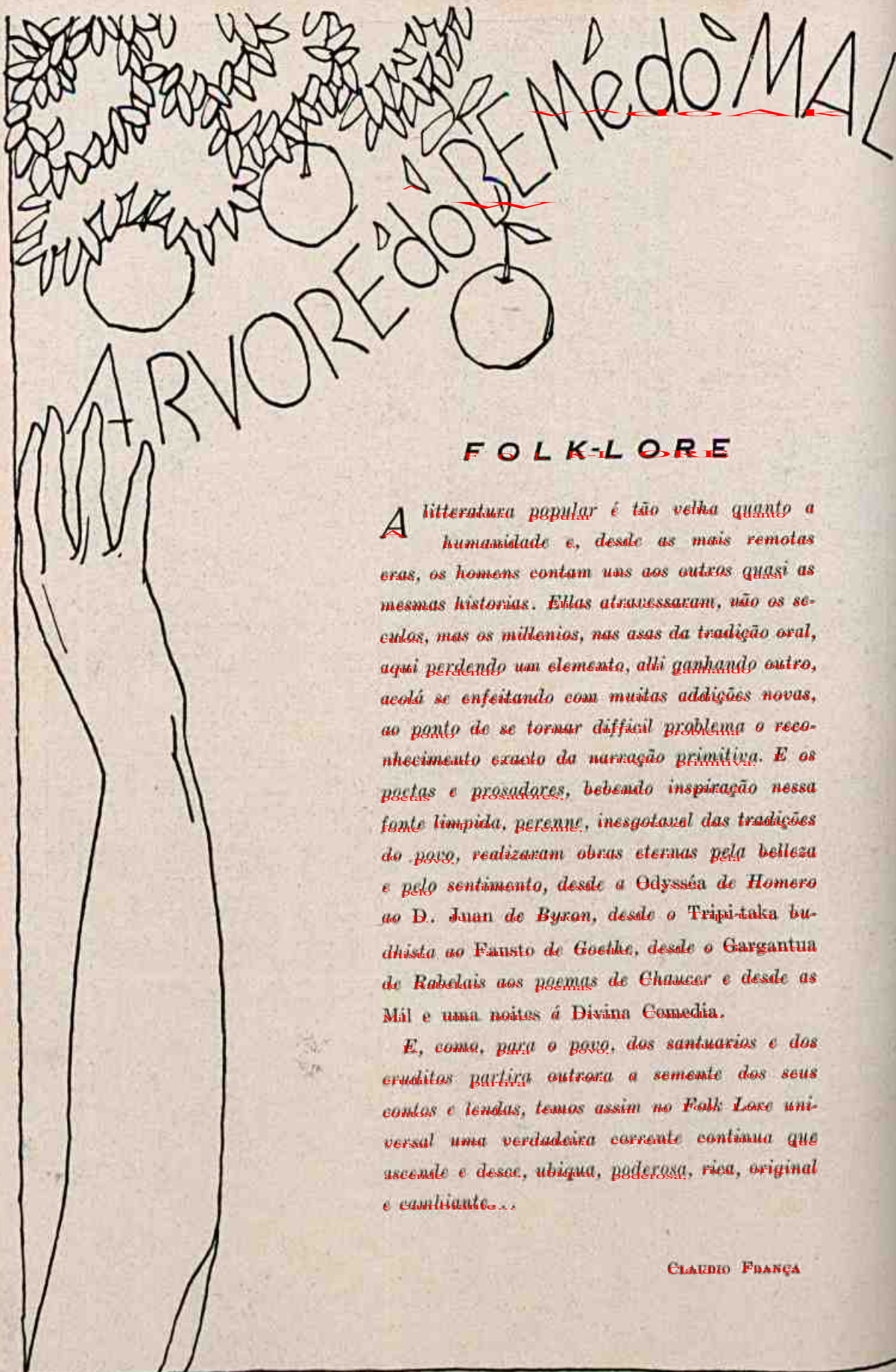
Mãos de neve e de luar: brancas e luminosas,
cheias de sortilegio e de carinho,
que, na penumbra vã do meu caminho,
accendem astros e sacodem rosas...

Na vida aspera de escolhos,
dentro das minhas sempre quero têl-as,
pois, vendo o céo escuro dos teus olhos,
para mim — os teus dedos são estrellas...

Tuas mãos milagrosas e perfeitas
suggerem-me, ao sol pôr, sonhos lindos e vãos...
Deixa que eu te consagre a eleita das eleitas,
de joelhos a teus pés — adorando essas mãos!

FILGUEIRAS LIMA

Toda a semana passada decorreu fecunda em beneficios para a Assistencia Dentaria Infantil Zeferino de Oliveira e para a Clinica Escolar Oscar Clark, as duas instituições que tanto amparam as crianças pobres do Rio de Janeiro. No Palace Hotel, realizaram-se, de segunda-feira a sabbado, os chás de caridade que um grupo de damas da alta sociedade carioca promoveu com essa nobre finalidade e que alcançaram o mais expressivo successo. Varias figurinhas galantes percorriam as mesas, servindo chá, doces e sorvete, emquanto outros elementos do nosso mundo artistico distrahiam a assistencia com numeros de musica e declamação. A' frente dessa iniciativa estavam, entre outras, as senhoras Alfredo de Paula, Gondolo Labouriau e Gustavo Barroso.

A ARVORE dò REMédò MAL

FOLK-LORE

A litteratura popular é tão velha quanto a humanidade e, desde as mais remotas eras, os homens contam uns aos outros quasi as mesmas historias. Ellas atravessaram, não os seculos, mas os millenios, nas asas da tradição oral, aqui perdendo um elemento, alli ganhando outro, acolá se enfeitando com muitas addições novas, ao ponto de se tornar difficil problema o reconhecimento exacto da narração primitiva. E os poetas e prosadores, bebendo inspiração nessa fonte limpida, perenne, inesgotavel das tradições do povo, realizaram obras eternas pela belleza e pelo sentimento, desde a Odysséa de Homero ao D. Juan de Byron, desde o Tripi-taka budhista ao Fausto de Goethe, desde o Gargantua de Rabelais aos poemas de Chaucer e desde as Mil e uma noites á Divina Comedia.

E, como, para o povo, dos santuarios e dos eruditos partira outrora a semente dos seus contos e lendas, temos assim no Folk Lore universal uma verdadeira corrente continua que ascende e desce, ubiqua, poderosa, rica, original e cambiante...

CLAUDIO FRANÇA

A MULHER CHIC

Pyjama de "brocké rose" de Jean Patou

Especial para "Fon-Fon"

FOOTBALL — O CAMPEONATO DA CIDADE

O America e o Vasco, jogando domingo passado, no campo do primeiro, proporcionaram uma grande e sensacional tarde de «football» aos apreciadores do sport bretão. Foi o mais importante encontro do dia. Não só pelos adversarios que se defrontaram, mas tambem pela assistencia collossal que enchia literalmente as archibancadas da rua Campos Salles, «torcendo» pelo «team» das suas preferencias. A nossa pagina offerece detalhes photographicos dos momentos mais empolgantes desse «match» do campeonato da cidade.

TERRA GAÚCHA

POR

BERILO NEVES

mar, que era verde, adquire, aos poucos, a côr fecunda e maternal da terra... O verde é a illusão, o sonho, a irrealidade, o nada... O amarello é a côr das sementeiras e das seáras... que se vão colher. A agua oceanica é instavel como o coração dos poetas. A terra gaúcha é segura como o bom senso e definitiva como a logica...

*

Ha um oceano que se chama a "Lagôa dos Patos". Na terra de Lilliput, seria, de feito, um oceano. Na terra de Guliver, é, realmente, apenas, uma lagôa...

*

Porto Alegre, como uma cidade encantada do tempo em que até as cidades se encantavam, é uma festa para os olhos e uma alegria para o coração. A viagem é um labyrintho liquido que desfecha num deslumbramento: o Guahyba. Como si um rio apenas não bastasse a emmoldurar-lhe o scenario principesco, reunem-se, em confluencia, cinco rios para lhe formarem a bahia magnifica. E Porto Alegre, como a Venus que sahiu das aguas, nasce onde os rios morrem...

*

O gaúcho, que nasceu cavalleiro e brincando, começou cavalgando a propria Terra. Porto Alegre é um absurdo topographico... Mas é, tambem, uma esplendida realidade architectonica. Tem um alicerce de cimento e uma alma de rosas... Os arranha-céos alternam com os jardins. A cada passo, um monumento, a cada minuto, uma flôr...

*

Uma cidade é tanto mais linda quanto maior é o numero, que possue, de flores e de mulheres. Porto Alegre é um salão de baile... florido!

O traço caracteristico da terra gaúcha é a fecundidade. Tudo nasce, ali, com uma ansia infinita de viver. O homem é grande, as rosas, tambem...

*

A riqueza estúa por toda parte, do campo de creação ao trigal em flôr... O arrozal, o vinhedo, o rebanho, a macieira, todas as arvores e todas as creaturas de Deus parecem, aqui, estar cantando um hymno de amôr e de gratidão á Terra, que os fez nascer. Si os ouvidos humanos fossem mais perfeitos, ouvir-se-ia, ali, ao mesmo tempo que a "musica das espheras", a marcha triumphal dos embryões e das sementes!...

*

A alegria de viver... E' a virtude fundamental dos gaúchos e da terra gaúcha. A tristeza é uma falta de nutrição. E, no Rio Grande do Sul, as proprias violetas (que são incuravelmente romanticas) passam bem e gozam saude...

*

As mesmas pedras parecem ter, ali uma alma s u b t i l e intelligente... Nellas brota, ás vezes, a graça amavel de uma herva... E onde ha vegetal ha, sempre, o encanto de um sorriso e o sorriso de uma esperança...

*

Nessa agitação perenne e creadora ha, entretanto, uma grande doçura ambiente: o clima. Por toda parte, alguma coisa de arminho e de velludo... A atmosphera acaricia-nos como uma amante, e dá-nos, á pelle, um pouco da estranha voluptuosidade, sensibilissima dos gatos... O frio é um anesthesico dos musculos e do cerebro. A noite faz-nos mergulhar num oceano de serenidade, em que até os sonhos têm receio de nos perturbar o repouso... O gaúcho sonha pouco: é, talvez, por isso, que realiza muito...

*

No frio, o rythmo da Vida se acelera e amiúda... O frio é a morte, e os organismos só se robustecem na lucta continua contra a Morte. A Vida, no intimo, é uma reacção. E o frio é uma acção que busca destruir... os que não são dignos da graça, divina, de viver...

*

O gaúcho é o resultado de uma terrivel selecção biologica. Ali, só os fortes vivem. E o gaúcho, como o sertanejo do norte — na expressão lapidar de Euclydes da Cunha — é, *antes de tudo*, um *forte*. O homem, assim como o mais humilde dos seres mono-cellulares, está sujeito ás leis implacaveis da selecção. E o gaúcho é, magnificamente, um homem.

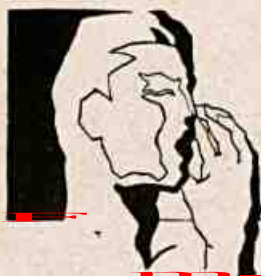
*

Mas a Vida não é, apenas, uma somma de factores biologicos: é uma aspiração á Immortalidade. E a immortalidade só é possivel através da força eterna da Intelligencia. No Rio Grande do Sul, o livro é tão imprescindivel como o pão. Não são apenas os campos que prosperam: as livrarias tambem... O boi não tem mais direito a existir do que a Idéa... E essa realidade, na terra gaúcha, é tudo...

*

Si fosse possivel synthetizar as qualidades de um povo numa unica palavra, eu diria que a gente gaúcha é como uma montanha: tem a altivez e a altaneria dos pincaros de granito e, ao mesmo tempo, a doçura e a bondade dos valles bem floridos...

*

Como a montanha, elle tem a fronte proxima dos céos — o que é idealismo, e está preso, solidamente, á terra que o ampara — o que é bom senso... E' poeta porque sente, e é philosopho porque raciocina, depois de sentir... Não é um utilitarista feroz, mas tambem não é um fantasista inutil. Ama as nuvens, mas não esquece nunca de cuidar das suas vinhas e das suas searas — para que a alma, alegre, cante, sempre, num corpo robusto e sereno...

NOTAS INTELLECTUAES

Professor Ruben Almeida, uma das expressões intellectuaes do Maranhão de hoje, e figura de relevo na sociedade de São Luiz.

. . .

O EREMITA DOS OCEANOS

UM barco. Um homem. O mar immenso. A immensa solidão. Uma vida. Toda a silenciosa e grandiosa historia de uma vida... da vida maravilhosa e solitaria de Alain Gerbault — o eremita do oceano.

Quedo-me a scismar, a buscar comprehender a attitude bizarra, estravagante, de Alain Gerbault, deante da vida, no seu expressionismo contemporaneo, com a sua cultura, a sua trepidação, a sua vertigem, os raffinements da sua civilização.

Snobismo? Excentricidade? Ou uma dor, um soffrimento, uma saudade a buscar, na immensidade turbilhonante dos mares, o confor-to das distancias sem fim, das solidões sem limites, apenas perturbadas, na sua paz, no seu silencio, pelo clamor de melancolia do tumulto interior do mar?

Agora, mesmo — dizem os jornaes — o estranho navegador solitario realiza um novo cruzeiro, em demanda das ilhas do Pacifico, attrahido — acrescentam — por uma princezinha indigena que reina em uma dellas.

Deante do mysterio de que Alain Gerbault cerca a sua vida, a fabulação não poderia faltar, e eil-a ahi, representada na lenda desse amor pittoresco pela selvagem soberana de uma ilha perdida no bojo immenso do Pacifico.

Em um lindo e bizarro conto de fadas vem, assim, se transformando a vida aventureira do eremita dos oceanos — o homem que se cerca da solidão immensa dos mares para, nella, melhor, talvez, se entregar á alegria e ás surprezas de uma vida menos monotona que a que lhe permittem o contacto com a civilização e o fastidioso convivio com os seus semelhantes...

O pequeno Oswaldo, filhinho do casal Eugenio Leal da Silveira - d. Maria Marques Leal da Silveira, no dia de sua primeira communhão.

NOTAS POLITICAS

O sr. Francisco Alves Cavalcante, joven prefeito-interventor da cidade de Campo-Maior, no Piauhy. Espirito emprehendedor e tenaz, em poucos mezes de governo já dotou aquella cidade sertaneja de varios e importantes melhoramentos.

. . .

SAUDADE...

O tempo... A tua saudade... Não sei porque ella se arraiga mais e mais, á proporção que o tempo corre, que a poeira dos annos desce sobre a minha vida...

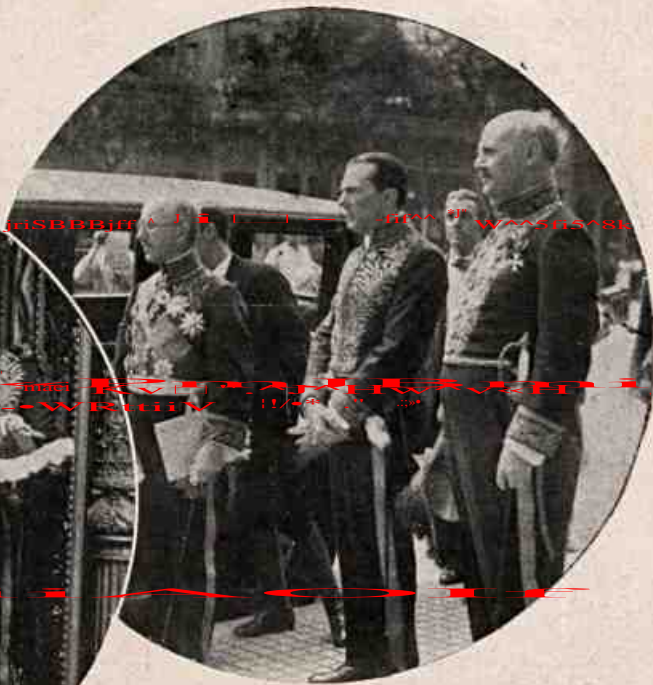
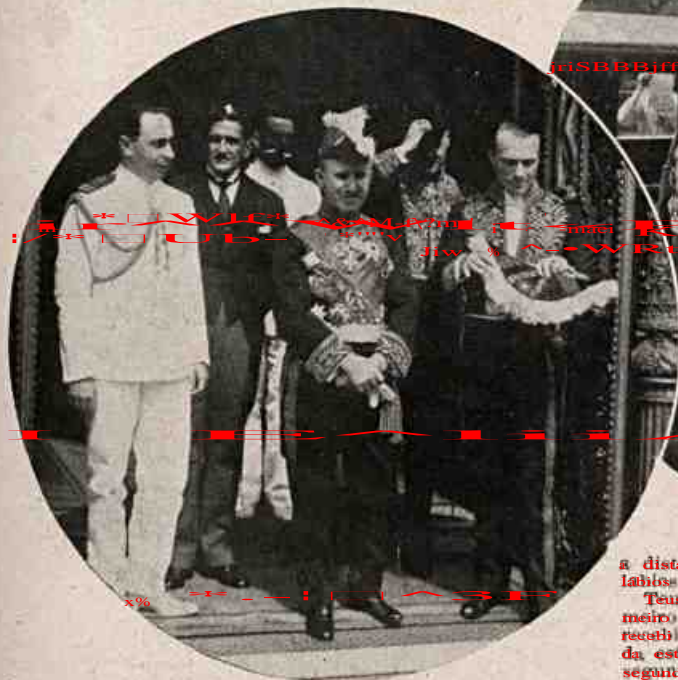
E palpitam, vibram rythmos de amor, canções que nunca cantei, no ambiente cada vez mais amplo, mais vasto, mais infinito da saudade em que te trago. A immensa e profunda saudade de tudo que, um dia, fez o encanto e o deslumbramento das nossas vidas, e, tambem, a nossa felicidade longinqua...

Não tanto, porem, por que eu ainda a sinto dentro de mim — a nossa felicidade — a cantar baixinho, em surdina, a suave canção do nosso sonho de amor.

E, hoje, a minha felicidade é a tua saudade, é toda feita da tua saudade, meu amor...

Max Linder

BRASIL - FRANÇA

O presidente Getulio Vargas, recebeu, ha dias, no palacio do Cattete, para entrega de credenciaes, o novo embaixador de França junto ao governo brasileiro, dr. Albert Kemmerer, recentemente chegado a esta capital, e que apparece nos dois flagrantes abaixo quando chegava e ao retirar-se do palacio presidencial, após a cerimonia.

BEIJOS...

Estou reclinada em meu divan, entre almofadas macias, que me fazem lembrar as horas romanticas do nosso amor. Não te tenho ao meu lado, mas sinto perto de mim a tua alma sonhadora...

E evoco os teus beijos, sentindo ainda nos labios a distante caricia dos teus labios atrevidos...

Teus beijos... O primeiro que me deste eu o recebi com o medo ingenuo da estréa... Mas vieram o segundo, o terceiro e o quarto, e o medo se foi, lentamente, dissipando, até se transfigurar no delirio e na volupia do amor.

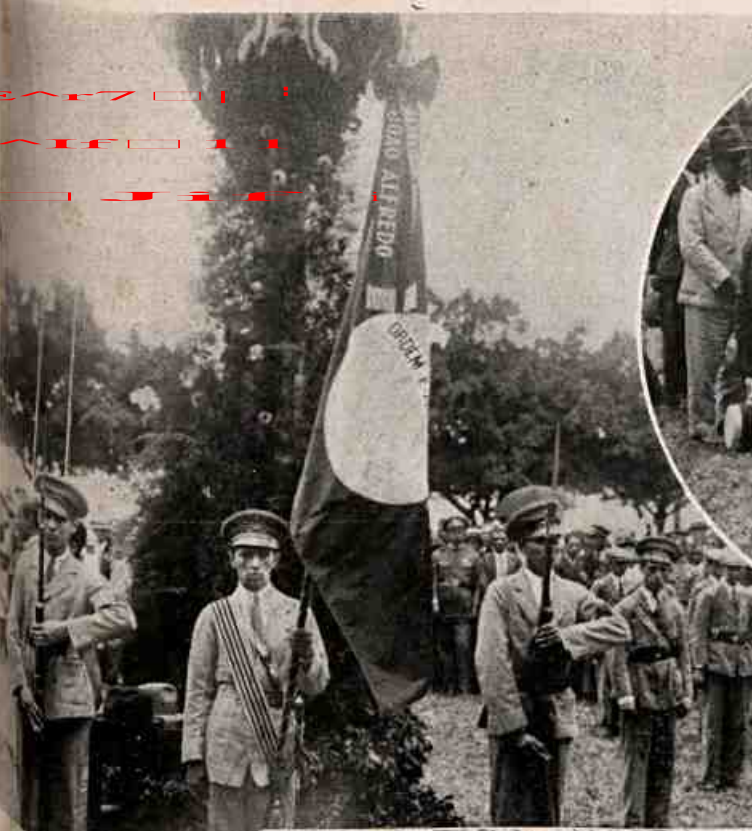
Foram tantos... tantos... que nem sei mais a conta... Dez? Vinte? Cincoenta? Não me lembro. Mas toda a minha vida ficou impregnada desses beijos. Desses beijos cujo sabor ainda hoje eu sinto, quando te recordo nos meus instantes de saudade.

Meu amor, por que não vens dar-me a beber de novo a taça voluptuosa de teus labios?

ALTA-GUI

O professor Souza Araujo foi homenageado, no ultimo sabbado, pelos alumnos do Curso de Leprologia do Instituto Oswaldo Cruz, que lhe offereceram um almoço, no restaurante do Automovel Club do Brasil.

O DIA DA BANDEIRA

Respeitavel e grandioso, sob todos os aspectos, o Dia da Bandeira fala de modo muito expressivo ao coração dos brasileiros. Symbolo da patria, o pavilhão nacional, a tremular no topo dos mastros, traduz as glorias e as grandezas da nossa terra. Dahi o motivo por que são sempre tocantes, pelo seu cunho de alto civismo e enthusiasmo patriotico a data de 19 de novembro. Ainda este anno, as commemorações á Bandeira foram profundamente significativas. A nossa pagina focaliza varios flagrantes da parada escolar levada a effeito na praia do Russell, e á qual assistiram o chefe do governo provisorio, altas autoridades civis e militares e grande massa popular.

O general Leite de Castro, titular da pasta da Guerra, hasteando o pavilhão nacional na fachada do edificio do Ministerio da Guerra, por occasião das solennidades commemorativas do «Dia da Bandeira».

HISTORIA TRISTE

NUMA noite tranquilla, á beira mar, o céo estava escuro, cheio de estrellas e aberto sobre as aguas. No terraço do "club", cabeça muito branca, o homem velho cruzou as pernas, acceitou o cigarro do seu companheiro e depois, endireitando-se no fundo da poltrona, continuou:

— Póde. Eu sei que póde... Você conheceu meu primo, o doutor Paulo?

— Um famoso, da "casa de saude...

— ... Santa Ephigenia"; elle mesmo.

— Sim. Conheci, de vista; mas por que?

— Espere; eu quero apenas mostrar que póde...

E proseguiu, narrando com a voz quasi apagada:

— Cerca de quarenta annos atraz, numa cidade pequena, que tanto eu conheço, havia um collegio, perto de um igrejinha. Nesse tempo, todas as tardes, quando choravam os sinos da Ave Maria, as nossas orações alimentavam nossos idéaes.

"Na turma do quinto anno, eramos poucos e, entre nós, meu primo. Elle, tambem, tinha uma namorada. Mas era tão boazinha, tão linda, e tão sincera, tantas foram as promessas e os castellos que elles fizeram, que a separação, horrivel, foi muito mais do que um sacrificio.

"No principio, muitas foram as cartas. Depois, como sempre acontece, bem poucas; e, afinal, um dia, elle não quiz escrever mais.

"Quatro annos vagarosos haviam passado, quando, certa vez, apenas estudante de medicina, elle voltou. Triste, estava magro, e tinha um ar indifferente. O seu olhar, parado, vinha do fundo de dois olhos negros e sombrios.

"Eu me lembro: elle voltou para assistir ao casamento della. Ao casamento daquella que não poude esperar só porque não podia mais viver sem esperança...

"O céo estava todo azul e as ruas, quasi differentes, ainda eram aquellas mesmas ruas do outro tempo. O predio antigo, do collegio, lá estava, no fim daquellas avenidas, com a sua gradinha de ferro e as suas jaboticabeiras. Caminhando pensativo, e recordando aquillo tudo, elle teve vontade de chorar.

"Depois, chegando perto da igrejinha, passou entre os carros que estavam encostados, e ficou por traz de uma das arvores enormes, do jardim. Immovel, elle assistiu, com os olhos cheios de agua, á sahida dos noivos. As "demoiselles" atiravam petalas de rosa e os moços brincavam de atirar arroz... Foi com os olhos lacrimosos que elle a viu chorando de felicidade. Ella, a mesma que tinha ficado no collegio, tão linda, e tão boazinha!

"Quando todos se foram, alegres e felizes, elle ficou sozinho, calmo, abatido e resignado.

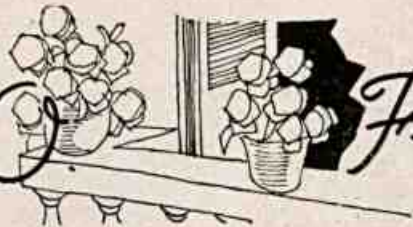
"O jardineiro sempre contava que ouviu quando o moço triste, assentado na gramma, falava devagar, com uma voz fraca e sumida: — "Ella disse que a gente não póde viver sem esperança... sem esperança... mas eu acho que póde... eu acho que póde..."

— E depois?

— Depois? Elle viveu. Viveu sozinho toda a sua vida com aquelle mesmo ar indifferente. Todo o mundo o consagrou como cirurgião, mas pouca gente conhecia a sua historia. Quando morreu, nos meus braços, ainda sabia chorar, dizendo o nome daquella que destruiu toda a sua felicidade...

THIAGO

A formosa senhorita Marina Kós, filha da exma. viuva Arthur Kós, no dia de seu casamento com o sr. Raul Ribeiro.

Balcão Florido

MINHA PEQUENINA "MASCOTTE"

— A minha *mascotte*, dizes?...

— Sim. Serei a tua pequenina *mascotte*. Ajudar-te-ei a ser feliz, muito feliz...

— Como?

— Amando-te. Mas...

— Mas?...

— E' preciso que não quebres nunca o encantamento da tua fadasinha, destruindo o que faz a força, a virtude do seu miraculoso sortilegio...

— E que é?

— O teu amor. O amor, querido, que sinto me dedicas; esse amor que á tua amargura interior enche, ás vezes, de sombras e de melancolia, como se os écos do teu passado de soffrimento quizessem para sempre envolver-te no clamor da sua profunda tristeza. Mas, juntinho de ti, a receber de ti proprio a força de que careço para fazer-te viver, plena, integralmente, no ambiente illuminado do meu amor, conseguirei, um dia, realizar o milagre da tua e da minha felicidade.

— E terás sido, então, a minha pequenina *mascotte*, a minha adorada *petite fée*.

— Sim. Hei de sêl-o. Confia em mim. Não quebres, porem, o suave poder do meu encantamento...

— Mas, minha filha, são tantas, tantas, as sombras de inquietação e de tristeza dentro de que se agita e soffre a minha vida...

— Sombras quietas de crepusculo. Melancolias de tarde outomnal — que eu transformarei, um dia, em irradiações quentes, alegres, cariciosas, de sol em festa.

— Confias tanto na força do teu amor?

— Sim, porque tu és o meu amor, o grande, o immenso amor do meu amor!

— Escuta, minha filha: amo-te, tambem, louca, intensa, profundamente. Vivo, mesmo, da propria luz que a noite illuminada de teus olhos irradia em derredor de mim. Na fonte, cantante de beijos, de teus labios doces e cariciosos é que vim encontrar, pela primeira vez, a gotta d'agua fresca da felicidade — que, meiga e generosamente, me déste a sorver. Sob a caricia suave de tuas mãos senti-me, de novo, a creança que fui e adormeci, confiante e feliz, no teu collo macio. Já realizaste um grande milagre: o de me fazer creança para ti, para o carinho e para a consolação do teu amor. Encontraste, assim, o caminho, a trilha perdida, ha tantos annos, já, da minha felicidade...

— Meu amor, que queres dizer?

— Que começo a sentir-me feliz, a ter confiança na minha pequenina e querida *mascotte*, porque só se pode sentir a felicidade quando canta, dentro de nós, no alvoroço festivo do seu continuo deslumbramento, a alma da creança que vive e palpita no eterno sortilegio do nosso coração. E és, querida, a fadasinha adorada do mundo de encantamento do outomno da minha vida...

— Como tu és a minha querida creança, o meu amor de creança...

— Sim. Faze-me sempre creança junto de ti. Sinto-me tão bem, tão feliz, tão pequenino dentro do teu grande e suave carinho...

— Meu... filhinho, sempre meu filhinho?

— Sim, sempre teu filhinho.

— O filhinho do meu amor...

— Como tu és a filhinha da minha felicidade... Uma felicidade de filhinha...

HELIANTHO

A joven pianista brasileira senhorita Anna Candida de Moraes Gomide, que acaba de realizar com successo o seu primeiro recital, conquistando os applausos de uma assistencia culta e numerosa. A senhorita Anna Candida é 1.º premio Medalha de Ouro do Instituto Nacional de Musica.

TITILAÇÕES

A festejada actriz portugueza Esmeralda Ferreira, que o nosso publico já applaudiu em varias temporadas, e que está alcançando brilhante successo nos palcos da Europa.

O velhóte foi ao leilão, fazendo-se acompanhar do secretario. *Madame*, que é uma figura attrahente, estava lá, com a filha, interessante botão que se abre em flôr.

O velhóte, solteirão, é um tanto imprudente...

Viu *madame*, achou-a magnifica, imaginou coisas.

E usando de tactica, bebida certamente em *manuaes dos perfeitos conquistadores*, principiou a distribuir attenções á moça, indagando quaes os objectos de sua preferencia que iam ser batidos pelo martelo do leiloeiro.

Depois, foi o que nós assistimos, verdadeiramente intrigados com o caso!

O leiloeiro annunciava lote numero tal, *madame* offerecia o seu lance, o velhóte atrapalhava a pretensão da senhora, majorando o preço, majorando sempre, até ficar de posse do objecto.

Nada valia a advertencia do secretario, murmurando-lhe baixo ao ouvido, respeitoso:

— Senhor, em casa não temos necessidade de bule; ha duplicata até...

O velhóte não dava attenção ao aviso do secretario, arrematava o bule, proseguia offerecendo dinheiro muito além do valor de certos objectos que adquiria e essa prodigalidade escandalizava o empregado conhecedor do seu apego ao vil metal.

O velho estaria doido?!

Sim, estava, pelo menos, praticando loucuras: não sabia o que fazia...

Por fim, *madame* e a filha estavam indignadas, furiosas com o intruso que parecia gozar a volupia de arrebatar-lhes das mãos tudo quanto pretendiam adquirir por preço modico.

Desvendou-se, porém, repentinamente, o nosso espanto de observador de leilões, e assim tambem o espanto do *secretario*, o espanto das damas...

O velhóte, com um sorriso parvo, acercando-se de *madame*, perguntou á queima roupa:

— Para onde permitte que lhe mande os objectos que arrematou?!...

Alice Ogando, que se encontra no Rio, actuando com grande brilho na Companhia Aura-Adelina Abranches, não é só a actriz illustre que, em Portugal, como por onde vae passando, se tem feito admirar e applaudir: ella é, antes de tudo, uma escriptora e poetisa de renome, sendo varios os seus livros em prosa e em verso, notadamente peças theatraes. «Bonecas e pinguins» é o seu ultimo trabalho, ainda nesse genero, e no qual a escriptora portugueza revela as qualidades brilhantes de uma prosadora de estylo gracioso e de fórma elegante. Na semana passada, Alice Ogando realizou, no salão do Movimento Artistico Brasileiro, bella conferencia sobre poetas portuguezes, tendo sido vivamente applaudida.

Uma onda de sangue subiu ás faces de *madame*.

Havia comprehendido a insolencia d'aquelle patife de bôas maneiras, de cabeça coberta pela neve dos annos.

Puxou pelo braço a filha, fugindo da sala onde ainda ecoava a vóz do leiloeiro:

— Quanto me offerecem por este lote?!...

CONSERVE o seu sorriso. Mesmo nas occasiões mais difficeis, deante do publico boquiaberto, que não sabe da vida alheia, conserve o seu sorriso...

Assim quér a turba, que o outro dia falou quando um cidadão qualquer era valentemente esmurrado por uma senhora elegante, dentro de um bonde.

Ninguem sabia do que se tratava, mas quantos constataram o facto não se mostraram indignados.

Apenas viram a dama levantar o braço e tome taponas, dadas com raiva, com violencia, com maestria...

O cidadão aniquilado, talvez vencido pela surpresa, limitava-se a defender o rosto, sem o mais leve movimento de reacção.

Os passageiros, não menos admirados e surpresos, assistiam impassiveis ao torneio *sportivo*, de grande sabor, dentro de um bonde.

Quando o espectaculo começava a interessar, o cidadão achou que a sua melhor defesa era saltar do vehiculo, o que fez com agilidade e destreza.

Foi nesse *momento solemne* que uma vóz gaiata gritou, para o infeliz:

— Conserve o seu sorriso...

E o bonde inteiro desatou numa gargalhada homerica, incontida...

O pequeno maranhense Pindaro de Souza, filhinho do poeta Chrysostomo de Souza, de São Luiz, e, naturalmente, um futuro sonhador da Athenas Brasileira...

Um aspecto da solennidade da posse da nova directoria da Sociedade de Internos dos Hospitaes, cujos membros apparecem ahi em companhia dos professores Leitão da Cunha, director da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, e Juliano Moreira, presidente de honra daquella associação.

LOUCURAS

De Paulo Gustavo

Bem me diz a razão, minha querida,
Que te não queira assim, neste fervor,
Que se não deve mais amar na vida
Com tanta febre, com tamanho ardor.

Bem que percebo, linda inattingida,
Que é um mal querer-te, deliciosa flôr...
Mas... que fará minha alma, embevecida,
Si não pode viver sem teu amor?

Bem vejo como é vã e sempre inutil
Uma affeição romantica e sincera,
Nesta quadra moderna tola e futil.

Mas... que fazer si, em meio á minha dôr,
Foi quem me põe o peito em primavera
E não posso viver sem teu amor?

CARTA A UMA NOIVA

"Minha amiga. — Muito soffre quem errou o caminho na encruzilhada do amor. Tornar ao inicio não permitte o destino. Tem que seguir, avançar continuamente, levando ás costas o fardo do infortunio.

A uma altura, a estrada recta da felicidade attinge o seu termo. E' como o findar de um tronco. Acha-se a gente deante de muitas divisões — caminhos. Todos juncados de flores, bordados de verde. Ao longe, essas veredas se tornam ásperas, inhospitas, sem um ramo que projecte, na areia adusta, pequena mancha de sombra. Raras são as que continuam planas, cortadas de arroios, ladeadas de arvores umbrosas, em cujas frondes cantem aves.

Passagem difficil!

Quem muito pensa, nessa encruzilhada permanece para sempre.

Tu, que te achas nesse lance embaraçoso, pede a Deus para que não te aconteça o que me succedeu a mim.

Quando me encontrei na tua situação, não pensei, fechei os olhos; e, numa especie de vágado, me atirei nos primeiros braços que se me apresentaram. Ao voltar daquella como vertigem, dei de rosto com um joven alegre, sorrindo. Com vóz de ternura, me dizia phrases lindas; por exemplo: "Minha querida, os teus cabellos illuminam-se na luz da aurora; as tuas faces têm a maciez rosada das petalas; nos teus olhos, na celeste transparencia de teus olhos, vejo-te a alma, pura como o firmamento; os teus lábios são duas conchas de nácar, fechando a pérola do beijo...; a tua carne é amassada em neve, com tenue pulverização de rosa".

Embriagava-me ouvindo essas phrases feitas de caricias; e cheguei ao delirio de me considerar a mais feliz das creaturas.

Mas, o homem se cança facilmente. A sua volubilidade tem origem na fraqueza...

Hoje, elle, que era todo meu, que me fazia ditosa, se volta para a morena. Requesta principalmente a morena fina e alta, essa que lembra a graça esbelta da palmeira. E lhe diz: "As ondas dos teus cabellos recordam o mar das negras paixões; os teus olhos são dois abysmos de perdigão, a negrejarem traidores, sob o negror dos supercilios; as tuas faces, duas centelhas vivas do crime; os teus lábios rubros chammejam no ardor voluptuoso do peccado. Por que és assim toda feita de fogo e de carvão? A tua sina é queimar. E depois do incêndio, outra coisa não se vê sinão a negrura das ruinas".

Saudosa amiga, de tudo isto eu sei. Tenho o coração crivado de espinhos. Si não fossem meus filhos, essas vergonteas de mim mesma, talvez eu não supportasse a vida.

Pensa detidamente nestas verdades, tu que ora te achas na encruzilhada do amor. O teu passo é decisivo. Adeus. — Nysa"

José Benedicto Cursino

O illustre escriptor Coelho Netto recebeu, sabbado á noite, uma expressiva homenagem promovida por um grupo de senhoras da nossa alta sociedade, que fizeram representar, no theatro João Caetano, sob o patrocinio do interventor do Districto Federal e da exma. sra. Pedro Ernesto, a comedia «Miss Love», de autoria do principe dos prosadores brasileiros. Tomaram parte na representação as senhoritas Dolores e Ruth Cruz, Luiza Carpenter e Nadir Streva e o sr. Walfredo Machado, que se vêem no presente cliché.

ESCOLA DE FARMACIA E ODONTOLOGIA DE ALFENAS

PARANYMPHO

Dr. ARLINDO PEREIRA

DIRECTOR

1931

ODONTOLANDOS

HOMENAGEM

Dentibus qui caret nec sanitate nec venustate fruitur.

A turma dos odontolandos de 1931 da Escola de Pharmacia e Odontologia de Alfenas, que escolheu para seu paranympho o illustre professor Arlindo Pereira, autor do «Diccionario Odontologico Brasileiro», e que se vê occupando o logar de honra do quadro que reproduzimos nesta pagina.

«FON - FON» NO PARA'

O «Cenaculo Estudantino de Letras», conceituado centro da intelligencia enthusiasta e moça do Pará de hoje, prestou, em Belem, significativa homenagem ao nosso distincto confrade, dr. Benjamin Sabat, uma das mais vigorosas expressões dos circulos culturaes daquella capital nortista. Na gravura acima vêem-se, ao centro, o homenageado, tendo á sua direita, o dr. Luiz Barreiros, presidente da Academia Paraense de Letras, que presidiu á solennidade, e, á esquerda, o illustre jornalista e conhecido educador, dr. Renato França.

FILIGRANAS

O indigena legou ás populações actuaes do Brasil a fórma e nome das principaes embarcações de que as mesmas se servem para transporte ou pescaria. As vezes, ambos continuam juntos. De outras, o nome luso baptiza o barco aborigene ou vice-versa.

Restam-nos, assim, as jangadas e balsas, as [illegible]ras, as ubás, as montarias, as igarités, as vigilengas, os perús e uma variedade infinita de canôas.

Ao lado dellas, permanecem os barcos de origem bem portugueza, trajando mesmo na sua linha [illegible] mais antigo: barcaças, saveiros, baleeiras, karoupeiras, alvarengas, lanchas, baleeiras ou de barra-fóra.

Seria um estudo interessante a fazer, pela nossa immensa costa afóra e pelos nossos grandes rios a dentro, o das nossas pequenas embarcações usuaes. Seria um curioso livro de folk-lore especializado.

O Fluminense Football Club inaugurou, domingo ultimo, os grandes melhoramentos que acabam de ser feitos no magnifico pavilhão da sua piscina. Realizou-se com esse fim uma brilhante festa sportiva, em que tomaram parte todos os socios athletas do Fluminense, e de que esta pagina offerece alguns detalhes photographicos. Foi, como se vê, bem animada a manhã de domingo, na séde do tricolor.

"COISAS NOSSAS"

"Coisas Nossas" é um film brasileiro. É o primeiro film cantado e fallado em portuguêz, feito no Brasil, por artistas brasileiros, com apparelhos e technicos americanos da casa Byington & Cia.

A PARTIR DO DIA 30 DE NOVEMBRO

NO CINE **ELDORADO**

«COISAS NOSSAS» é um film em fórma de revista onde o publico encontra o triste, o sentimental, o bello e o humoristico. Em «COISAS NOSSAS» vêm-se e ouvem-se Procopio Ferreira, Stefana de Macedo, Zézé Lara, Helena Pinto de Carvalho, Jayme Redondo, Corita Cunha, Baptista Junior, e para o mais completo exito deste film foi conseguido que o poeta, literato e jornalista Guilherme de Almeida participasse.

Producção da Paramount

FON-FON no Cinema

Direcção de John Cromwell

Ruth Chatterton
Paul Lukas

Juliette Compton
Donal Cook

EM Londres, no dia do casamento da formosa e rica americana Fay Houston com o visconde Ronald Kilkerry, um fidalgo inglez que se tornára popular na grande guerra e que ainda o era em todos os bairros da grande metropole ingleza, o regosijo parecia ser geral. Nas proximidades da igreja onde se celebrava o casamento, a agglomeração do povo era grande e um dos populares declarou em voz bem alta que o visconde, apesar de não ser mais popular do que Maurice Chevalier, era no coração de todos os inglezes o idolo que elles adoravam.

Realizado o casamento, os noivos como os convidados voltaram para o palacete do visconde, onde Fay, a noiva, cortou o bolo matrimonial com a espada do noivo, a espada com a qual elle defendera sua patria durante a grande guerra.

Ronald e Fay, acompanhados de Terry, embarcaram no aeroplano que tomou rumo de Paris.

Nos braços do outro não esquecia o marido.

Quatro mezes depois.

Terry, ao voltar do Campo de Aviação, viu Ronald, de longe, num dos suburbios, e contou o facto a sua irmã Fay, que era muito ciumenta. Interrogado, Ronald negou ter sahido da cidade.

No dia seguinte, Fay viu o marido sahir da garage num automovel novo, marca «Isotta», comprado recentemente. Fay também resolveu ir passear no seu automovel marca «Mercedes» e foi para o parque. De volta para casa e para tornar o passeio mais longo, enveredou por uma estrada bem arborizada e viu o automovel do marido parado á porta de uma chacara. Fay ficou admirada e seus ciúmes redobraram, augmentando sua desconfiança.

Quando Fay entrou em casa, o marido estava telephonando: "Nós vamos jantar em casa da familia Felb, dizia elle, e eu ainda não vesti o smoking. Estive jogando no club toda a tarde. Até amanhã."

— Ronald, tu estiveste jogando no club toda a tarde?... perguntou-lhe

"INFIDELIDADE"

Um casamento que parecia feliz.

A pequena estatueta diabolica era um symbolo.

Fay. E eu poderia jurar que vi o teu automovel parado á porta de uma casa em Hampstead.

— Querida, jurarias em vão, contestou Ronald. Meu automovel não sahiu da garage, a não ser que o chauffeur tivesse ido passear com a namorada.

— Então enganei-me... era provavelmente um carro igual ao teu.

— Com certeza, replicou Ronald, vestindo o smoking. Mas... onde teria eu perdido minha cigarreira? Ah, já sei! Foi no... club! Vamos.

Ambos sahiram, e em casa da familia Fell Ronald notou que Fay fazia tudo distrahidamente, mas mal sabia elle que o plano que sua esposa estava traçando silenciosamente talvez fosse alterar toda sua vida.

Durante o jantar, um explorador narrou alguns episodios da sua vida no sertão:

— Quando eu estava na India, disse elle, fiquei só no acampamento e bebi um cognac. Deitei-me depois numa rêde com mosquiteiro... e, de repente, vi, através do mosquiteiro, a cabeça de um tigre...

— Mas eu nunca estive no Jardim zoologico, declarou Fay.

— Distrahida!... exclamou o narrador; o que eu acabo de relatar, passou-se na India.

Ronald pediu desculpas da distracção de Fay e, acabado o jantar, demorou-se mais meia hora conversando com alguns amigos, e depois voltou para casa com a ciumenta esposa.

* * *

A cigarreira de Ronald foi encontrada no dia seguinte pela desconfiada Fay. Bem cêdo, a ciumenta esposa sahiu de casa e dirigiu-se no seu automovel para a chacara, onde, na vespera, vira o carro do marido. Bateu á porta e uma criada veio abril-a.

— Posso falar á dona da casa?... perguntou Fay.

— Eu estou só... A senhora não está, respondeu a criada, cuja cara aparvalhada não escapou ás minuciosas observações de Fay.

— Você achou uma cigarreira hontem á tarde?

— Sim, achei uma cigarreira esta manhã... na alcova... Pertence-lhe?

— E' minha! Deixei-a aqui por esquecimento...

— Aqui nesta casa, tudo é mysterioso, proseguiu a criada, entregando a cigarreira a Fay. Eu ainda não conheço a minha patrôa, e tambem não conheço o patrão. Só trabalho aqui de manhã. Sou a arrumadeira...

— Bem, disse Fay, eu vou pedir á sua patrôa para augmentar seu ordenado. Adeus. De volta á casa, Fay collocou a cigarreira num logar bem visivel, de maneira que Ronald pudesse vel-a assim que entrasse. Fay estava agora plenamente convencida da infidelidade do marido.

— Em que pensas? perguntou-lhe Ronald, ao entrar na sala, momentos depois.

— Em muitas cousas. Olha, fui buscar tua cigarreira no logar onde a deixaste. Sei que procedi mal, mas queria saber a verdade. Muito tempo tem durado esse teu idyllio. Pelas datas dos retratos com dedicatorias que vi na tal saleta, tu já me eras infiel antes de nosso noivado.

— Fay, que estás dizendo?... inqueriu Ronald.

— Meu marido, queres mais provas da tua infidelidade? Dize, ao menos, a verdade.

— Fay, a verdade é que te enganaste!... exclamou Ronald.

— Para te provar que não me enganei... vou divorciar-me!...

— Ora, trata de reflectir bem, antes disso.

— E no processo de divorcio mencionarei o nome dessa mulher...

— Julgo que não... O caso é mais serio do que tu pensas.

— Ronald, todos ficarão sabendo quem tu és...

— Pensa um pouco nos outros, Fay...

— Os outros pouco me importam...

— E onde fica a amizade pela tua familia, pelo teu irmão...

— Ah! A minha rival? a esposa de meu irmão? Será possivel?

— Mas, Fay, não ha motivo para tanta afflicção.

(Conclue na pag. 51)

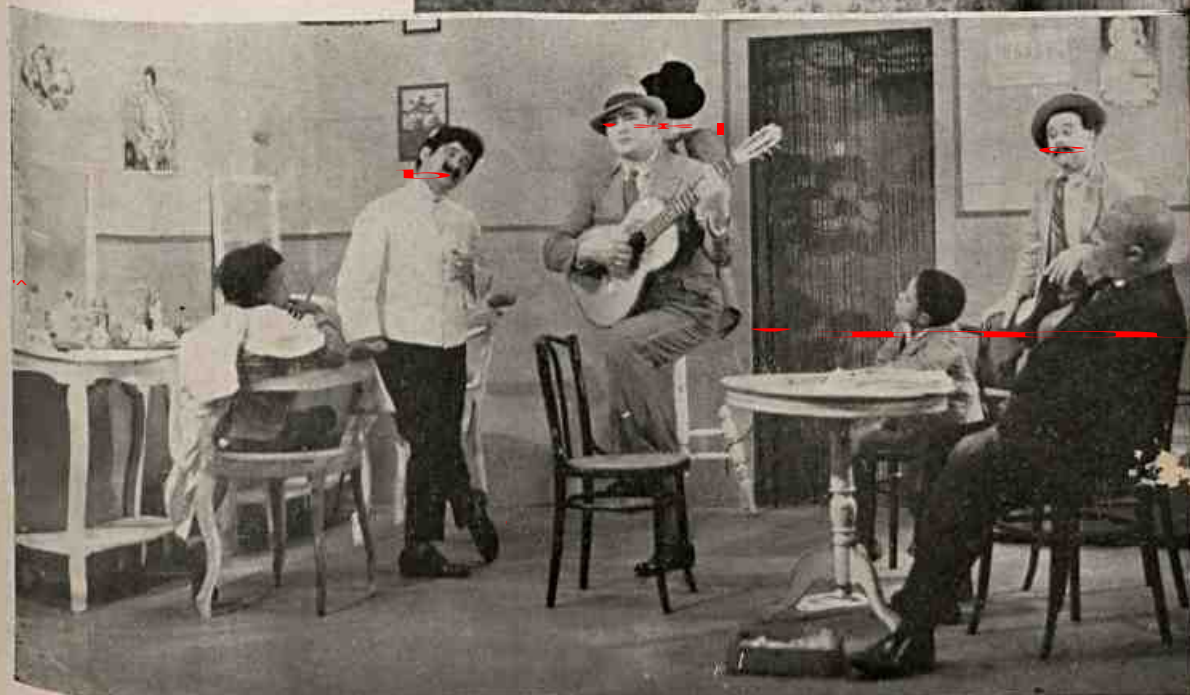
Ella desconfiava.

"COISAS NOSSAS"

FILM BRASILEIRO

PRODUCÇÃO DE BYINGTON & C.

"COISAS NOSSAS", o interessante e agradavel film brasileiro que dentro de alguns dias o publico irá apreciar, é a primeira fita synchronizada que já se fez em nosso paiz. A sua filmagem foi realizada com apparelhos vitaphone, iguaes aos usados nos Estados Unidos. Quer dizer, pois, que se trata de um film realmente synchronizado em que a gravação da vóz humana se fez ao mesmo tempo em que foram tomadas as scenas. Por isso é que se deve dizer que "Coisas Nossas" constitue a primeira realização do cinema sonoro nacional que o "Eldorado" vae ter a honra de exhibir.

Mas para poder offerecer aos "fans" brasileiros um film nessas

«Coisas nossas» é um flagrante delicioso dos nossos costumes, das nossas canções, do ambiente sertanejo e simplista, em que os typos, as musicas, a vida se retratam com graciosidade e belleza.

condições, em nada inferior, technicamente, ás producções sonoras norte-americanas, bem se comprehende que os seus elaboradores tiveram que effectuar despezas de grande vulto. Somente usando o material empregado pelos "Yankees", em Hollywood, seria possivel apresentar um film falado e cantado como as pelliculas americanas que estamos acostumados a ver. E embora se tornasse necessario applicar consideravel capital na acquisição das machinas de filmar, lampadas para internos, etc., os productores de "Coisas Nossas" não hesitaram. Encarregaram technico americano de comprar nos Estados Unidos todo o material indispensavel á filmagem e depois contractaram esse technico para prestar os seus serviços dirigindo todos os trabalhos relacionados com a producção de "Coisas Nossas".

Entre esse material valioso importado dos Estados Unidos, figuram as machinas de filmar "Bell & Howle", que são as unicas existentes no Brasil e que são identicas ás usadas em Hollywood pelos melhores studios. Só a acquisição dessas machinas modernissimas representa um formidavel empate de capital.

Na producção de "Coisas Nossas", para os interiores, utilizaram-se lampadas Kliegl-Bross, especiaes para esse film. Essas possantes lampadas são do typo em uso nas mais importantes companhias cinematographicas americanas.

A pellicula empregada foi a "pancromatica Dupont", tendo sido importada da America do Norte. Afim de que houvesse sempre film fresco nos studios em que se fez "Coisas Nossas", a pellicula "pancromatica" foi importada á medida que se fazia necessaria. Dessa maneira a photographia ganhou muito em nitidez e em belleza.

(Conclue na pag. 53)

Mas é, tambem, «Coisas nossas» a vida moderna, na sua vertigem, nas suas loucuras de amôr e prazer, nas incontestaveis possibilidades artisticas da nossa gente para a arte modernista e febril.

O altar da montanha

No alto da montanha desnuda,
sobre a pedra escarpada, a que subiu sem fadiga,
erguido nas mãos devotas do meu povo,
a fronte no céu, perto das estrellas,
olhar pendido sobre a terra, os pés divinos na rocha viva,
braços abertos para abranger o infinito,
lá está,
acima do scenario monumental,
a imagem do Senhor.
Em derredor, as selvas.
Arvores exuberantes de seiva erguem os braços da ramaria
verde, e em flôr, para o céu,
para onde tambem se eleva, no canto dos passaros e no murmurio
embalador das aguas puras,
rolando das fontes de pedra, na matta humida,
a voz sonora da natureza.
Em baixo,
a planicie immensa, verde-azul, dos mares,
que vêm bater suas aguas atlanticas no recorte branco das praias,
riscando, com a espuma das ondas,
a orla marítima da cidade,
estendida, submissa e confiante,
aos pés do Senhor,
onde os beijos dos homens, em quasi dois mil annos,
cicatrizaram as chagas doridas da cruz.
Sob a benção do seu olhar,
espraia-se, a seus pés, a cidade,
que abriga com os seus braços e para elles attrae.

Ao sol,
emquanto, cá em baixo, formigar a humanidade infatigavel
no seu intermino labor, arrastada no torvelinho das paixões,
no alto da montanha,
sobre a pedra desnuda,
fronte no céu,
pés na rocha viva,
braços abertos na direcção do infinito,
sobre ella,
sobre nós,
velará, piedosa, a imagem do Senhor.

A' noite, quando a cidade, exhausta, adormecer,
todas as suas luzes, lampadas votivas,
ficarão accesas para o altar imponente da montanha,
onde velará o Senhor.

Foi sem a cruz,
que mãos commovidas lhe retiraram dos hombros magoados,
que Elle subiu á rocha escarpada, para,
no oceano,
em noites de tempestade,
guiar as embarcações sem rumo,
como outróra guiou,
com a sua cruz symbolica estampada nas velas enfunadas,
as caravellas descobridoras,
e para, na terra,
conduzir os corações que se perdem e se transviam
nas encruzilhadas tormentosas dos destinos...

MARINA DE PADUA

Escriptores e livros

HERNANI DE IRAJÁ, o brilhante autor de varias obras scientificas e literarias que alcançaram successo e consagraram o seu nome, acaba de entregar ao prelo um novo e interessantissimo trabalho intitulado *Feitiços e Crendices*, o segundo da "Série Estudos Brasileiros", e que apparecerá ainda este anno. Hernani de Irajá, que é medico, pintor e jornalista, já publicou, entre outros, os seguintes livros: *O esforço para a belleza*, *Loucos*, *O ciume*, *Delacroix e Gericault*, *Artista*, *Landru no Inferno*, *Espirito mysterioso*, *Cenestopathias*, *Neurasthenia e Melancolia*, *Sexualidade e Amôr* (em segunda edição) e *Psychoses do Amôr* (em quinta edição).

Graça Aranha — O MEU PROPRIO ROMANCE — Comp. Editora Nacional — S. Paulo — 1931 — 5$

O que distinguia Graça Aranha, em meio da decrepitude bolorenta dos nossos escriptores, era a juventude vivaz do seu espirito, trepidante, renovador, dynamico.

Era uma força creadora em perpetuo movimento, e por isso mesmo não sabemos a razão de ter-nos legado obra tão escassa.

A intenção que em 1928 tivéra, de escrever um livro de Memórias, póde parecer extravagante para quantos ignoram a belleza da obra de Graça Aranha, mas não surprehende aquelles que acompanhavam a sua trajectoria no dominio das letras.

Contava escrever e publicar immediatamente tres volumes, deixando para mais tarde o quarto, que completaria a obra imaginada.

Mas, a morte veiu surprehendel-o, e o primeiro volume, inacabado, foi colhido por mãos amigas.

Agora, ahi está o volume, para gaudio do nosso espirito.

Um esboço, apenas, porém que mais parece uma luminosa esteira de ensinamentos, de critica aguda, penetrante, como não encontramos em muitas obras acabadas que repousam nas nossas estantes.

Como são empolgantes as poucas paginas em que ficou a sua impressão de menino, vendo desfilar pelas ruas de S. Luiz a massa dos miseros retirantes cearenses, os desgraçados da grande sêcca de 1877 a 1880!

"Marchavam cabisbaixos, silenciosos, carregados de maldições, allucinados pelas perseguições divinas e humanas. Vinham comidos pela fome, que lhes deixára apenas o esqueleto ambulante. Reduzidos á extremidade da carne, a pelle, curtida de sol, se lhes agarrava aos ossos. Ouvia-se o ruido soturno da ossadura desconjuntada."

O espectaculo macabro toma colorido, martelado pelas palavras candentes do escriptor.

A decadencia da sua terra natal, o Maranhão; a sua iniciação academica no Recife, onde tivéra a fascinação da intelligencia de Tobias Barreto a guiar-lhe os passos primeiros na libertação do pensamento; o conhecimento de Clovis Bevilaqua e Martins Junior são outras tantas passagens maravilhosas do livro.

"Emquanto foi preciso demolir a monarchia, a sua actividade foi util e fecunda. Ainda a batalha, a insufficiencia do seu espirito se patenteou para a organização politica e mesmo partidaria. Faltaram-lhe a habilidade de conduzir, a orientação de mandar, o conhecimento pratico. Ficou um vago demagogo que se desequilibrou nas contingencias da realidade, improductivo, inutil. Esse phenomeno de homens combatentes, demolidores, se tornarem imprestaveis construtores, está se repetindo na organização revolucionaria de 1930. Ninguem fanatizou Pernambuco e todo o norte, como Martins Junior, no advento da republica de 89. O seu fim foi lamentavel."

Que admiraveis paginas de psychologia traçou Graça Aranha, para espelho da estultice humana!

Ah! mas a morte não quiz que Graça Aranha concluisse o seu proprio romance, talvez a obra definitiva do grande pensador brasileiro.

Foi pena! Pois estamos de accôrdo com a synthese deste periodo da senhora Nazareth Prado, a prefaciadora do volume: *Que maravilhoso espectaculo humano seria relatado neste livro, que não poude terminar!*

Pedro R. Wayne — VERSOS MEXI-NÓSOS E A LUA — Liv. Globo — Porto Alegre — 1931

LIVRO extravagante, a começar pelo titulo. Entretanto, o autor é um talento expressivo, capaz de produzir coisa aproveitavel.

C. da Veiga Lima — VENENO INTERIOR — edição Pongetti — Rio — 1931

A obra de Veiga Lima guarda uma unidade philosophica quasi impenetravel, inaccessivel ao leitor de intelligencia commum. Veiga Lima é um escriptor de uma *élite* reduzida, e isto importa affirmar que nunca será popular.

Veneno interior é um livro cuja leitura requer lazeres e uma absoluta paz de espirito. O primeiro episodio de um romance, cujo seguimento virá breve.

Ao nosso modo de vêr, o livro é mais propriamente de um ensino philosophico, uma cadeia tenuissima de idéas, obra superiormente meditada e melhor construida, num ambiente de profunda abstração das coisas materiaes da vida.

Estheta do pensamento, Veiga Lima se compraz em cultivar a belleza interior do seu eu, como os antigos mandarins chinezes paravam deante dos crysanthemos para admirar a olympica, a divina ternura da sua côr, pois só elles podiam comprehender o mysterio da flôr de fios de porcelana...

Só um artista poderia conceber esse estranho personagem, Claudio, lamentando a perda definitiva de Maria-Eleonora.

.. ..

"Symbolos de luz, symbolos anthropomorphicos, immortalidades espirituaes, nuvens, esquecimento, amôr, felicidade. Queria tudo analysar, para a glorificação do amôr!

Como seria bello o tempo em que se pudesse amar sem soffrimento!

A decepção é um grão subtil de experiencia que se ganha. Inconsciente, o sonho iniciava a visão de uma vida melhor!

Tornar-se consciente das coisas reaes é um absurdo para o artista."

E fica em nosso espirito uma interrogação...

Em sã consciencia podemos contrariar as derradeiras palavras do autor, encerrando o seu bello livro? ...

Arrependimento

EMPURROU a porta e sentiu um forte cheiro de loção e brilhantina. Passou distrahido deante da dona da barbearia, uma loira oxigenada, gorda, que devia ter sido linda alguma vez, mas que, agora, não passava de uma ruina.

— O cabello? — interrogou o official.

Affirmou distrahido. Seu pensamento estava longe.

— Uma fricção?

— Sim. Uma massagem facial.

Recordava os dias em que usava taes refinamentos de elegancia para visitar sua noiva. Gostava de vestir bem e tratar de seu physico. Agora, tudo aquillo lhe parecia uma farça dolorosa, e elle sentia vontade de rir.

Estivera ali dez annos, por ter feito varios desfalques, e outros dez annos longe de sua patria por não lhe ser permittido a entrada nella. E ao cabo de vinte annos regressára e pudéra recolher uma pequena parte dos desfalques.

Com esse dinheiro vivia.

Tentava fortuna na Bolsa e nas corridas de cavallos, pois não se atrevia a procurar um emprego, receioso de ser reconhecido. Tinha pouco mais de cincoenta annos e parecia um velho de sessenta.

A'quelle estado o arrastára sua noiva, que foi, depois, uma esposa exigente e implacavel.

Seu defensor lho disséra á vista do processo. Antes de casar, era um empregado modelo de honradez e generosidade. Mas se atravessou em seu caminho aquella mulher, e para satisfazer o seu amor ao luxo não vacillara em commetter os crimes de que fôra accusado: desfalques, estellionatos, etc.

Ella não tivéra a menor piedade de seu martyrio. Condemnado este, conseguira o divorcio e desapparecera.

— O senhor deseja mais alguma cousa?

— Nada — respondeu.

O espelho mostrou-lhe que a massagem não o embellecia como outras vezes. Approximou-se da caixa para pagar o serviço, e, ao olhar a dona do salão, a reconheceu.

Era ella! Deixou que o official se afastasse e pronunciou um nome. Ella estremeceu: reconhecêra-o tambem. Elle fez um signal para que ella se calasse, e sahiu sem se voltar.

E sua formosa mulher era aquillo?... Por aquelle monte de carne perdêra sua honra, sua liberdade, sua juventude, passada na cadeia! Que grande estúpido havia sido!

E correram-lhe lagrimas dos olhos, as primeiras desde sua condemnação...

RENATO LE COEUR

OS OLHOS DE FOGO

— E, agora, que Buddha vos proteja! — disse o *manthi*, em pé no humbral do pagode e extendendo a mão para receber a generosa gorgeta.

Quando se afastaram, Luis se approximou de mim e, sem procurar esconder sua emoção, que era muito grande, me disse:

— Viste?

— Sim — respondi.

E não pude accrescentar mais nada, porque me faltaram as palavras.

Luis ordenou aos dois criados chinezes que se adeantassem para o *bungalow* onde estavamos alojados e depois me convidou a dar uma volta pelo pagode, emquanto eu pensava na sorte de ter encontrado os dois diamantes de sir John Barthon, depois de sete mezes de peregrinação através da India, desde as regiões do Nagpur até o Himalaya, visitando todos os templos dedicados ao deus oriental, tanto os subterraneos dos montes Gati como os monolitos grandiosos do Punjab.

Finalmente, a esperança que nos havia alentado durante todo o fatigante caminho nos conduziu ao logar desejado, e tanto eu como Luis novamente vimos os diamantes do banqueiro de Calcuttá, resplandecendo, com sua formosa limpidez, nos olhos do Deus.

"Consagrados ao grande pae da India. Ai daquelle que os toque!"

Foram essas as palavras que, cheios de espanto, lemos em um papelinho deixado no logar de onde desappareceram mysteriosamente os diamantes.

Mas nós, confiantes em nossas forças, haviamos seguido os rastros dos ladrões e, de aventura em aventura, transcorrêra mais de meio anno antes de tornarmos a ver as pedras no pagode de Nauthur.

O *manthi*, certamente, estava de sobreaviso, porque, durante nossa visita, seus grandes olhos de Argos nos acompanhavam constantemente.

Luis, vendo os diamantes, não pudéra reprimir um movimento de alegria e esteve quasi nos trahindo. Receei que o *manthi* o percebesse, mas o sacerdote continuou seu caminho, e nós seguimos atraz delle, deslumbrado pelo esplendor dos olhos de fogo.

Que fazer para tiral-os dali? Era inutil recorrer á policia anglo-indiana, que só nos poderia prestar um fraco auxilio. O melhor era agir por si mesmo, e nesse sentido Luis percorreria os arredores do pagode, afim de procurar um meio de penetrar nelle.

De repente, se deteve deante de um arroio, e exclamou:

— Ganhamos a partida!

— Pela metade — respondi.

— Não... Inteiramente.

E, baixando a voz, ajuntou:

— Viste a *bighama*!

— Sim.

— Não notaste que o carro de esgotto é tão largo que póde dar passagem a um homem?

— Sim.

— Esse carro desemboca neste riacho. Passando por elle, nos encontraremos dentro do pagode.

— Tens razão. Mas... depois?...

— E ainda me perguntas? Depois roubaremos os olhos do senhor Buddha: si estiverem muito bem engastados, quebrar-lhe-emos a cabeça e, com nossa presa, sahiremos por onde houvermos entrado. Correremos á estação: á meia noite passa o trem que vae de Benarés a Calcuttá, em sete horas, — e sete mezes — voltaremos á casa de sir Jonh Barthon para entregar-lhe os diamantes.

— Admiro tua intelligencia e a rapidez com que imaginas as coisas, mas tudo me parece muito fácil.

De Elisabeth Holt

— E ainda te queixas? As difficuldades virão sem ser chamadas, e nós as afastaremos sem delongas. A's vezes, um yatagan e uma pistola são uma benção do céo.

— Si é assim, vamos — respondi.

— Primeiro iremos ao *bungalow* — disse Luis.

Alli nos aguardava um esquisito jantar. Os dois sudras ainda não tinham chegado, mas em pouco os vimos entrar dizendo que se demoraram por estar apreciando os jogos de um fakir.

Emquanto comiamos, observei que os sudras falavam animadamente, e chegaram até meus ouvidos as palavras *pagode*, *segredo* e *olhos de fogo*.

No emtanto, não prestei maior attenção e continuei conversando com Luis, que estava muito contente e admirado da facilidade que ia caracterizar a aventura.

Terminado o jantar, começamos em segredo nossos preparativos. Pouca coisa: um yatagan e um revolver para cada um, um martello, um escopro, uma lanterna surda e, sobretudo, coragem e sangue frio.

Fingimos deitar-nos e dormir, emquanto os *sudras* se entregavam tambem ao repouso, extendidos no pateo. De repente, vi que elles se levantaram com todo o cuidado, m u r m uravam alguma coisa e, em seguida, desappareciam nas sombras.

Depois das phrases que tinha ouvido eu, não mais podia haver duvida possivel: dirigiam ao pagode.

Luis e eu, apanhando rapidamente os objectos necessarios, nos precipitámos atraz delles e, depois de silenciosa marcha, chegámos ao pagode.

Tudo alli eram trevas e silencio de morte. Só vimos o contorno do templo e a vivenda do *manthi*, que acorreria ao menor rumor.

Encontramos o riacho, margeimol-o e em breve estavamos junto á desembocadura do cano da *bighama*.

— Entramos? — perguntou Luis.

— Immediatamente — respondi.

E comecei a penetrar pelo improvisado passadiço.

— A polvora e o revolver! — observou-me meu amigo.

Mas, já era tarde e se haviam molhado.

Luis, com mais precaução, procurou collocal-os de modo a ficarem em sêcco e, praguejando e maldizendo-se, começou aquella viagem tão pouco attrahente.

Depois de muitos esforços, desembocamos na *bighama*. Luis subiu á plataforma e eu permaneci na nave. Então, angustiosamente, começou a visita nocturna. Eu segurava a lanterna, dirigindo-a o melhor possivel, emquanto Luis ia quasi ás tontas por entre as grandes columnas.

De repente, me senti ferido por terrivel emoção: curvado aos pés do Budha, vi um de meus servidores chinezes.

Abandonando a lanterna e com um salto de tigre me atirei sobre elle e, antes que pudesse reagir, lhe mergulhei nas costas meu yatagão.

Maldição!

Deante de mim, vi outro chinez, que me apontava com um revolver.

Dei um grito de odio, de impotencia, e quasi immediatamente ouvi duas detonações, e o corpo de meu aggressor rodou pelo l a d r i l h o do templo.

Fôra Luis quem o alvejára.

Então, subindo á estatua, consegui tocar a cabeça cujos olhos brilhavam sinistramente.

— Ha uma passagem s e c r e t a ! — gritou-me Luis. — Arranca-os depressa, antes que cheguem os *manthis!*

De uma só martellada, fiz saltar parte da cabeça do Budha — a que tinha os diamantes.

Corremos, em seguida, até perder o folego, por um subterraneo que dava voltas e mais voltas, ouvindo ao longe os gritos e lamentos dos *manthis*.

Afinal, sahimos ao ar livre. Estavamos salvos e comnosco iam os olhos de fogo do poderoso Deus.

Notas de Arte

CELESTE JAGUARIBE DE MATTOS FARIA. — Poetisa e compositora, appareceu-nos no I. N. M., na tarde de sabbado, 21 de novembro, a prof. Celeste Jaguaribe de Mattos Faria, através das cantoras profs. Heloysa Bloem Mastrangioli, Luiza Torres Paranhos, senhorita Mili Garcia, e do violoncellista prof. Newton de Padua, e pianista Julieta Gomes de Menezes, que fizeram os acompanhamentos. No programma figuravam, todas musicadas por d. Celeste Jaguaribe, as poesias — **Covardia**, de Armando Bertoni; **Teu nome**, de Gilka Machado; **Contraste**, do padre Antonio Thomás; **Pennas de garça**, de Auta de Souza; **A gente nunca está só**, de Adelmar Tavares; **O menino curioso** (adaptação) de Rabindranath Tagore; **Saudade**, de Cyro da Cunha; e as de autoria da propria musicista — **Num Postal**, **Berceuse**, **Noite**, **O pastor**, **Rosas**, **A morte da boneca**, **Aquelle amôr...** **Alma o que és tu?**; e ainda as cantigas **Brasilineas**.

Poetisa, d. Celeste Jaguaribe escreve versos lyricos em que, versando embora velhos themas, mostra a correcção de sua arte poetica. A musa philosophica, ou, melhor, a musa metaphisica, tambem não lhe é estranha. Specimens das duas inspirações assignalamos, entre as ouvidas, as poesias lyricas — **Rosas** e **Aquelle amor**, e a philosophica — **O que és tu?**

Musicista, pareceu-nos o seu talento mais original e mais bello que o da poetisa, muito embora nem sempre nos tenhamos emocionado com todas as suas composições. Este effeito negativo attribuimos mais a nossa incapacidade assimiladora do que ao estro da compositora. Entretanto applaudimos gostosamente **Noite**, que encontrou na prof. Luiza Paranhos consciencioza e brilhante interprete; **Rosas**, cantada com a costumada mestria pela prof. Heloysa Mastrangioli; **A morte da boneca**, vivida com rara expressão pela senhorita Mili Garcia; e acima de tudo, numero excepcional de musica e de poesia, **Aquelle amôr**, a que a prof. Heloysa Mastrangioli deu invulgar esplendor, secundada pelo violoncello de Newton Padua, que cantou tambem, e pelo piano sempre admirado da prof. Julieta Gomes de Menezes. Este numero foi ruidosamente bisado.

Entre as composições cuja letra não era da poetisa-musicista, ou, melhor, da musicista-poetisa, devemos destacar — **A gente nunca está só**, **O menino curioso** e **Covardia**, a que a senhorita Mili Garcia e a prof. Luiza Paranhos deram especial relevo, emocionante interpretação.

Foi bella e concorrida festa de arte, a que não faltaram palmas e flores ás interpretes e á compositora e poetisa, a audição de composições para canto e piano de d. Celeste Jaguaribe.

ANTONIETTA FLEURY DE BARROS. — Na tarde de domingo, 22 de novembro, abriu-se o Theatro Cassino para o 1.º recital da cantora, senhora Antonietta Fleury de Barros, discipula da prof. Mathilde Bailly, sendo executado este programma: I) Grétry — **Rose chérie** e **Je crains**; A. Périlhou — **Margoton**; Beethoven — **Adelaide**; II) Donaudy — **Quando ti rivedrò**; Anton Doorak — **Autour de moi**; Rhéné Baton — **Je ne me souviens plus**; Debussy — **Les cloches**; Marc Delmas — **Les roses de Saady**; Gretschaninow — **Triste est le steppe**; III) Lorenzo Fernandez — **Toada p'ra você**; Aloysio de Castro — **Canto nocturno**; Araujo Vianna — **Galaor**; A. Nepomuceno — **Xacara** e **Numa concha**.

Para o grande publico foi uma estréa e para nós outros, chronistas ou criticos, a 2.ª apresentação da joven artista, que a 1.ª teve logar no Studio Nicolas, na tarde de 17 de outubro p. p. Mas 1.ª ou 2.ª, a verdade é que o recital nos deu a me-

...ma impressão daquella esplendida tarde de domingo, luminosa e perfumada. Ficámos até um tanto surpresos. Porque, se na 1.ª audição notámos desde logo o valor da arte da cantora, não lhe tínhamos percebido sufficientemente a belleza da voz. Talvez a emoção do primeiro contacto com a critica tivesse concorrido para não nos agradar tanto depois a voz da artista. Como quer que seja, embora continuemos a pensar que a belleza da sua arte é superior á belleza da sua voz, o certo é que no recital do Cassino convergiram todos os predicados para a mesma admiração: bôa voz, bôa dicção e, sobretudo, grande poder communicativo. A sra. Fleury de Barros viveu os poemas cantados na mimica da face de modo tão expressivo, que, dentro da relatividade das comparações, nos despertou, ao cantar um delles — Toada p'ra você — a lembrança da arte excepcional da grande Vera Janacopulos, cantando A casinha pequenina, de Ernani Braga.

Parece-nos que com o continuado exercicio da sua arte, ouvindo as lições dos grandes mestres e os grandes cantores, num ambiente mais adeantado, de arte, como Paris e Milão, a nossa joven artista poderá attingir o primeiro plano como cantora de musica de camara. Quem a ouviu no recital do domingo, onde as restricções a fazer-se num ou noutro numero desapparecem deante do esplendor do conjuncto; quem a ouviu interpretar com invejavel mestria Adelaide, e empolgar vivendo Je ne me souviens plus, Toada p'ra você e Xacara, para citar as interpretações mais primorosas, de que as tres ultimas foram enthusiasticamente bisadas, não poderá deixar de concordar comnosco em achar perfeitamente justificavel a previsão, de que a talentosa patricia venha a ser um dia uma cantora celebre.

O auditorio, que era numeroso, saudou com palmas e flores a victoriosa artista.

Para o exito do magnifico recital, muito concorreu a pianista prof. Heloisa Tavares, que soube conduzir com muita habilidade todos os acompanhamentos.

CENTRO ARTISTICO MUSICAL. — Embora só assistissemos á 3.ª parte e aos ultimos numeros da 2.ª parte do 88.º Concerto do C. A. M., realizado no I. N. M. em a noite de 21 de novembro, chegámos a tempo de ouvir e applaudir a voz cheia de viço e de frescura da prof. Rosetta Costa Pinto em Pano Marciano e El vito, de Nin, Tarantella Siciliana, de Fanaro e Chants orientales de Rimsky-Khorsakoff, acompanhada pelo piano sempre notavel do notavel acompanhador, que é Mario de Azevedo; e a arte pianistica das profs. Dora Beviláqua e Dulce de Saules, tocando com expressão e com bravura Tres estudos, de Cramer-Napoleão, Dança macabra, de Saint-Saëns e Rakoczy-Marche, de Liszt (?).

Foi de effeito ao mesmo tempo austero e jocoso a idéa das pianistas tocarem em extra, a 2 pianos, um Estudo de Chopin.

OSCAR D'ALVA

COISAS NOSSAS

(Conclusão)

Quem dirigiu "Coisas Nossas" foi o sr. Wallace Downey, e a elle devemos, em bôa parte, a satisfação de vermos S. Paulo produzir, pela primeira vez no Brasil, um film falado synchronizado. Ao seu profundo conhecimento dos segredos da cinematographia sonora, conhecimento adquiridos através de longos annos de pratica nos Estudios americanos ter-se-á que attribuir, em larga escala o successo que fatalmente alcançará "Coisas Nossas".

Wallace Downey revelou-se ha annos em sua patria nas gravações de discos. Ha 17 annos, quando surgiam as primeiras gravações perfeitas, Gravava, pela primeira vez, a musica de uma orchestra symphonica, composta de 110 professores, dirigidas pelo celebre maestro Josef Stransky. Essa orchestra era a Philarmonica de Nova York.

Com o advento do cinema sonoro a alta capacidade de Wallace Downey, na gravação — foi logo aproveitada pelos directores das fabricas cinematographicas de Hollywood. D'ahi ter sido elle um dos principaes collaboradores no trabalho de synchronização de "O Rei dos Reis" e "O Amor Nunca Morre", que foram as primeiras fitas synchronizadas com movietone que se fizeram no mundo.

"Coisas Nossas" é um film brasileiro, todo falado e cantado, e o primeiro até hoje confeccionado com todos requisitos da technica.

"Coisas Nossas" é um film em forma de revista onde o publico encontra o triste, o sentimental, o bello e o humoristico.

Em "Coisas Nossas" vêm-se e ouvem-se os seguintes artistas de 1.ª linha: Procopio Ferreira, Stefana de Macedo, Zezé Lara, Helena Pinto de Carvalho, Corita Cunha, Jayme Redondo, Baptista Junior, Arnaldo Pescuma, Sebastião Arruda, Calazans & Rangel, Gaó, Napoleão Tavares e muitos outros.

Para o mais completo exito deste film foi conseguido que o poeta e jornalista Guilherme de Almeida participasse de "Coisas Nossas" apresentando com um lindo poemeto de sua lavra, e cantora patricia Stefana de Macedo.

HOTEL SILVA — CAMBUQUIRA

Uma vista do magnifico Hotel Silva, em Cambuquira, apparelhado de modernissimas installações, o que lhe permitte offerecer aos seus innumeros clientes o maximo conforto na presente estação de verão.

"INFIDELIDADE"

(Conclusão)

— Agora comprehendo! Tu casaste commigo para occultares tua infamia...

— Casei-me comtigo, Fay, porque te amava e te amo. Não temos sido felizes até agora? Se isto não tivesse acontecido...

— Já sei! Agora vaes dizer-me que teus amigos são peores do que tu! Que não devo preoccupar-me! Que devo continuar a confiar em ti...

— Ainda queres divorciar-te?

— Não! Meu irmão Terry suicidar-se-ia depois de matar-te. Prefiro calar-me, mas de hojé em deante serei outra... não me reconhecerás, Ronald!

* * *

Meia noite.

Ronald estava inquieto porque Fay ainda não voltára para casa. A minha santa converteu-se num demonio, pensava elle andando nervosamente de um lado para outro, mas, de repente, ouviram-se passos. Era Fay.

— A quem déste bôa noite?... perguntou-lhe Ronald.

— A alguns moços que me acompanharam...

— De onde vens?

— Não tenho idéa de onde venho, contestou friamente Fay. Eu não té pergunto onde estivéste...

— Eu não sahi de casa... affirmou Ronald.

— Não quero sabel-o... não quero saber nada de ti... Terry inquieta-me...

— Receias que elle me mate?... perguntou Ronald.

— Receio por elle e não por ti!

— Fay, pensa ao menos na tua reputação... eu prometto-te...

— Não acredito em tuas promessas... e continuarei a fazer o que entendo... bôa noite.

No dia seguinte, Fay sahiu de casa sem falar com o marido, que, por sua vez, também não a procurou. Para esquecer a infidelidade de Ronald, a ciumenta esposa organizou um convescote com vários moços, mas o que mais a interessava era um pintor chamado Karl Heidon.

— Gosta de minha mascote?... perguntou-lhe ella. E' uma miniatura de um demonio em bronze! Eu sou companheira do diabo.

— Não gosto, respondeu Karl. Você devia ter escolhido uma miniatura de outra qualquer cousa.

— Antes que me esqueça... venha visitar-nos quando quizer... meu marido está sempre em casa. Garanto-lhe que será bem recebido, apesar da casa estar sempre em desordem.

— Prometto ir visital-a, affirmou Karl, se você fôr amanhã á inauguração da exposição de meus quadros.

— Irei sem falta e agora vamos brincar.

— O jogo de analogias é um bom passatempo, opinou Karl, e quem vae adivinhar é a dona Fay. Esconda-se alli e tape os ouvidos.

— Eu proponho que se faça a analogia de Cleopatra, lembrou um dos convivas.

— Não, vamos fazer a analogia da propria Fay, suggeriu Karl.

— Póde vir, dona Fay, bradaram todos em côro.

— E' homem ou mulher, perguntou Fay.

— E' mulher!

— Qual é a flôr favorita dessa mulher?... inquериu Fay.

— Orchideas!

— Que lhe daria o marido delia?

— Carmin para os labios... com veneno!

— Qual a divisa?

— Sou companheira do diabo!

— Então sou eu!... exclamou Fay.

— Adivinhou!... bradaram todos.

* * *

Na exposição de quadros.

Fay enthusiasma-se ao ver o seu retrato com moldura de ouro entre os outros quadros expostos por Karl.

— Foi você que pintou o meu retrato... ás occultas?

— Sim, fui eu! Sua imagem está sempre na minha mente!

— Tenciona demorar-se em Londres?

— Sim, aluguei uma casa num dos suburbios onde passarei o inverno.

— Conhece bem Londres?

— Não conheço, mas eu pouco saio. Estudo muito durante o dia.

— Então poderá divertir-se á noite. Minhas soirées são muito animadas.

— Fay, escute. Uma velha senhora que eu conheço disse-me que festas constantes servem ás vezes para occultar um desgosto...

— Talvez, Karl, mas eu não me posso demorar mais. Passei uma tarde muito agradavel...

— Ora, ainda é cedo. Converse commigo...

— Parece que você quer obrigar-me a não fazer o que eu quero.

— Fay, diga-me primeiro qual é o desgosto que a opprime e afflige? Tendo um esposo exemplar, você devia ser a mulher mais feliz do mundo.

— Sim, Ronald é muito estimado em toda a Inglaterra.

— Fay, eu gosto de você contra minha vontade...

— O mesmo me passa a mim, Karl!

— Ainda ama seu marido?... querida Fay.

— Não! Elle matou meu amôr!

— Tanto melhor! Ah! meu amôr, dá-me um beijo!

— Não, Karl! Não quero que nosso amôr se converta num affecto vulgar!

— Então promette-me que depois do teu divorcio casarás commigo!

— Karl, eu não posso divorciar-me, porque não posso revelar o nome da minha rival.

Enriquecer o espirito vale mais do que enriquecer a bolsa, e Karl, depois de se despedir de Fay, decidiu desvendar aquelle mysterio para que não tornasse a haver um eclipse total em sua esperança matrimonial. Novas surprezas, porém, impediram-lhe os passos augmentando as complicações até ao enlace deste phonofilm que appella vibrantemente para todos os gostos.

"PAS D'ARGENT, PAS DE SUISSE..."

De HORMINO LYRA

Talvez por não encontrar a traducção da phrase que serve de titulo a estas linhas, inventou o povo esta: "Quem não tem dinheiro, não faz a barba" ou "a suissa".

O afamado lexicographo patricio, Antonio de Moraes e Silva, não a consignou no *vocabulario de palavras e phrases latinas e estrangeiras*, annexo ao celébre diccionario; olvidou-a tambem Jayme Seguier nas *locuções latinas e estrangeiras* em seu "*Diccionario Pratico Illustrado*"; a mesma coisa aconteceu nas *expressões latinas e de outras linguas* de A. de Medeiros em sua "Arte da Revisão", etc.

Não é novidade; porém não será baldado dizermos algo acêrca do assumpto para os possiveis inscientes do facto, pois ha muita gente bem preparada nalguns ramos do saber humano sem ter tempo, gosto ou opportunidade por enveredar nas malhas intricadas da Historia.

* * *

Tambem é esta a verdade: resolvemos escrever as presentes linhas, por outro dia havermos lido aquella traducção imaginaria e ficticia... Quanto ao impresso, *nihil interest*.

Não obstante o exercito espartano de hoplitas com a sua phalange, tactica muito grosseira mas sempre vencedora de tropas desordenadas, e sem levar em conta a phalange da infantaria macedonica e os soldados a pé ao tempo de Carlos Magno, e depois dos besteiros, christãos armados de bésta nas cruzadas, e dos archeiros no seculo quatorze, pertencentes aos exercitos do Reino britannico, sendo que ambos, besteiros e archeiros, tambem combatiam a pé, — foi o povo suisso quem, no seculo quinze, creou propriamente a infantaria. E os confederados suissos derrotaram os exercitos dos duques de Austria e de Borgonha.

Com as suas lanças de seis metros de comprimento, bem mais compridas que as dos cavalleiros, combatiam a pé sem deixar o inimigo romper-lhes as fileiras. Mais tarde, os allemães imitaram os suissos com o corpo de lansquenetes, usando o mesmo pique, lança comprida como a dos outros.

E tornou-se a guerra um officio para os aventureiros suissos e lensquenete. Serviam a todo principe que os quizesse ter a seu soldo, mas serviam lealmente, brigando de verdade em favor de quem lhe dava paga em dinheiro; ao contrario dos aventureiros italianos, dos *condottieri* mercenarios, empreiteiros de guerra que entravam em combinação para os exercitos inimigos não se prejudicarem, motivo pelo qual o encontro destes não passava de combates simulados.

Os suissos, justiça se lhes faça, combatiam com honestidade; porém "só se batiam por dinheiro: *pas d'argent, pas de suisse*".

VIAGEM DE ESTUDO...

QUANDO Paulo Couperin rompeu com Colete Darmont, para esquecer sua dor começou a beber, mais que de costume. A magua era fraca, e, assim, Paulo, bem *treinado*, podia beber bastante, até fazel-a de todo desapparecer. E era isso o que diariamente elle vinha fazendo no "Royal", a casa escolhida para ahi *afogar* no alcool a sua dor, operação que, á primeira vista, não lhe custaria muito. Mas, não passava, não desapparecia esse soffrimento que se ia prolongando...

— Uma mulher que salvei da miseria e da degradação! repetia Couperin; uma creatura que tudo me deve! Ella era simples e apagada figurinha do "Casino", como muitas outras que se lançam por centenas sobre o palco para movimentar um final de revista. Tiro-a desse meio, faço-a entrar para o *studio* Clodomir, onde nada me recusam porque papae é o principal commanditario dessa *boite!* Entrar para o cinema era o mais ardente desejo dessa loureira — que, alem de tudo, não dava para nada, tanto que me foi preciso quasi implorar a Cornely, o "metteur en scene", para utilizal-a em qualquer papel. Emfim, a força de reclamo e cabotinismo conseguiu-se fazel-a ser bem recebida pelo publico. Actualmente ahi está como uma especie de *vedette*, graças a mim, unicamente a mim! Então, para me recompensar, trahe-me! E, com quem? Se ao menos tivesse escolhido um typo direito, melhor que eu! Mas, não: um *sujo*, sim um *sujo*, um cretinosinho mal alinhado, amulherado, que sequer não reagiu, ainda ha pouco, quando lhe appliquei na cara deslavada duas boas tapas!

Esta queixa, Couperin fazia a Eduardo Caillafeu, velho amigo que, tendo recorrido á sua bolsa mais de uma vez, bem lhe devia, em troca, algumas palavras consoladoras.

— Não pensa mais em tudo isso, respondia Eduardo. Dá o caso como liquidado e arranja uma outra já que Colete não te interessa mais. "Ellas" não faltam, bem o sabes, especialmente para ti: basta um gesto teu!...

— Sim, sei-o. Mas qualquer outra será a mesma coisa, não tenho duvida. As mulheres sempre me levam "na flauta", a tapear-me.

— Ah! o pobre desgraçado!, disse Eduardo.

— Podes troçar, mas isto nada tem de engraçado... E' sorte. Tive minha primeira amiguinha aos quinze annos, uma creatura moça ainda mas que poderia ser minha mãe! Pois bem: ella apenas se limitava a arrancar-me os "nickeis", então um tanto exiguos, enganando-me com outros. E o resto sempre assim: todas as minhas amantes exploraram-me, e, por cima, enganaram-me! Agora, explica-me porque... Tenho vinte e cinco annos, que é uma edade que me recommenda. Papae diz-me que não sirvo para nada porque não me interessam os seus negocios bancarios e outras coisas. Mas elle exaggera: sei fazer muita coisa: jogo tennis, guio bem um auto de corrida, gosto do golf, tambem, e, na ultima estação, quasi levanto o campeonato de aquaplano, em Juan-les-Pins. São coisas que "valorizam" a gente junto ás mulheres, de um modo geral não achas? E então?...

Um problema de tal natureza não se resolve assim á primeira vista, sem acurada reflexão. Houve pois um silencio, até que Eduardo Caillafeu achou ter encontrado a solução.

— Já sei, disse, com a maior naturalidade, é que tu és muito rico.

— Muito rico?

— Sim. Vou explicar-te: como dizias ha pouco não és peor que qualquer outro. Pelo contrario, melhor, em varios pontos de vista que muitos outros. Mas, as mulheres não te vêem como és realmente. Para dizer tudo, ellas não te vêem de modo algum, porque só enxergam em ti o "coronel", que geralmente, é um burguez endinheirado, feio e um tanto grotesco. São, assim, as mulheres: gostam do dinheiro, mas não gostam de quem lh'o dão. Eis porque, sem duvida, nunca inspiraes uma grande paixão.

O "consolador" calou-se um pouco, para accrescentar, depois com uma pontinha de sarcasmo:

— Que fazer, meu velho, se nem tudo se pode ter?

Paulo foi-se, depois dessa estirada. No dia seguinte já tinha tomado sua resolução.

— Vou viajar, disse ao seu creado, e não sei quando regressarei.

— E' preciso remetter a correspondencia do senhor, perguntou o serviçal.

— Não, não vale a pena, mesmo porque não sei ao certo para onde vou. Tambem não precisarei de carros. Diga ao Francisco para recolhel-os á garage e que aproveite a occasião para gozar quinze dias de férias.

Regulado este caso, telephonou para o Banco Couperin, onde já deveria estar seu pae.

— Allô!... Bom dia, papae!... Venho despedir-me de ti. Vou viajar...

"Uma viagem de estudo, de descoberta, se preferes... Não ria,

De Bernard Gervaise

papae: é sério!... Não, não o sei ainda... Não te afflijas, pois, se não receberes noticias minhas por estas tres ou quatro semanas... Mas, não. Não vou fazer besteira. Pelo contrario. Para teres a certeza disso, sequer não te peço dinheiro, agora, antes de partir!...

Depois desta communicação ao pae, vestiu um terno já um pouco batido, metteu algumas peças de roupa numa maleta e tomou um taxi. Vinte minutos depois, o chauffeur, á sua ordem, parava o carro numa pequena rua de Plaisance, defronte de um hotel modesto, o "Hotel du Jura".

A partir desse momento, ahi installado, Paulo Couperin teve surpreza sobre surpreza. Promettera a seu pae uma viagem de descobertas, e suas descobertas, foram realmente numerosas e de generos diversos. Na ordem economica, por exemplo, descobriu que um rapaz solteiro póde viver em Paris, e muito bem, sem gastar quarenta mil francos por mez.

Bastava, para isso, descer ao "Hotel du Jura", onde os mais bellos quartos custavam apenas 150 francos por quinzena; tomar pensão em casa de um pequeno commerciante de vinhos, onde se comia admiravelmente á razão de 12 francos para cada refeição, e, de viajar de auto-omnibus para ir tomar o seu café no bar e o seu aperitivo na *terrasse* de qualquer estabelecimento sem pretenções de luxo.

Na ordem culinaria, descobriu muita coisa que não conhecia, como "lapin en gibolette", "tripes á la mode de Caen", "ragout de mouton", "soupe aux choux", pratos de que não tinha a menor idéa e que achara excellentes.

Mas, foi no dominio sentimental que teve as mais surprehendentes revelações. Nesse terreno, verificou que se poderiam encontrar lindas creaturinhas, gentis e amaveis, bastante desinteressadas para se entregarem a um homem sem o menor intuito de exploral-o, sem calculo, sem jogo, e sem que elle nada lhe tenha offerecido ou promettido. Este phenomeno, personificou-o Suzanna, uma creaturinha linda, de facto, que elle conhecera no restaurante em que comiam, á mesma mesa. E o mais curioso é que ella nunca deixara de lhe dirigir a palavra quando, obedecendo a um madurameno reflectido, elle lhe fora apresentado como um simples empregado, momentaneamente desempregado.

— Trabalha na casa bancaria Couperin, disse lhe. Deixei-a, ha cerca de um mez, por causa de um chefe que me aborrecia muito. Agora, o peor é não saber quando encontrarei outro logar... Com semelhante crise!...

Como uma confidencia traz outra confidencia, Suzanna lhe contou, tambem, tudo, o que desejava saber. Trabalhava como steno-dactylographa numa casa de commercio. O patrão era bom para ella. Morava com uma irmã, por medida de economia, mas era inteiramente livre nos seus actos.

Este ultimo ponto verificou-se dois dias depois. Indo a um cinema com Paulo, ella esqueceu completamente o caminho de sua propria casa para acompanhar Paulo ao seu commodo de rapaz.

E, depois, como antes, sempre a mesma Suzanna, gentil e desinteressada. Quando se encontravam, no dia seguinte, á mesa cada um pagava a sua despeza, conforme ella propria combinara.

— Offerecer-me-ás um jantar quando te collocares novamente.

Todos os dias, solicita e carinhosamente perguntava-lhe o resultado das suas pesquizas. E, Paulo, que passava os dias a flanar, respondia tristemente:

— Nada! Não se acha nada! Apresentei-me, hoje, em seis escriptorios. Todos completos!

Cada dia tomava um ar mais lugubre, mais desesperado, fazendo-lhe sentir que seria forçado a restringir ainda mais as despezas, até mesmo com a alimentação, devido a sua precaria situação financeira. Suzanna, afflicta, esforçava-se por lhe fazer acceitar a metade da sua refeição.

— Para me fazer prazer, dizia-lhe.

Um dia, Paulo chegou mais sombrio que de costume. A principio, foi em vão que ella tentou fazêl-o falar. A todas as perguntas elle oppunha um mutismo feroz. Tanto, porem, ella insistiu que acabou por lhe arrancar o segredo: elle não tinha mais dinheiro nenhum para pagar o hotel. Estava ameaçado de ser posto na rua e de ir dormir em qualquer canto ao relento!

— Suzanna soltou um grito, um grito de alegria:

— Como?, disse, é só isso?... Mas, meu pobre querido, porque não o disseste logo? Tenho algumas economias e tudo se arranjará! Mais tarde me pagarás... e prompto!

E sem bem saber como as coisas se passaram Paulo viu-se com tres notas de cem francos na mão. Trezentos francos que uma mulher, sua amante, vinha de lhe entregar... Hesitou, um instante, só um instante, depois metteu na sua carteira estas notas providenciaes e miraculosas que elle devia guardar por toda a sua vida, como outros, diz-se, que conservam preciosamente o primeiro dinheiro ganho.

E elle, sentia, comprehendera que ganhara mais alguma coisa...

INGRATIDÃO

De FANFRELUCHE

PERSONAGENS: THERESA. — ANDRÉ. — JAYME.

ANDRÉ. — Estou contentissimo... Um triumpho assim!... Em todo o mundo se sabe, hoje, que fui eu o conquistador do premio *Legostris*... E que premio!... Colloca-me á altura dos maiores e melhores escriptores... Lembras-te quando comecei a escrever, ha dez annos?

THERESA. — Então não hei de me lembrar!... Moravamos naquelle quinto andar, sem outros moveis além de uma cama e uma mesa... Emquanto tu escrevias, eu descascava as batatas para o guizado... Teus primeiros leitores fomos eu, o porteiro e o Jayme... E como nos emocionavamos!...

ANDRÉ. — E minhas vacillações, e meus temores, e minhas duvidas?...

THERESA. — Quanto trabalho me custou vencêl-as!... Mais de uma vez te vi largar a penna, desalentado, e corri para te encorajar, para que tivesses fé e esperança em ti mesmo... (*Commovida*). Ah!... São coisas que não se esquecem.

JAYME (*entrando*). — Com licença?

ANDRÉ. — Entra homem, entra...

JAYME (*emphaticamente*). — Illustrissimo e reverendissimo senhor don André de Cortadillo, grande premio *Legostris* de literatura em 1931, futuro academico: minha humilde pessôa vem prostrar-se deante de vós e...

ANDRÉ. — Não sejas tolo... Dá-me um abraço (*Abraçam-se com effusão. Jayme enxuga os olhos*).

JAYME. — Olha: tive grandes emoções em minha vida, mas como esta... Seria capaz de chorar como uma criança!...

THERESA. — Pois olhe meus olhos como estão...

ANDRÉ. — Si vaes celebrar com lagrimas meu triumpho...

JAYME. — Ai, André!... Cada um celebra os acontecimentos com o que traz dentro dalma...

ANDRÉ. (*animando-se*). — Ha de chegar tua vez, homem...

JAYME. — Canço-me e anvelheço aguardando-a... Não espero nada... Continuarei sendo o traductor anonymo, a tanto o centimetro... Aquelle que anda de sapatos remendados e o terno lustroso... que é onde p'de brilhar... Si não fôssem essas alegrias que me chegam de vez em quando...

THERESA (*com terna censura*). — E parece-lhe pouco?

JAYME. — Você tem razão... As verdadeiras alegrias nos são proporcionadas pelos triumphos alheios — esses triumphos que somos incapazes de invejar. (*Toca o telephone e André attende*).

ANDRÉ. — Alô... Ah!... Muito prazer... Que?... No Auditorium?... Pois não!... Hein?... Sim, sim... Mas é muita honra... Hein?... Isso, positivamente, me confunde... Como?... Não: minha senhora não poderá comparecer. Ella se acha um pouco indisposta... Hein?... Obrigado, mas não tenho compromisso com amigo algum... Não reservem talheres... Como?... Sim... Obrigado, obrigado... Como?... Sim... Repito que é uma honra para mim... (*Desliga o telephone*).

THERESA. — Que ha?

ANDRÉ (*louco de alegria*). — Quasi nada!... Depois de amanhã me offerecem um banquete no Auditorium... Irá presidil-o o ministro da Instrucção Publica!... O ministro!... Comparecerão os academicos, todos os membros de associações culturaes, delegações estrangeiras... Ali me entregarão o premio, e um pergaminho, e uma plaquette de ouro offerecida por todas as mulheres intellectuaes que tomaram parte no banquete...

THERESA. — E eu não poderei ir?...

ANDRÉ (*um pouco pasmado*). — Haviam-te reservado um logar ao lado do ministro, um logar de honra... Mas... com que traje irás?... E como te apresentarias com essas mãos tão ordinarias, tão encardidas?... Seria uma vergonha... Uma vergonha para mim...

THERESA (*suffocando suas lagrimas*). — E' verdade... Não tinha pensado nisso...

ANDRÉ. — E como Jayme não tem casaca, tambem não poderá ir... Que transtorno!

JAYME (*sereno*). — Não te preoccupes... Eu beberei um copo de agua em tua honra... e de Legostris...

ANDRÉ (*como quem tira um peso de cima*). — Bem, bem... Eu tenho que sahir immediatamente... Theresa, não te esqueças de passar-me muito bem a camisa... Ah!... E preparar-me as meias de sêda negra... as luvas... Que não falte nada, por Deus... Até logo... Voltarei dentro de um momento... (*Sáe*).

THERESA (*pondo-se a chorar*). — Ingrato!... Ingrato!... Já nem pensa em nós!...

JAYME (*tristemente*). — Acalme-se, Theresa... A vida é assim... Estamos excluidos do festim... Nem siquer as migalhas nos tocarão...

THERESA (*soluçando*). — E' possivel?... Afastar-nos quando mais nos devia ter perto delle!...

JAYME. — Tudo constitue um estorvo para quem sóbe, minha amiga... Não o sabia? Fiquemos ao pé da escada amando e perdoando... Assim poderemos recebel-o em nossos braços quando chegue a cahir...

A VINGANÇA DO SANGUE

Corsega tem fama de ser a terra da *vendetta*. Não lhe fica, porem, atraz a Albania.

Quarenta e dois por cento dos crimes de morte occorridos nesse paiz tem como origem a chamada "vindicta de sangue".

E' coisa corrente na Albania que o sangue derramado pede outro sangue: o assassino sabe de antemão que o que fez outros farão com elle proprio e considera semelhante vingança como um direito.

A *vendetta* albaneza tem o seu codigo. Só os homens podem vingar-se.

A's vezes resolve-se amigavelmente a vindicta, mediante certa indemnização em dinheiro, mais ou menos vultosa, conforme o caso de honra.

A ORIGEM DO JAZZ-BAND

A jazz-band nasceu em Chicago, d'ahi passando para Nova Orleans, Nova York, e, por ultimo, para todo o mundo. Um musico negro, chamado Jazbo Brown, tinha o pessimo costume de embriagar-se e, quando se achava sob a acção do alcool, soltava, de vez em vez, uns gritos estridentes, selvagens, que dominavam a orchestra.

Certa noite, uma concurrente do "bar" onde Brown tocava, cansada de ouvir a symphonia que estavam executando, gritou:

— Ah! Vamos! Um pouco de Jazbo para nos animar-mos! Jazbo! Jazbo!

Jazbo Brown soltou seu grito habitual e os musicos, em côro, bradaram: Jazz! Jazz! Jazz!, como em estribilho.

Desde então, a orchestra dirigida por Brown misturou a suas melodias gritos, berros, dissonancias, que o publico applaudia calorosamente.

O TAMANHO DOS TESTAMENTOS

Quem redigiu o mais longo testamento do mundo? Até agora julgava-se tivesse sido um tal Bush, de Gloucester, que empregou 26 mil palavras ao escrever as suas ultimas vontades.

Segundo, porem, se verificou ultimamente, o sr. Miles, de Bristol, bateu-lhe o *record*, escrevendo um testamento de apenas... 32 mil e quatrocentas palavras.

O *record* do mais curto cabe ao tenente Frank Robson Kirkley, que morreu durante a guerra mundial. Este apenas escreveu no reverso do retrato de sua noiva o seguinte: *deixo-lhe tudo que possuo.*

ALGUMAS OPINIÕES SOBRE O AMÔR

Emquanto se ama, se perdôa. — LA ROCHEFOUCAULD.

No amor, só os principios são agradaveis. — PRINCIPE DE LIGNE.

Depois do amôr, só o odio é doce. — LONGFELLOW.

Só na atmosphera translucida da perfeita sinceridade póde o amôr viver. — MAETERLINCK.

O sentido mais verdadeiro e profundo da vida é o amôr. — MOSER.

A CASA BRANCA

APAGA os pharóes. Não faças soar a buzina, Mauricio... Não é coisa de chamar a attenção. Tirou do bolso uma lanterna electrica, cujo reduzido raio luminoso alumiou o caminho á frente do auto.

— Tens a bolsa? — perguntou-me meu companheiro.

— Sim.

— Então vamos lá.

Desviámos nosso itinerario alguns passos para a direita e nos internámos pelo campo...

— Estás certo de que é esta a verdadeira direcção? — perguntou-me Mauricio.

Uma repugnancia mysteriosa envolvia-me, e eu sentia como si a areia do chão penetrasse em meus olhos.

Chovia desde a vespera. Uma dessas chuvas meúdas e cálidas, que vento, com suas rajadas, açoita contra o rosto, com um cheiro de agua estancada e lamacenta.

— Estamos longe ainda?

Notei que Mauricio vacillava.

— Dá-me a planta! — ordenou-me.

Emquanto a chuva crepitava sobre a planta desdobrada, elle assignalou com a unha um ponto precioso sobre o papel.

— Ahi o tens! Olha!... Ahi está!

— A casa branca?

— Sim.

— E' uma aldeia?

— Não. Simplesmente umas ruinas. Bem pódes imaginar que, si houvesse habitações nas proximidades, eu não me arriscaria a ir com um pacote.

— Certamente!

Diminuimos a marcha. Meu companheiro continuou avançando a grandes passos. Sob seu abrigo de couro, eu via suas pernas fracas abrirem-se e fechar-se como traves. E uma espantosa escuridão me intoxicava.

Quando atravessámos o bosquezinho, eu me detive.

— Que ha? — perguntou-me Mauricio.

— Não sei... Estou desanimado.

— Vamos! Um pouco de coragem! Que diabo!... Já falta pouco para chegar!

Depois, como eu guardasse silencio, dominado por uma angustia insuperavel, elle continuou falando, com aspereza:

— Não temos tempo a perder! Anda! Passa-me a bolsa!

Entreguei-lha com mão tremula, e elle se perdeu na escuridão da noite clamorosa.

Não saberei dizer-vos o tempo que permaneci só. Pareceu-me interminavel, apesar dos cigarros que fumei um após outro, com a precaução de occultál-os em minha mão fechada, para não ser visto.

Quando Mauricio reappareceu, vi immediatamente o cubiçado objecto que enchia a bolsa sob o braço direito de meu companheiro.

— Aqui está! — disse-me elle, sereno. — E agora para o hotel, voando!

Após ter levado o auto para a garage, entrámos por uma porta de serviço para não chamar a attenção do guarda do hotel. E quando estavamos a sós em nosso aposento, eu disse a meu companheiro:

— Mostra-me! Quero vêl-a!

Mauricio rasgou a bolsa, com um gesto violento e appareceu a cabeça.

— Ahi tens! Havias pensado em semelhante cousa? — perguntou-me elle.

Talhado em granito, surprehendeu-me o rosto com a ferocidade de seus olhos obliquos sob uma fronte cavada, suas faces excavadas e sua bocca leonina em inquietantes rictus.

— Formidavel!

Uma ampla chaga granulosa atravessava a face direita da estatua.

— E' pena que haja sido deteriorada! — exclamou meu collega. — Mas... pelo preço que me custa, não tenho o direito de ser exigente.

Passou a mão pela ferida mineral. Em seguida ajuntou:

De Albert-Jean

— Collocada sobre um velludo negro, em um recanto do studio, vaes vêr o effeito que faz.

Eu pedi, então, alguns detalhes:

— Quando descobriste essa joia?...

— Ante-hontem. Fui pintar o bosquezinho. Haviam-me interessado aquelles muros em ruinas cobertas de ortigas e menta. Attrahia-me indagar por entre aquellas pedras. Nunca se sabe o que podem encerrar as ruinas. Mais de uma vez nos reservam interessantes surpresas. Ia retirar-me, quando descobri esta cabeça. Aquella gente não me perdoaria si me houvesse surprehendido arrancando uma pedra talhada.

— Como se explica que tenham podido deixar esta cabeça entre as ruinas?

— Isso já é pedir muito! Tudo o que posso dizer-te é que as pessôas evitam passar por ali. Dir-se-ia que têm mêdo.

— Mêdo de que?

— Ah! Não sei.

Meu collega agarrou-me pelo braço, bruscamente, e disse:

— Pois essas ruinas pódem muito bem estar sob a fiscalização do Estado. Pódem ser monumento nacional... Quá! quá! quá! Não quero negocios... com a administração publica...

Eu me fiz de desentendido, encolhendo os hombros.

— Sabes de sobra que eu não sou falador, nem tenho fama de indiscreto. Além do mais, no sabbado, embarcarei para Camerón. Não esperes que conte a historia aos indigenas...

* * *

QUANDO, tres annos depois, estava de regresso na França, meu primeiro cuidado foi devolver a visita a meu velho amigo. Fiquei um pouco surprehendido ao notar que uma enfermeira me entreabria a porta do studio. Quiz impedir-me a entrada, mas eu me oppuz com respeitosa firmeza, e avancei.

— Como é isto, Mauricio? E' assim que recebes teus antigos collegas?

Um estranho gemido me respondeu, e eu estremeci ao descobrir que a cabeça de pedra encontrada entre as ruinas da Casa Branca se erguia sobre uns hombros humanos.

— Mauricio?

A cabeça inclinou-se. Horripilava com a úlcera sangrante que lhe atravessava a face, passava pelos olhos e ia até a bôcca inchada como uma máscara de lama.

Meus olhos pareceram vêr que grossas lágrimas deslizavam pelas faces tumefactas, emquanto meu antigo companheiro assignalava a cabeça de pedra, collocada sobre um pedestal, a um recanto do studio. Dir-se-ia que a sua cabeça fôra modelada pela outra.

Aquillo era simplesmente horrivel e tão desconcertante, que fiquei sem palavras, sem voz, envolto em um ambiente de mysterio trágico, indecifravel, tremendo deante de um phantasma. Não me atrevi a mover-me e tive a impressão de estar sonhando: com um desses horriveis pesadelos dos quaes a gente desperta angustiado e offegante.

Senti, então, que uma suave mão me tocava delicadamente o braço, e eu me dexei conduzir sem resistencia pela enfermeira, até fóra do studio.

Então, o ar e a luz me reanimaram. Aspirei com delicia a brisa estival, e pareceu-me que tudo se dissipava como um desses quadros que, aos raios do sol, se apagam por completo. Mas isso não me bastava. Eu precisava saber, descobrir, de qualquer maneira, o mysterio. E perguntei, entristecido, á enfermeira:

— Mas, expliquemme, pelo amôr de Deus! Que é isto? Que houve?

A enfermeira pronunciou apenas uma palavra, uma só, e eu comprehendi, então, bruscamente, que as ruinas que haviam attrahido o pintor tinham sido, outrora, um lazareto de leprosos.

PAIXÃO DE ARTISTA

SEU temperamento artistico procurava uma novidade em cada manifestação sentimental. E chegado á realidade do instincto, debeiava-se na luta intima dos conceitos femininos, sempre identicos, apenas differentes nas expressões exteriores.

Sua sensibilidade doentia reclamava uma creação original de mulher. Era essa manifestação quasi morbida. De uma estirpe de poetas e loucos, tinha uma imaginação phantastica, projectando colorido irreal sobre todas as coisas. Seu pae morreu deante de uma obra de arte, exasperado, imprecando, horrivel em sua figura allucinada, gritando, ao Christo crucificado de uma téla immortal, toda a alma emprestada áquelle quadro de suprema perfeição. Sua mãe perscrutára a sciencia, á procura da incognita de problemas transcedentaes. Seu irmão mais velho, compositor e poeta, morreu num hospital. Corria em suas veias o sangue de tres raças: uma triste, outra aventureira e a ultima ardorosa. Da ascendencia herdára a erudição experimental, a arte, o talento e a arrogancia. Um tanto de sensibilidade tornára-o sceptico para a vida igual, repetida, de todos os dias. Desde cêdo se manifestára nelle a inclinação pelas artes, preponderando seu maior enthusiasmo pela esculptura. Deante de uma obra de Rodin curvava-se reverente, porque artista, tinha a precepção luminosa dos deuses... Mais tarde, quando, á pyra ardente da arte, quali... todos os seus sonhos, seu nome surgiu num esplendor de galas, ... então precedido da fama dos seus ancestraes. Suas obras tinham o fogo interior de expressões tão accentuadas, que se lhe adivinhava o amor com que talhava a pedra, obsecado pela imagem que lhe vinha do sub-consciente, como força concentrada, emotiva e productora de toda uma geração de torturados.

Mas, sua obra magna, sua mais bella obra de arte, elle não a tinha creado ainda. Vivia ella apenas em sua imaginação, creando forma gradativamente; seria uma obra perfeita, a mais bella realização da vida no marmore. A um bloco de granito daria movimentos, vida... negar-lhe-ia, apenas, os cinco sentidos, mas, a expressão falaria pela pedra, os contornos teriam tacto e si olhos faltassem a ... todo o conjuncto gritaria na unisona revelação apocalyptica da arte. A estatua soffreria a ago-... tia da paixão contida no artista ... e quêda, seria soberana em sua grandiosidade emotiva, tendo ... silencio a sublime expressão...

• • •

Em febre, cabellos desordenados, olhar vitreo, louco e poeta, ... começou a crear a sua obra. ... bloco impreciso, de marmore, ... surgindo, numa aureola de luz, ... corpo magico, a talhos firmes...

De Carlos Madeira

cinzel em mãos dum predestinado; numa pericia maravilhosa, a cada golpe elle marcava um sentido na pedra que se ia erguendo numa transformação. Nervoso, ardente, dava golpes e mais golpes e estrias de marmore cahiam, distante, como obstaculos rompidos para mostrar a harmonia esplendorosa daquelles traços, na mais expressiva e esoterica realização artistica.

Surgia, agora, o busto... Os seios pareciam, até, palpitar. O marmore vivia num corpo de mulher. As mãos do artista eram ageis e obedeciam, apenas, a uma força instinctiva. A estatua que vivera em sua imaginação, atormentando-o como um sonho de gloria, vinha para a realidade, aos poucos; ao clarão impetuoso do seu genio, aos poucos, como si estivesse a mulher idealizada e nunca entrevista, feita de sua tragedia intima, despindo-se da massa calcarea, para surgir numa apotheose de luz. Agora, aos contornos dos braços; uns braços energicamente, voluptuosamente abertos para um enlace de morte... As pernas... Era um estado hypnotico; o artista realizava essa maravilha, numa obsessão; só a chamma interior fundia a estatua. Elle se dava todo á sua obra feita das suas angustias e do seu sonho; essencia do seu soffrimento e da sua arte; desdobramento de sua personalidade; transfusão da sua grandeza emocional para a pedra plasmavel.

* * *

Só quando, radiante, aquella figura de mulher perfeita se ergueu viril, na nudez embriagadora de suas fórmas talhadas por um genio, o artista, transformado, examine, cahiu aos seus pés. E ergueu os olhos para a estatua; pareciam veias os filetes do marmore, e aquelle corpo tinha uma expressão tão quente, que parecia correr sangue naquelle corpo, por aquellas veias...

"E' a mulher que andei procurando — disse o artista — E' a minha creação. Não me trahirá."

E abraçou-se á estatua. Era um abraço convulso, nervoso... O creador parecia querer fundir-se á creatura. Olhou-a firme; bem nos olhos sem pupilas.

— Ella não me vê — exclamou. — Não me fala! Não me ouve! Eu não sei o que ella pensa! Vamos! Fala! Fala! Não! Não digas nada! Sinto que esse mysterio me attrahe! Fala! Vamos! Fala! Essa duvida me suffoca!

E convulso, allucinado, sacudiu a estatua.

— Não me trahirás! Não me trahe...

Antes fóra da realidade, na imaginação, sem haver tomado forma...

Nunca a houvesse abraçado!

* * *

De madrugada, o sol, numa orgia de luz, entrando pela janella aberta, foi illuminar a fronte do artista morto entre destroços da estatua.

Aquella mulher fria, de marmore, creação da sua arte, seu unico e allucinado amor, matou-o.

OS DANSARINOS

(SHERLOCK HOLMES) — POR CONAN DOYLE

Havia horas que Holmes estava sentado sem dizer palavra; tinha o dorso comprido e magro curvado sobre uma retorta de chimica, na qual misturava productos produzindo um mau cheiro especial. A cabeça pendia-lhe para o peito; ás vezes parecia-me ver um grande passaro, esguio, de pennas cinzentas e crista negra.

— Com que então, Watson — disse elle de repente — não faz tenção de empregar algum dinheiro em fundos sul-africanos?

Tive um movimento de espanto. Por muito habituado que eu estivesse ás faculdades de penetração de Holmes, pareceu-me absolutamente inexplicavel esta repentina invasão no dominio dos meus mais secretos pensamentos.

— Como percebeu isso? — perguntei eu.

Voltou-se no seu tamborete, ainda com o tubo de prova fumegante na mão e um lampejo de alegria illuminou-lhe os olhos cavos.

— Não é capaz de negar, Watson, que está muito admirado!

— E' verdade.

— Eu devia fazer-lhe assignar por escripto essa confissão.

— Porque?

— Porque daqui a cinco minutos vae dizer que era duma simplicidade inaudita.

— Com certeza que nunca direi semelhante cousa!

— Vae ver, meu caro Watson.

Pôz o tubo de prova na prateleira e começou o seu discurso, com ar de um professor que se dirige aos seus discipulos.

— Não é realmente muito difficil estabelecer uma serie de deducções apoiando uma nas outras, sendo bem simples cada uma dellas. Si, fazendo assim, se suppprimem as deducções intermediarias, e só se apresenta ao auditorio o ponto de partida e a conclusão, alcança-se um effeito surprehendente, ainda que por vezes falso. E, agora, não será realmente difficil examinando o intervallo entre o seu pollegar, e o seu index, chegar á certeza que você não faz tenção de arriscar o seu pequeno capital nas minas de ouro.

— Não comprehendo.

— E' possivel, e todavia depressa o vou fazer comprehender. Eis aqui os elos, que faltam a essa cadeia tão simples: 1º, hontem á noite, ao voltar do Club tinha você o giz entre o index e o pollegar da mão esquerda; 2º, é neste sitio que se segura o giz para besuntar o taco do bilhar; 3º, você nunca joga bilhar senão com Thurston; 4º, você disse-me, ha um mez, que Thurston tinha opção sobre as propriedades da Africa do Sul, e que, acabando o prazo para a resposta dentro de um mez, lhe pedira para se associar a elle; 5º, o seu caderno de cheques está fechado na minha gaveta da qual você me não pediu a chave; 6º, por conseguinte você não faz tenção de arriscar o seu dinheiro nestas condições.

— Como é simples! — exclamei eu.

— Perfeitamente! — respondeu elle num tom um pouco melindrado. Todos os problemas parecem muito simples depois de decifrados. Aqui tem um que o não está: veja como se sae delle, amigo Watson.

E atirando uma folha de papel para cima da mesa, recomeçou as suas analyses chimicas.

Vi com espanto hieroglyphos sem significação alguma.

— Mas, Holmes são desenhos de creança — exclamei eu.

— Parece-lhe isso?

— Que outra coisa poderá ser?

— Ora, ahi está o que muito desejaria saber o sr. Hilton Cubitt, de Riding Thorpe Manor (Norfolk). Recebi hoje este enigmasinho pelo primeiro comboio. Uma campainhada, Watson, é decerto elle.

Ouviu-se rumor na escada, e um instante depois appareceu um sujeito gordo, de cara rapada e vermelha. Os olhos claros, e as faces coradas davam a perceber que passara a sua existencia longe dos nevoeiros de Baker Street; parecia trazer comsigo os effluvios das brisas do mar tão fortes, tão frescos, tão vivificantes.

Depois de nos apertar a mão a ambos, ia sentar-se quando deu com a folha de papel contendo os extraordinarios signaes que eu acabava de analysar, deixando-a em cima da mesa.

— E então, sr. Holmes, que conclusão tira disto?

— Perguntou elle. Affirmaram-me que gosta muito de coisas mysteriosas; não me parece que possa encontrar outra mais esquisita do que esta. Remetti-lhe o papel antes da minha chegada para que tivesse tempo de o examinar bem.

— Primeiro que tudo, é um coisa muito curiosa — disse Holmes. A' primeira vista dir-se-ia um desenho de creança. Temos aqui uma porção de figuras extraordinarias dansando no papel em que foram desenhadas. Porque dará o senhor importancia a uma coisa tão grotesca?

— Eu não lhe ligava importancia, mas é minha mulher que lh'a dá. Anda horrorizada com isto; não diz nada, mas eu leio-lhe nos olhos o terror. Eis ahi porque desejo aprofundar o assumpto.

Holmes levantou a folha de papel para que a luz lhe batesse de chapa.

Era uma folha arrancada a uma carteira; os signaes estavam feitos a lapis.

Holmes examinou-a algum tempo, muito minuciosamente, e metteu-a na sua pasta.

— Isto parece-me um assumpto muito interessante e nada vulgar — disse elle. O senhor mandou-me alguns pormenores na sua carta, mas era favor repetil-os aqui ao meu amigo o dr. Watson.

— Não sei contar historias — disse o nosso visitante, esfregando as mãos vigorosas. Não se acanhem de me interromper sobre o que lhes pareça obscuro. Começarei a minha historia na occasião do meu casamento o anno passado; mas primeiramente devo dizer-lhe que, se não sou rico, a minha familia habita Riding Thorpe, ha aproximadamente cinco seculos, e não ha outra mais conhecida no Condado de Norfolk. O anno passado vim a Londres por occasião do jubileu, e hospedei-me numa pensão de familia, em Russel Square, onde estava tambem Parker, o pastor da nossa parochia. Foi ahi que encontrei uma joven americana chamada Elsie Patrick. Em breve, nos tornamos bons amigos e antes do fim do mez eu estava apaixonadissimo por ella. Casamo-nos socegadamente em presença dum *registrar* (1) e regressamos em seguida a Norfolk. Dirá talvez, sr. Holmes, que foi loucura da parte de um homem pertencendo a uma boa e antiga familia, casar assim sem conhecer o passado de sua mulher nem da sua familia, mas se a visse e conhecesse, por certo me comprehenderia.

"Ella foi muito franca, e devo dizer que me deu liberdade de me desdizer, se quizesse. "Convivi num meio que me foi muito desagradavel, e que desejo olvidar, disse-me ella.

"Estimaria muito não tornar a falar do passado, tão doloroso foi para mim. Se me acceita, Hilton, póde estar certo que a sua mulher de nada pessoalmente póde corar, mas deve contentar-se com a sua palavra, e permittir que ella guarde silencio sobre tudo o que se passou antes della lhe pertencer.

"Se acha estas condições demasiadamente duras, então volte para Norfolk, e abandone-me á triste vida em que me encontrou." Foi na vespera do nosso casamento que ella teve commigo esta conversação. Respondi-lhe que acceitava as condições e tenho mantido a minha palavra.

(1) Autoridade administrativa.

"Somos casados ha um anno, e temos sido muito felizes. Ha um mez, no fim de junho, vi pela primeira vez indicios de tempestade. Um dia, minha mulher recebeu uma carta da America; fez-se pallida, e depois de a ler, queimou-a. Não fez a este respeito a minima allusão, e eu tambem nada disse, por que o promettido é devido.

"De então para cá, nunca mais teve uma hora de socego.

"A sua physionomia assustada parece receiar pelo futuro. Era melhor ella confiar em mim, porque assim veria que eu sou o seu melhor amigo, mas até que ella fale, eu devo ficar calado.

"Ella é, creia, sr. Holmes, uma mulher muito leal, e sejam quaes forem os desgostos da sua vida passada, nenhuma falta tem de que se accuse.

"Por minha parte, não passo de um simples squire de Norfolk, mas não ha na Inglaterra um homem que colloque mais alto do que eu a honra da sua familia; ella sabe-o e já o sabia antes de casar commigo. Tenho a absoluta certeza de que ella nunca a manchará.

"Vamos ag ra aos pormenores extraordinarios da minha historia.

"Ha perto de uma semana, na terça-feira, encontrei desenhados a giz, no rebordo de uma janella, uma quantidade de bonecos dansando, semelhantes a estes que estão nesse papel. Suppuz que seria obra do moço da cavallariça, mas elle afiançou-me que nada tinha com isso. Tinham sido feitos durante a noite. Mandei-os apagar, e só depois dessa operação é que falei nisso á minha mulher. Com grande surpreza minha, ella tomou a coisa muito a serio, pedindo-me que se apparecessem outros, lh'os deixasse ver. Nada se passou durante uma semana; hontem de manhã,

(Continúa na pagina seguinte)

encontrei esta folha no jardim, em cima do relogio de sol. Mostrei-a a Elsie que immediatamente desmaiou. Desde então, anda como uma pessoa que vive num sonho, quasi inconsciente, com o olhar fixo e cheio de terror.

"Foi então que lhe escrevi e lhe mandei este papel, sr. Holmes. Não podia leval-o á policia, que com certeza desataria a rir de mim! Os senhores me dirão o que devo fazer, porque, apesar de não ser rico, se algum perigo corre a minha querida mulher, gastarei até ao ultimo ceitil para a proteger."

Era uma bella alma a desse homem da velha Inglaterra, simples, franco e terno, grandes olhos azues, uma cara aberta e cheia de bonhomia.

Em suas feições brilhavam com exhuberancia um grande amor pela mulher, e uma absoluta confiança nella.

Holmes escutara a sua narrativa com a maior attenção, e ficou um momento absorto nas suas reflexões.

— Não acha, sr. Cubitt, disse elle por fim, que o melhor plano seria dirigir-se directamente á sua mulher e pedir que lhe confiasse o seu segredo?

Hilton Cubitt sacudiu a cabeça.

— Um juramento é um juramento, senhor Holmes; se Elsie entendesse que m'o devia dizer, já o teria feito; não sou eu que devo forçar a sua consciencia. Em todo o caso, eu tenho o direito de tomar as minhas precauções, e é isso que faço.

— E eu ajudal-o-ei com toda a boa vontade. Vejamos em primeiro logar. Na visinhança foram vistas pessoas estranhas?

— Não.

— Supponho que o logar é muito socegado e qualquer cara nova seria logo notada?

— Na aldeia proxima sim, mas nos nossos arredores ha umas praias para banhos onde se alugam quartos.

— Evidentemente estes hieroglyphos têm alguma significação. Si são simplesmente figuras imaginarias, é impossivel decifral-os; si ao contrario elles constituem uma cifra, julgo que lhe poderemos achar explicação. Mas este especimen é tão curto que nada posso fazer, e os factos que acaba de me contar são tão poucos claros que não vejo base que auxilie as investigações. Parece-me pois que o senhor deve voltar para Norfolk, organizar alli a sua vigilancia, e tirar um "fac-simile" de qualquer desenho que torne a apparecer. E' pena que não tenha uma reproducção dos que já appareceram desenhados a giz no rebordo da janella. Faça um discreto inquirito para ver si têm apparecido caras novas pela visinhança, e logo que tenha conhecimento de qualquer novo indicio, venha procurar-me. Aqui tem o melhor conselho que por ora lhe posso dar, sr. Hilton Cubitt. Se fizer alguma descoberta urgente, estou sempre ás suas ordens para ir ter comsigo á sua casa em Norfolk.

Esta entrevista deixou Sherlock Holmes muito pensativo, e nos dias seguintes vi-o varias vezes tirar da pasta o documento, e estudar com vagar e cuidadosamente as extraordinarias figuras alli estampadas. Comtudo só quinze dias depois elle se referiu ao caso. Uma tarde, ia eu sahir quando elle me chamou ao pé de si.

— Era melhor ficar em casa, Watson.

— Porque?

— Porque recebi esta manhã um telegramma de Hilton Cubitt, lembra-se, Hilton Cubitt, e os bonecos a dansar? Chega a Liverpool Street a uma e vinte e num pulo está cá. O seu telegramma dá-me a entender que se têm dado por lá acontecimentos de alta importancia.

Não esperamos muito.

O nosso amigo de Norfolk veiu da estação o mais depressa que um carro o poude trazer. Parecia triste, desanimado, olhos fatigados, feições preoccupadas.

— Este negocio está-me atacando os nervos, sr. Holmes, disse elle, caindo extenuado numa cadeira. E' muito desagradavel sentir-se uma pessoa rodeada de creaturas desconhecidas e invisiveis que têm más intenções; quando, alem de tudo, vê por causa disso a propria mulher a definhar-se pouco a pouco, então é demais, não se pode supportar. A minha mulher emmagrece, consome-se á minha vista.

— Ainda não lhe disse nada?

— Não, sr. Holmes, e comtudo em certas occasiões, a pobre rapariga tem vontade de falar, mas não tem tido coragem de se resolver. Quiz ajudal-a, mas fui talvez desastrado, e assustei-a. Falou-me da antiguidade da minha familia, da nossa reputação no condado, do orgulho que tinhamos da nossa honra immaculada.... Julgava que ia desabafar, mas nunca passamos daqui.

— E o senhor por seu lado, achou mais alguma coisa?

— Sim, e muito, sr. Holmes! Tenho varios desenhos de bonecos para lhe mostrar, e o mais importante é que vi a pessoa.

— O que? Quem os desenhou?!

— Sim, apanhei-o em flagrante.... Mas quero contar-lhe tudo com vagar. Quando, depois da ultima visita que lhe fiz, voltei á casa, a primeira coisa que no dia seguinte se me deparou, foi um novo grupo de bonecos desenhados a giz na porta de madeira preta do deposito das ferramentas, ao lado do terreiro, justamente em frente das nossas janellas. Aqui tem uma copia exacta que fiz.

E pôz sobre a mesa o papel aberto.

— Era a reproducção dos hieroglyphos.

— Bravo! disse Holmes — peço-lhe que continue.

— Depois de os ter copiado, apaguei-os, mas passados dois dias, appareceu outro letreiro. Era outro *fascimile*.

(Continua no proximo numero).

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

EM TODO O BRASIL:

(Porte simples)

Anno....	(52 ns.)	....	48$000
Semestre	(26 »)	....	25$000

(Registada)

Anno....	(52 ns.)	....	65$000
Semestre	(26 »)	....	35$000

PARA O ESTRANGEIRO:

(Porte simples)

Anno....	(52 ns.)	....	60$000
Semestre	(26 »)	....	35$000

(Registada)

Anno....	(52 ns.)	....	95$000
Semestre	(26 »)	....	50$000

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

FON-FON

Revista Semanal Illustrada

EMPRESA FON-FON e SELECTA S/A.

Director: SERGIO SILVA

Redactor-chefe: Gustavo Barroso — Thesoureiro: Cyro Machado

Direcção, Redacção e Officinas:

62, Rua Republica do Perú, 62

(Antiga Assembléa)

Telephones: Administração: 2 - 4136

Director: 2 - 0377 Caixa Postal: 97

Endereço telegr.: FON - FON

Rio de Janeiro

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

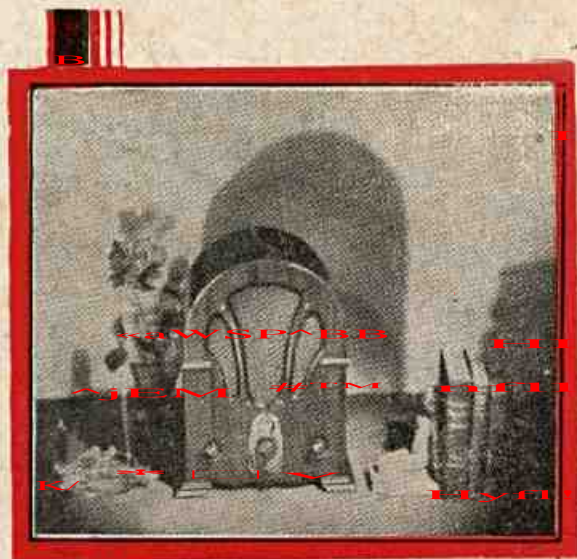
EMPRESA

FON-FON e SELECTA S/A.

Representante na Europa: E. Bourdet & Cia. 9, Rua Tronchet, Paris — 19, 21, 23, Ludgate Hill, Londres.

Venda avulsa .... 1$000

Numero atrazado ..... 1$500

Construído Especialmente para Proporcionar

Muito por um preço ao alcance de todos

Até o proprio corpo de engenheiros da RCA Victor se sentiu admirado no principio. Parecia impossivel que se pudesse construir um receptor que estivesse dentro das normas RCA Victor e vendel-o por um preço tão baixo. Construiram-no, e seus esforços superaram as suas esperanças mais optimistas.

Eis aqui o resultado de sua obra — o Radiolette RCA Victor. O maior triumpho em economia que tem presenciado o mundo musical. Um radio cuja selectividade, sensibilidade e reproducção supplantam as de qualquer instrumento por preço igual. Um verdadeiro instrumento musical por um preço ao alcance de todos.

O Radiolette contém os ultimos aperfeiçoamentos, a saber: O Radiotron Pentodo... um pequeno alto falante conico, cujo volume encherá amplamente a capacidade de uma sala... pesa apenas 7-1/4 kilos, podendo ser transportado para qualquer logar.

Talvez encontre outros radios por um preço tão baixo como o Radiolette, porém nenhum delles possúe seus méritos. Para que contentar-se com menos quando póde obter um bom receptor por um preço extraordinariamente modico?

RADIOLETTE RCA Victor

Visite-nos e ouça o ultimo modelo da RCA Victor. . ou peça-nos uma ***demonstração sem compromisso em sua propria casa*** *Vendas em 10 prestações, ou no Christoph Club com sorteios*

A' venda nas boas casas do ramo ou na Casa Christoph, Ouvidor, 98; A Melodia, Gonçalves Dias, 40; Casa Arthur Napoleão, Av. R. Branco, 122, no Rio de Janeiro; e Casa Christoph, S. Bento, 35; Casa Beethoven, Rua Direita, 25, em São Paulo.

Distribuidores Geraes:

PAUL J. CHRISTOPH COMPANY